

CARTAS AOS COLOSSENSES

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Werner de Boor

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2006, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL

Título do original em alemão

Der Brief des Paulus an die Philipper und and die Kolosser

Copyright © 1969 R. Brockhaus Verlag

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boor, Werner de

Cartas aos Efésios, Filipenses e Colossenses : Comentário Esperança / Eberhard Hahn, Werner de Boor / tradutor Werner Fuchs -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2006.

Título original: Der Brief des Paulus an die Epheser; Die Briefe des Paulus an die Philipper und and die Kolosser

1. Bíblia. N.T. Crítica e interpretação

I. Boor, Werner de, 1899-1976. II. Título.

ISBN 85-86249-89-0 Capa dura

06-2419 CDD-225.6

Índice para catálogo sistemático:

1. Novo Testamento : Interpretação e crítica 225.6

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS
ÍNDICE DE ABREVIATURAS
PREFÁCIO AO COMENTÁRIO ÀS CARTAS DO APÓSTOLO PAULO AOS FILIPENSES E AOS
COLOSSENSES
GRÉCIA E A REGIÃO DA ÁSIA MENOR NO TEMPO DE PAULO

Introdução à carta aos Colossenses

Saudação inicial - Cl 1.1s

A existência de uma igreja de Jesus constitui motivo de gratidão! – Cl 1.3-8

A intercessão apostólica suplica por crescimento vigoroso da igreja – Cl 1.9-14

Como Jesus é grande! – Cl 1.15-20

O grande Jesus – também para vocês! – Cl 1.21-23

O começo singular que Paulo possui – Cl 1.24-29

Lutando pela verdadeira unidade da igreja – Cl 2.1-7

Filosofia ou cruz de Cristo – Cl 2.8-15

Não à santificação legalista! – Cl 2.16-23

A santificação evangélica – Cl 3.1-17

Santificação no cotidiano do lar – Cl 3.18-4.1

A igreja participa do serviço missionário pela oração e pelo testemunho – Cl 4.2-6

Comunicações pessoais – Cl 4.7-9

Saudações finais – Cl 4.10-18

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de Colossenses está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

- Qumran** Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:
- O texto de Isaías
 - O comentário de Habacuque
- Sam** O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.
- Targum** A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.
- LXX** A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.
- Outras** Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):
- Latina antiga por volta do ano 150
 - Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
 - Copta séculos III-IV
 - Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
NT	Novo Testamento
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
LXX	Septuaginta

II. Abreviaturas de livros

- GB** W. GESENIUS e F. BUHL, *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch*, 17ª ed., 1921.
- LzB** *Lexikon zur Bibel*, organizado por Fritz Rienecker, Wuppertal, 16ª ed., 1983.

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

- RC** Almeida, Revista e Corrigida, 1998.
- NVI** Nova Versão Internacional, 1994.
- BJ** Bíblia de Jerusalém, 1987.
- BLH** Bíblia na Linguagem de Hoje, 1998.
- BV** Bíblia Viva, 1981.

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
1Sm	1Samuel
2Sm	2Samuel
1Rs	1Reis
2Rs	2Reis
1Cr	1Crônicas
2Cr	2Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cântico dos Cânticos
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações de Jeremias
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oséias
Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miquéias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
1Co	1Coríntios
2Co	2Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses

1Te	1 Tessalonicenses
2Te	2 Tessalonicenses
1Tm	1 Timóteo
2Tm	2 Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemom
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
1Pe	1 Pedro
2Pe	2 Pedro
1Jo	1 João
2Jo	2 João
3Jo	3 João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

Prefácio ao Comentário às cartas do apóstolo Paulo aos Filipenses e aos Colossenses

O grande mestre da igreja, o Prof. Dr. Adolf Schlatter, constantemente dizia a seus estudantes: “Senhores, vocês não sabem ler!” Era óbvio que os estudantes sabiam “ler” o NT grego, e de forma até mesmo satisfatória. Porém Schlatter entendia por “ler” aquela dedicação franca e desinteressada ao texto que permite apreender com fidelidade e precisão o que o texto realmente diz, deixando em segundo plano todos os raciocínios habituais e preferidos que se impõem de imediato à percepção do texto ou tentam sornateiramente se intrometer nela. Que esforço genuíno e que luta corajosa fazem parte desse tipo de “leitura”! Com que naturalidade igrejas inteiras ou congregações locais entendem trechos bíblicos imediata e exclusivamente à luz de sua dogmática costumeira, não se dando mais conta de que a própria Escritura afirma e transmite algo completamente diferente! Contudo, também para nós mesmos, ao estudarmos pessoalmente a Bíblia – como é difícil a verdadeira “leitura”! Crescemos em meio a concepções tão familiares que as consideramos corretas e “bíblicas” sem maiores questionamentos. Temos certas idéias prediletas, talvez estreitamente ligadas a experiências espirituais de nossa vida, que inconscientemente nos marcam e dominam. Aplicamos tudo isso involuntariamente ao texto bíblico e não nos damos conta de que não estamos mais “lendo” de fato, mas pendurando as opiniões de nosso próprio coração em palavras bíblicas. Enaltecemos as Sagradas Escrituras, declaramos que ela é a única regra e diretriz, a palavra de Deus que não engana. Porém, quando se trata de ler a Bíblia na prática, saltamos rapidamente do texto para nossas concepções costumeiras e preferidas, e não temos suficiente reverência diante da palavra de Deus para nos conscientizar mediante trabalho penoso e atento: o que, afinal, de fato está escrito aí? O que diz o próprio texto? Em certos grupos de cristãos podemos abrir a Bíblia onde quisermos: aquilo que de fato está escrito não tem importância e não é captado, mas as verdades especialmente prezadas por aquele grupo rapidamente são “encontradas” ali. Dessa maneira permanecemos pobres e, com excessiva frequência, também crescemos tortos, deixando esvaír-se toda a profundidade da riqueza que Deus preparou para nós.

O comentário a seguir não visa trazer pensamentos edificantes, para os quais o texto apenas serve de propício trampolim, mas visa ajudar a de fato “ler” as duas cartas propostas. Confia-se que o leitor realmente seja capaz de trabalhar duro e se esforçar desinteressadamente. Não podemos prometer que ele encontrará neste trecho tão conhecido do NT a sua própria teologia ou aquela que é familiar à sua igreja. Esperamos até mesmo que o leitor constate diversas coisas “novas” ou “muito diferentes” do que imaginava até então. Confia-se que ele apresente aquele zelo pela santa palavra de Deus que deixa em segundo plano tudo o que “evidentemente” acreditava saber sobre a mensagem bíblica, para ouvir de maneira totalmente nova o que as frases das cartas dizem no final das contas.

Somente o texto da carta em si, da maneira como foi dado pelo Espírito Santo ao coração e aos lábios do apóstolo Paulo, tem importância. Uma explicação não possui qualquer valor em si mesma, mas constitui somente uma tentativa de ajudar a ler o texto de forma precisa e acertada. Se o comentário a seguir puder prestar essa ajuda, de modo que os próprios dizeres das duas cartas tornem a brilhar de forma nova, viva e poderosa diante do leitor, isso será bom. Se um leitor tiver de discordar da explicação aqui oferecida, porque o texto, exaustivamente examinado, diz algo diferente à sua percepção, isso também será bom. Um comentário recebe sua mais bela recompensa quando ele próprio é totalmente esquecido porque a glória da palavra bíblica começa a brilhar, a ponto de tomar conta de todo o coração do leitor.

Quando se negociava a ida do Prof. Schlatter a Berlim, o ministro indagou: “Na verdade, professor, o senhor está apoiado na Escritura, não é?” Schlatter respondeu: “Não, Excelência, não estou apoiado na Escritura, estou debaixo dela.” Gostaria de também colocar-me **debaixo** destas duas cartas, junto com todos os leitores. Que nos seja

concedido que de forma alguma ouçamos a nós mesmos, mas com clareza e fidelidade somente aquilo que Paulo escreveu aos filipenses e colossenses.

Werner de Boor

Grécia e a região da Ásia Menor no tempo de Paulo

Introdução à carta aos Colossenses

A carta aos Colossenses é dirigida à igreja em *Colossos*, que pertence à província romana da Ásia. *Colossos* está localizada no rio Lico, não longe do lugar em que esse rio desemboca no rio Meandro, e a cerca de 200 km de Éfeso em direção do interior do continente.

Colossos estava ligada a Éfeso por meio de uma grande via comercial. Essa antiqüíssima e famosa via comercial ligava o mundo greco-romano entre o Mar Mediterrâneo e o Golfo Pérsico. A rota era Éfeso – Laodicéia – Colossos – Antioquia (da Pisídia) – Icônio – Listra – Derbe – Tarso – Isso – Síria – Mesopotâmia – Média – Pérsia!

Heródoto e Xenofonte já conheciam Colossos como cidade grande e rica. Plínio a cita entre as “mais afamadas cidades” da Ásia Menor.

A fertilidade do vale dos rios Lico e Meandro, o tráfego comercial muito ativo e uma florescente tecelagem geravam prosperidade e despertavam o espírito comercial e empresarial. Em toda parte havia grande demanda da lã muito preta produzida no vale do Lico.

Essa região fértil era freqüentemente abalada por intensos terremotos. O terrível terremoto da época do imperador romano Nero (por volta de 60 d. C.) deixou em ruínas as cidades de Colossos, Laodicéia e Hierápolis. Parece que Colossos não se recuperou mais dessa catástrofe. Aos poucos desapareceu da história.

Durante o tempo em que esteve nesta região por ocasião da segunda e terceira viagens missionárias, Paulo provavelmente *nunca* visitou as cidades do vale do Meandro e Lico. Um colaborador de Paulo, chamado Epafras, fundou a igreja em Colossos (Cl 1.6s; 4.12s). Talvez Epafras tenha se convertido ao cristianismo em Éfeso, por meio do apóstolo. Paulo o chama de “*um amado conservo*” (Cl 1.7). As igrejas das cidades vizinhas de Colossos, a saber, Laodicéia e Hierápolis, provavelmente também foram fundadas por Epafras (Cl 4.13). Quando Paulo se encontrava no cativeiro romano, Epafras levou notícias ao apóstolo acerca do amor dos colossenses pelo apóstolo, dando-lhe um relatório sobre o excelente estado da igreja (Cl 1.3ss). Depois Epafras também o avisou a respeito das graves ameaças à igreja por meio de heresias que haviam penetrado no grupo de cristãos de Colossos.

De Cl 4.12s depreende-se que Epafras não retornou imediatamente para Colossos. Conforme Filemom 23 Epafras deve ter compartilhado o cativeiro do apóstolo Paulo espontaneamente, como “*co-prisioneiro*” (Cl 4.10 e Rm 16.7). Isso explica porque ele ainda permanece junto de Paulo. Paulo chama seu colaborador Epafras de seu “*co-prisioneiro em Cristo*” (Fm 23).

A carta aos Colossenses foi levada pelo emissário *Tíquico*. Ele é citado em Cl 4.7. Tíquico é o mesmo mensageiro ao qual foi confiada também a *carta aos Efésios* (Ef 6.21). Em sua companhia estava o escravo Onésimo (Cl 4.9), que levava consigo a carta a Filemom, uma formidável carta de recomendação.

Embora Paulo nunca tivesse visitado a igreja de Colossos, considerou muito apropriado escrever-lhe uma carta. Assim como as demais cartas da prisão (veja a Introdução à carta aos Filipenses), a carta aos Colossenses também foi escrita em Roma.

A pergunta é, no entanto, *de onde* vinham as heresias que tanto ameaçavam a igreja em Colossos.

A circunstância de Paulo falar a respeito de preceitos alimentares e também do cumprimento de jejuns de lua nova e sábados (Cl 2.16) aponta nitidamente para heresias de origem *judaica*. Um relato do historiador judaico *Flavio Josefo* demonstra que havia judeus vivendo em Colossos, ao escrever que Antíoco Magno havia transferido cerca de 2.000 famílias judaicas para a Frígia (região em que se situava *Colossos*). Outra prova para o fato de que em Colossos havia judeus é que o general romano Glaco certa vez confiscou tributos judaicos recolhidos para o templo e destinados para Jerusalém.

Cumprir mencionar ainda um terceiro ponto: por ocasião da perseguição aos judeus na cidade vizinha Laodicéia, um total de 12.000 judeus teria sido morto nas três cidades - Colossos, Laodicéia e Hierápolis.

A existência dessa numerosa população judaica em Colossos também explica a exigência de que certas *leis* do AT não fossem deixadas de lado no propósito de alcançar uma “*santidade*” no discipulado de Cristo “*ainda melhor*” do que a anunciada por Paulo. Por isso se exigia o cumprimento do sábado e a celebração festiva de cerimônias de lua nova (Cl 2.16). A isso se acrescentava a ênfase unilateral nas leis levíticas de pureza e na circuncisão (cf. Cl 2.11,16,21). Defendia-se que cumprir tais preceitos combinaria muito bem com a fé dos cristãos, até mesmo tornando-a mais santa e perfeita.

A essas influências judaicas agregavam-se ainda as *seduções* de *hereses gnósticos*. Esses falsos mestres afirmavam que o discipulado autêntico de Cristo seria aprofundado por um *conhecimento superior*. O gnosticismo definia-se como filosofia (Cl 2.8). Dizia-se que o cristão estaria cada vez mais perto da perfeição pelo cumprimento de preceitos

ascéticos, pela obtenção de visões e intuições divinas, pela audição de “vozes interiores” (Cl 1.9,28; 2.10,16,18,21,23; 3.5,14; 4.12).

Ao invés de buscar e encontrar a redenção exclusivamente em Cristo, esses hereges cultuavam uma *auto-salvação* encoberta, porém muito consciente (Cl 1.13; 2.16-19). Ademais, esses hereges ensinavam que a morte redentora de Cristo teria de ser “*complementada*”, levando em conta *adicionalmente* também o mundo dos espíritos (Cl 2.18,23). Cristo não seria o único Mediador, mas faria parte de uma série de poderes espirituais. O conhecimento cristão pleno não poderia ser encontrado exclusivamente em Cristo.

Por um lado o movimento não pretendia, de forma alguma, romper com Cristo, mas dizia-se que não deveríamos exagerar na adoração e veneração do Cristo. Não seria admissível considerar secundários a fé nos espíritos, o culto aos anjos, a veneração dos “elementos”, porque “espíritos” e “anjos” e “elementos”, afinal, também seriam criaturas de Deus (veja o entendimento de “elementos” no comentário à carta aos Colossenses, 2.8,20). O poder dessas realidades também seria grande demais para que as deixássemos em segundo plano.

Além disso, uma função importante era exercida pelas “tradições humanas”. Talvez não se deva levar em conta tanto os “preceitos dos anciãos” e mais os antigos costumes populares e doutrinas transmitidas via oral, que haviam surgido da idiossincrasia étnica dos colossenses. –Paulo e seus colaboradores teriam dado importância de menos a isso...

Qual é a resposta do apóstolo a essas heresias de Colossos que, por princípio, visavam complementar o cristianismo apostólico, uma vez por meio de uma “*santidade superior*” e outra vez por meio de um “*conhecimento superior*”? A resposta de Paulo a essas heresias, que sempre revelam o coração humano real, ou seja, o intuito de querer aperfeiçoar a obra redentora de Cristo *através de esforços e empenhos próprios no agir e pensar*, anotada na carta aos Colossenses, é a seguinte:

A extraordinária dignidade divina e glória da pessoa de Jesus Cristo são “cinzeladas” de forma maravilhosa e translúcida. Explicita-se sua eterna superioridade pré e supramundana sobre tudo o que é criatura, também sobre os anjos e poderes espirituais. A plenitude da divindade habita corporalmente nele. Ele é o Redentor. Ao lado dele não há outro ente espiritual que seja Mediador de nossa salvação. Ele é o cabeça da igreja, que é corpo dele. A redenção não apenas foi consumada completa e unicamente em Cristo, mas nele qualquer pessoa também pode amadurecer para a perfeição, nele exclusivamente (Cl 1.13s,28; 2.2s,10).

Quem reconhece a Cristo e vive nele não precisa de sabedoria mundana nem de filosofia falaciosa. Porque em Cristo “estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento” [Cl 2.3]. Cumpre render-se constantemente a essa riqueza, com devoção humilde e com a vivência íntegra da santificação prática (cf. Cl 1.6,9,10; 2.2,3; 3.10,16).

Assim como nos imponentes mosaicos das basílicas (edifícios de igrejas) do cristianismo antigo o *Kyrios Christos*, i. é, o “Senhor Cristo” domina toda a nave da igreja a partir da apside (abóbada do altar), atraindo para si os olhares de todos e fixando em si os pensamentos das pessoas, assim Paulo faz brilhar o semblante do Filho de Deus diante dos olhos dos colossenses. Porque Paulo sabe: “Quem viu essa glória uma vez já não será facilmente iludido pelas tentativas substitutivas dos hereges.”

Adolf Reihmann, pesquisador do NT, comparou a carta aos Colossenses com uma “cantata dinamicamente pré-existente” de Bach.

Adolf Reihmann opina: “Quando abro a porta da capela da carta aos Colossenses, sinto-me como se Johann Sebastian Bach estivesse sentado na banquetta do órgão.”

Por volta do final do primeiro século, os escritos de João, seja no evangelho, seja nas cartas, dão continuidade a essas impactantes doutrinas cristocêntricas e instruções práticas da carta aos Colossenses. Quanto mais se compara a carta aos Colossenses com o prólogo do evangelho de João, tanto mais se descobrem entre ambos as mais maravilhosas correlações, uma prova da maneira singular e preciosa com que o cristianismo de Paulo e de João estão integrados, formando uma unidade.

As exposições de Paulo na carta aos Colossenses são construídas e desenvolvidas de maneira solene – sem qualquer polêmica. A melhor defesa, porém, contra todas as heresias e fanatismos é, tanto no passado quanto hoje, uma conduta santificada no poder de Cristo (cf. Cl 1.10-12,28; 2.5-7,10; 3.4,10,14,16; 4.12; etc.).

Fritz Rienecker

COMENTÁRIO

SAUDAÇÃO INICIAL - CL 1.1S

1 – Paulo, apóstolo de Cristo Jesus, por vontade de Deus, e o irmão Timóteo,

2 – aos santos e fiéis irmãos em Cristo [que se encontram] em Colossos, graça e paz [se ja] a vós da parte de Deus, nosso Pai.

- 1 A carta a seguir é escrita por **Paulo** (ou melhor: ditada; apenas a saudação final em Cl 4.18 foi expressamente escrita de próprio punho). Quando lemos essa carta, encontramos-nos em conexão direta com Paulo. A distância de 1900 anos foi transposta, ouvimos o próprio Paulo falar. Como esse fato é importante em face de todas as dúvidas históricas! Travamos um encontro com o homem que se tornou cristão poucos anos depois da crucificação de Jesus, que viu o próprio Ressuscitado, que conhecia bem a Pedro, a João e ao irmão de Jesus, Tiago! Com quanta atenção, com que cuidado temos de ouvir cada palavra: Paulo se dirige a nós!

No entanto, não fala como grande personagem, como ser humano importante e pensador original (embora também seja tudo isso!). Fala como **apóstolo do Cristo Jesus**. A palavra “apóstolo” é-nos familiar. Contudo, assim como a água adquire outra coloração e outro gosto ao perpassar diferentes camadas do solo, assim também palavras e conceitos, ao percorrer a história, facilmente recebem uma “coloração” que altera ou encobre mais ou menos seu significado original. As igrejas surgidas da Reforma eram sobretudo igrejas doutrinárias com fortes características acadêmicas. Muitas vezes a vida cristã constituía-se essencialmente de ficar sentado sob o púlpito, sob a cátedra. Por isso se via também o “apóstolo” sobretudo como um pensador e mestre. O termo hebraico, porém, que foi traduzido como “apóstolo” no grego, contém principalmente a idéia da autoridade atribuída. É o que aparece concretamente diante de nós nas palavras do Senhor Jesus em Mt 10.40; Lc 10.16; Mt 16.19; Jo 20.21-23. Não é pensar e falar, mas agir com poder que forma o centro da palavra, até mesmo quando o agir acontece por intermédio da “**palavra**”. Nossos conceitos políticos (aliás, a linguagem do NT possui um forte conteúdo proveniente do mundo político!) de “**emissário**”, de “mensageiro autorizado” reproduzem bem a idéia, justamente também da dignidade e do caráter público, que deve ser ouvida na palavra “apóstolo”. Foi assim que o próprio Paulo viu o sentido de sua incumbência: 2Co 5.20; 10.4; 12.12. Por isso o acréscimo do genitivo “do Cristo Jesus” não designa o conteúdo sobre o qual o teólogo Paulo reflete e fala, mas a indicação do grande patrão, em cuja autoridade ele atua. Vale para os colossenses e também para nós: “Atenção!” Não nos deparamos com o ser humano Paulo e suas opiniões teológicas, mas com o procurador do Senhor Jesus e portanto em última análise com o próprio Jesus. Conseqüentemente, alguém não pode “tornar-se” apóstolo da maneira como nos “tornamos” médicos, comerciantes ou engenheiros.

“**Pela vontade de Deus**”, coisa que não pode ser questionada, esse homem obtém essa inédita autorização. É assim que o próprio Paulo olha para sua vida e sua vocação em Gl 1.15s.

Conseqüentemente, as poucas palavras iniciais da carta se revestem de relevância difícil de ser superestimada, mesmo para nós, leitores atuais. Estabelecem um contato histórico direto entre nós e o primeiro cristianismo, e até com o próprio Jesus Cristo, colocando-nos basicamente na posição correta para ouvir da forma mais atenta possível: o procurador com plenos poderes do Cristo Jesus, escolhido e incumbido por Deus, fala a nós!

Nem sempre Paulo usava o proêmio da carta para apontar sua autoridade como “apóstolo”. Age assim de forma particularmente enfática no caso da importante capital imperial, Roma, e no caso dos gálatas, envolvidos em franca rebeldia. Mas no escrito mais antigo de que dispomos, dirigido aos tessalonicenses, ele menciona apenas o seu próprio nome e o de seus colaboradores, e na carta aos Filipenses, particularmente íntima, basta a designação “escravos do Cristo Jesus”. Paulo não usa nenhum papel de carta oficial com cabeçalho timbrado!

Somente nas cartas aos Romanos e aos Efésios Paulo se coloca sozinho diante da igreja. Em todas as demais cartas a igrejas ele imediatamente coloca pelo menos mais um irmão a seu lado, que se torna co-responsável pela carta. Por isso prossegue também agora: “**E Timóteo, o irmão**” (Sobre a pessoa de Timóteo, cf. o comentário a Fp 2.19). Portanto, o “nós” das exposições subseqüentes tem um sentido singelamente literal. É incerto se o que ocorre aqui é uma continuação consciente daquele “dois a dois” no envio dos discípulos por Jesus em Lc 10.1. Porém é fato que não devemos imaginar o pregador e missionário Paulo como um grande solitário que ainda por cima vigia ciumentamente para que nenhum outro o prejudique. Atos dos Apóstolos fornece um quadro diferente, p. ex., 13.2; 13.15; 13.43; 14.1; 15.2; 15.35; 15.40; 16.10; 16.13; 17.4; 17.10. O próprio Paulo confirma isso, justamente para Corinto, onde, conforme Atos dos Apóstolos, ainda se poderia imaginar que Paulo atuou sozinho: 2Co 1.19! Isso não representa uma restrição de sua autoridade, mas uma confirmação

de que o que está em jogo aqui é uma causa, e não pontos de vista nem opiniões; uma causa corroborada pelo testemunho de duas ou três testemunhas (cf. 2Co 13.1 de acordo com o paradigma do AT em Dt 19.15). Paulo enfatiza: esta minha carta não comunica minhas concepções pessoais, mas verdades divinas, atestadas pelo irmão Timóteo. Como isso é importante para nós, que, ao longo da história eclesiástica mais recente, com suas “tendências” e mestres eruditos, também consideramos o pastor no púlpito como um “orador”, que expõe diante de nós suas “opiniões” sobre Deus!

- 2 Na seqüência Paulo olha para as pessoas às quais ele dirige a carta. De acordo com o teor ocorrem aqui *duas* “definições de lugar”: os destinatários da carta se encontram “em” Colossos e “em” Cristo. Um é seu lugar de residência terreno, que poderia mudar facilmente em vista da freqüente migração no império mundial daquele tempo. O outro é seu “lugar” fundamental e permanente, que determina toda a sua existência. Porque assim como o mundo jaz basicamente “no maligno” (1Jo 5.19), assim toda igreja verdadeira “jaz” “em Cristo”, independentemente de sua localização geográfica. Por estarem “em Cristo”, as pessoas em Colossos estão desde já essencialmente ligadas ao “procurador do Cristo Jesus” e abertas para sua palavra. Precisamente por isso, afinal, são também de fato “irmãos”.

Além disso, “**irmãos santos e crentes**”. A carta ainda desdobrará o conteúdo dessas palavras de múltiplas formas. Aqui no começo cumpre-nos dar ouvidos ao som alegre e firme que reside nessa interpelação. Como nossas problemáticas nos levam a complicar tudo! Paulo tem perguntas e preocupações suficientes quando dirige os pensamentos a Colossos. Mas ele tem a visão límpida de que em Colossos há um grupo de pessoas bem específicas que são “santas”, que foram escolhidas por Deus e transformadas em propriedade dele, e que são “crentes”. Seu sim a essa escolha divina determina toda a sua existência. Paulo não considerou que seria “farisaico” designar determinadas pessoas daquela cidade da Ásia Menor de “santos e crentes”. E aparentemente também não se sentiu tolhido pela objeção de que na realidade não podemos ver o coração de ninguém e por isso nunca sabemos se alguém realmente crê.

O fato de essas pessoas residirem **em Colossos** não é decisivo nem irrelevante para suas vidas. O próprio Senhor Jesus “sabe onde vives” (Ap 2.13). O lugar onde moramos pode determinar o aspecto exterior de nosso destino e também influenciar sensivelmente nosso íntimo. Considerando Éfeso como ponto de partida, Colossos estava localizada no interior do continente, no vale do rio Lico, a apenas treze quilômetros das cidades de Laodicéia e Hierápolis. Grande e famosa no passado, havia sido deixada em segundo plano no tempo de Paulo pelo subúrbio político Laodicéia e por Hierápolis (“cidade dos santos”), famosa no campo da medicina e da religião. No monte Cadmo, a região montanhosa eleva-se até a altitude de dois mil e quatrocentos metros. É de formação vulcânica com vales muito escarpados e fontes termais terapêuticas, fértil e particularmente adequada para a viticultura. Famosos eram os tecidos tingidos fabricados em Colossos. “Colóssica” era a designação da cor de determinada coloração púrpura. Também há provas de ter havido uma próspera indústria de lãs e tecelagens na cidade. Por isso havia ali homens tão abastados como Filemom, cuja residência podia hospedar uma “igreja caseira” própria (carta a Filemom). Talvez justamente por isso a questão do escravismo também fosse importante (relacionada com a fuga de Onésimo?) para a igreja em Colossos (veja Cl 3.22-25): naquele tempo, “indústria” significava o emprego de muitos escravos. Poucos anos depois da missiva de Paulo a região foi atingida por um terremoto. Só dispomos de informações precisas sobre a destruição em Laodicéia. Porém é difícil que um lugar tão próximo como Colossos tenha saído ileso.

Paulo segue o estilo convencional das cartas de seu tempo. Como vemos em cartas como At 15.23; 23.26 (e em inúmeras cartas de pessoas famosas e desconhecidas da Antigüidade), no começo do escrito são citados o remetente e o destinatário, e ambos são interligados por meio de uma palavra de saudação. Isso pode ser feito de modo muito formal. O centurião Cláudio Lísias com certeza não pensou muito sobre a “alegria” que ele desejava a seu superior, assim como nós também estamos habituados a empregar fórmulas de saudação e votos orais e escritas sem pensar muito sobre elas. Paulo, porém, preenche com vida e verdade o costume epistolar de seu tempo, sem alterar sua forma exterior. Quantas coisas ele já introduziu na citação do remetente e dos destinatários! Agora ele saúda – diferentemente de Lísias. É verdade que recorre à mesma raiz etimológica, cuja forma verbal *chairein* = “alegrar-se” também é usada por Lísias. Mas o substantivo *charis* = “amabilidade, favor, **graça**” mostra o cumprimento real daquilo que significava a palavra de saudação grega. Graça traz

consigo alegria profunda e duradoura! Do mesmo modo Paulo acolhe a saudação habitual hebraica: *shalom* = “**paz**”. No entanto aqui também não se satisfaz com um voto impotente. Porque na verdade Deus, que é **nosso Pai** em Jesus, está presente. Quando do coração paterno do Deus vivo jorra sobre nós o fluxo vivo de sua graça, tornam-se presentes *chairein*, o alegrar-se, e *shalom*, a paz. Votos e desejos cristãos acontecem dentro de realidades divinas.

Falta na carta aos Colossenses a continuação habitual “e do Senhor Jesus Cristo”, assim como em 1 Tessalonicenses Paulo também não faz qualquer referência à origem de “graça e paz”. Não é de surpreender que a expressão tenha sido logo introduzida nos primeiros manuscritos, de modo que por isso também a vemos em algumas edições da Bíblia, p. ex., na de Lutero. Para nós, porém, é benéfico constatar, diante da tendência atual ao legalismo litúrgico, que também nessas questões Paulo permanecia totalmente livre.

A EXISTÊNCIA DE UMA IGREJA DE JESUS CONSTITUI MOTIVO DE GRATIDÃO! – CL 1.3-8

- 3 – Damos sempre graças a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando oramos por vós,**
- 4 – desde que ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes para com todos os santos,**
- 5 – por causa da esperança que vos está preservada nos céus, da qual antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho,**
- 6 – que chegou até vós; como também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo, tal acontece entre vós, desde o dia em que ouvistes e entendestes a graça de Deus na verdade.**
- 7 – segundo fostes instruídos por Epafras, nosso amado conservo e, quanto a vós [ou: a nós], fiel ministro de Cristo.**
- 8 – o qual também nos relatou do vosso amor no Espírito.**

- 3** “**Agradecemos**” – é assim que Paulo começa esta carta, como na maioria de suas epístolas dirigidas a igrejas (cf. Rm 1.8; 1Co 1.4; Ef 1.3; Fp 1.3; 1Ts 1.2; 2Ts 1.3). Somente quando luta pela igreja de Corinto em 2Co ele não tem como iniciar com gratidão pela igreja, mas somente com um louvor pessoal a Deus (2Co 1.3). E em vista das confusões nas igrejas da Galácia ele expressa imediatamente sua amarga dor (Gl 1.6). No mais, porém, Paulo sempre eleva primeiro um olhar agradecido a Deus. Será que nós também fazemos isso?

A gratidão dirige-se a “**Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**”. Apenas excepcionalmente, e condicionado especialmente pelo contexto, ocorre em Paulo um agradecimento direto a Jesus em 1Tm 1.12. No mais, ele sempre tem diante de si a Deus, o Pai, como a última fonte criadora de todas as boas dádivas. Ele direciona também a gratidão da igreja para Deus: Cl 3.17; Ef 5.20 e também 1Ts 5.18. No entanto, ainda que Deus já busque o coração e a gratidão dos seres humanos por meio de suas dádivas naturais (At 14.17; Rm 1.21), ele com certeza só será realmente reconhecido como “Pai” em Jesus Cristo, e é apenas através de Jesus Cristo que podemos agradecer-lhe corretamente. É verdade que o AT já mostra rudimentos de um entendimento da paternidade de Deus não a partir da “natureza”, mas da “história da salvação”: Dt 32.6; 2Sm 7.14; Is 9.6; 63.16; Jr 3.19; 31.9; MI 1.6; 2.10; Sl 103.13; Os 11.1. Mas é bastante significativo que esses rudimentos não se tornaram determinantes para o relacionamento de Israel com Deus: no judaísmo tardio o Deus inacessível, cujo nome já não se tem coragem de pronunciar, se afasta para distâncias cada vez maiores. Ainda mais que a ingênua idéia do ser humano moderno, de poder encontrar o “Pai” na natureza e na vida humana (“Irmãos, acima do céu estrelado tem de haver um Pai de amor”), se despedaçou. As palavras de Jesus constituem fato inconteste: “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Em vista desse imenso mundo enigmático da criação caída brota do coração humano unicamente por meio do “Espírito da filiação” (Rm 8.15; Gl 4.6) a verdadeira exclamação “Pai!”, quando e porque no Filho se tornou visível o amor do Pai (Jo 3.16; 14.9). Somente agora se consegue e também se deve agradecer sinceramente.

Essa gratidão, porém, não surge somente agora no coração de Paulo, quando ele começa a ditar a carta; muito menos é apenas uma amabilidade cortês para com os destinatários. Essa gratidão é genuína, porque há muito, antes de os colossenses saberem, ela já foi elevada a Deus na silenciosa reclusão: “**sempre quando oramos por vós**”. Devemos imaginar isso de forma tão concreta quanto

possível, afinal não se trata de fórmulas devotas. Muitas vezes Paulo e Timóteo se prostraram em oração perante Deus. Paulo investiu horas primordialmente (1Tm 2.1) para esse serviço decisivo. Então o nome “Colossos” também era mencionado, e depois veio aos lábios dos dois homens em oração a alegre gratidão. Os colossenses podem se sentir firme e intimamente ligados a Paulo e Timóteo, ao ouvir isso no começo da carta: “Oramos e agradecemos muito por vocês!” E isso certamente os deixará dispostos a acolher corretamente também as exortações e advertências que lerão posteriormente na carta!

- 4 Pelo que Paulo e Timóteo agradecem? **“Porque ouvimos da vossa fé em Cristo Jesus.”** Em Colossos há um grupo de crentes! – isso desperta a mais viva gratidão. Por muito tempo o cristianismo nos pareceu “óbvio”. Afinal, todas as pessoas, com poucas exceções negativas, eram “cristãs”. E obviamente havia igrejas e congregações em todos os lugares. O que haveria de especial nisso para “agradecer”?! No entanto o catecismo deveria nos ter ensinado que a fé em Jesus é uma obra milagrosa do Espírito Santo, o nascimento de uma nova vida divina. Hoje notamos novamente, nas salas dos quartéis, postos avançados e campos de prisioneiros, em fábricas e conjuntos habitacionais, que um “cristão” é uma raridade! Começamos outra vez a entender porque o coração de Paulo e de Timóteo foi preenchido de alegria e gratidão quando ouviram: pessoas aceitaram a fé em Colossos. No deserto de idolatria, superstição, incredulidade e insensatez agora também existem em Colossos pessoas com fé clara em Jesus. Isso é motivo de gratidão toda vez que o recordamos.

Paulo diz aqui **“fé dentro de Cristo Jesus”**. Essa expressão exclui vigorosamente aquele equívoco intelectualista da fé que ameaça particularmente a nós, pessoas da Idade Moderna. Ser cristão não consiste em crer “em” um Jesus, que no passado realizou grandes coisas e agora está distante no céu. Muito menos consiste em concordar com determinadas doutrinas desse Jesus. Fé é a ligação vital pessoal com o próprio Cristo Jesus, de modo que minha fé esteja enraizada “dentro” de sua pessoa viva e presente, transformando toda a minha existência em uma vida “dentro de Cristo”. Veja o acima exposto sobre o v. 2. **“... e do amor que tendes para com todos os santos”**, foi o que Paulo e Timóteo ouviram. “Fé, amor, esperança, esses três” caracterizam a vida, não tanto de cada cristão, que o NT nem reconhece como indivíduo solitário, mas da igreja. Acontece que esse “amor” não é algo indefinido, um sentimento universal, mas “amor para com os santos”. Conseqüentemente, está inseparavelmente ligado com fé autêntica, decorrente do renascimento. “Todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido” (1Jo 5.1). Afeto ou rejeição puramente humanos, o “conhecer segundo a carne” (2Co 5.16), i. é, segundo as qualidades naturais agradáveis ou desagradáveis submerge na alegria pelo outro, simplesmente porque também ele é um “santo”, um ser humano “em Cristo”. Como também nós voltamos a conhecer esse amor, quando um “santo”, alguém que como nós conhecia e amava a Jesus, vem ao nosso encontro na torrente de indiferença, oposição e escárnio! Esse tipo de amor representa um milagre da nova criação divina (1Jo 3.14; 1Ts 4.9). Por isso, ao vê-los, também se eleva a gratidão a Deus, que em meio a esse mundo de frieza, egoísmo e ódio conduz pessoas a tal amor fraterno.

- 5 Em seguida é pronunciada a última palavra da tríade: esperança. **“... por causa da esperança, que vos está preparada nos céus.”** A que idéia Paulo relacionou esse “por causa”? Será que os colossenses têm o amor para com todos os santos e, por conseguinte, também a fé em Cristo Jesus “por causa da esperança”? Porventura se apegam a Jesus e amam os irmãos porque se descortina para eles um futuro tão grande e glorioso? Ou será que “por causa” designa o último fundamento e o supremo conteúdo daquele “agradecemos”? Será a gratidão de Paulo e Timóteo tão forte e alegre porque os colossenses crêem e amam não apenas agora nesta época transitória, mas também terão participação na glória das eras vindouras? Ambas as conexões são gramaticalmente possíveis. Independentemente de qual das duas preferirmos, o que fica claro é que esperança no NT (aqui e sempre) não é um “apêndice” de relevância menor, mas aparece predominantemente no centro, sendo propriamente o alvo da gratidão, talvez até mesmo a base sustentadora da fé e do amor.

Além disso, “esperança” não designa aqui a atividade subjetiva de esperar, mas seu conteúdo objetivo, o “bem da esperança”. É o que mostra nitidamente o adendo **“que está preparada para vós nos céus”**. (O NT prefere utilizar o plural “os céus”, a fim de assinalar a riqueza e a multiformidade do mundo invisível de Deus. Paulo, p. ex., fala em 2Co 12.2 do “terceiro céu”, ao qual foi arrebatado.)

Mais uma vez, porém, corremos o perigo de involuntariamente introduzir concepções costumeiras no texto. O bem da esperança encontra-se pronto no mundo celestial – logo chegaremos a esse céu

depois da morte, achando-o ali e tomando posse dele. Concluímos isto porque perdemos toda a noção bíblica do futuro e colocamos em seu lugar (durante uma longa evolução na história da igreja) pensamentos sobre “imanência” e “transcendência” que não são originárias da Bíblia, mas da visão de mundo de Platão e do neoplatonismo. Uma comparação da presente passagem com Fp 3.20s; 1Pe 1.4s; Cl 3.3s e Ap 21.2 mostram-nos de imediato que a Bíblia pensa de forma completamente diferente. Todas essas maravilhas de nosso bem da esperança estão no céu não para que permaneçam lá e sejam apropriadas por nossas almas ditosas, mas para descer de lá e transformar toda a nossa existência. O fato de essa esperança estar preservada no mundo celestial somente pretende nos deixar seguros de que jamais poderemos perder esse bem da esperança, e que ele também não pode ser roubado de nós. Lá está mais seguro que jóias terrenas no mais seguro cofre do mundo (cf. Mt 6.20; 1Pe 1.4; veja também o Comentário Esperança, Mateus, p. 111ss).

“Da qual ouvistes de antemão pela palavra da verdade do evangelho.” A esperança está no futuro. O fim dos poderes destrutivos deste mundo, o reinado dos céus sobre esta terra, o fim do diabo e da morte, o juízo universal, o novo céu e a nova terra (tudo isso constitui o “bem da esperança” bíblico) – tudo isso na realidade ainda virá! Mas desde já ouvimos acerca disso na palavra do evangelho. Fica visível em que medida o evangelho naquele tempo abrangia tanto a mensagem do Senhor que retorna como a do Cristo crucificado e ressuscitado. Que empobrecimento e deturpação o evangelho sofreu desde então no cristianismo! Ouvimos tão pouco a respeito da esperança bíblica do futuro. Mas justamente ela é o verdadeiro alvo do evangelho, que por isso também é e continua sendo o “evangelho do reino” na pregação apostólica.

Os colossenses e também nós **“ouvimos de antemão”**. Conforme Hb 11.1 a “fé” é uma “persuasão de coisas que não se vêem”. Por princípio o santo Deus agora é invisível no mundo caído. Por isso, o “ver” só será nosso quinhão no mundo vindouro. Agora o “ouvir” é que constitui o objeto central dos crentes. “E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra do Cristo” (Rm 10.17; cf. Ef 1.13; 1Ts 2.13). Deus, porém, como Deus vivo, é o Deus dos feitos futuros. Sua fama diante de todos os “ídolos” é que ele anuncia previamente esses feitos (Is 41.21-23; 42.8s; 44.6-9; 45.18-25). Por isto, a glória da igreja é que ela possa “ouvir de antemão”.

Esse evangelho é a palavra da verdade. O conceito da “verdade” no NT tem menos o sentido da retidão individual e mais o sentido do real, essencial, em contraposição à fachada e à distorção da realidade. Paulo não enfatiza que os mensageiros do evangelho não mentiram aos colossenses (o que é óbvio), mas que lhes propuseram no evangelho realidades divinas. Isso vale justamente para a “esperança”, que, ao contrário de todas as esperanças e sonhos arbitrários das pessoas, é verdade de Deus.

- 6 Por isso de forma alguma o assunto principal são os mensageiros e suas qualidades subjetivas. Pelo contrário, o próprio evangelho é uma unidade coesa em si, de ação própria, com poder vital interior próprio: **“que está presente entre vós, como também está produzindo fruto e crescendo em todo o mundo...”** Com admiração Paulo percebeu que o evangelho está no mundo inteiro! O evangelho saiu de Jerusalém para a Judéia e Samaria, chegou a Antioquia, veio com Paulo para o Chipre e a Galácia, a Macedônia, Corinto, Atenas, Éfeso, mas também está onde o próprio Paulo não o consegue levar: na capital do Império, Roma, na cidadezinha de Colossos. De que forma nós conseguimos ver esse curso do evangelho hoje! Onde ele está, demonstra uma força irresistível, traz fruto, cresce.

Afinal, os colossenses o presenciaram pessoalmente. **“... como também entre vós, desde o dia em que o ouvistes e reconhecestes a graça de Deus em verdade.”** Por estar no mundo inteiro, espalhando-se como um aroma em todos os lugares (2Co 2.14), o evangelho chegou certo dia também a Colossos. E também ali realizou sua obra misteriosa em corações e consciências: homens chegaram à fé em Jesus. Pensamentos e ensinamentos humanos podem ser acolhidos lentamente e disseminados aos poucos. Mas quando o evangelho atua, ele remove rapidamente (“desde aquele dia...”) o véu que oculta a realidade de Deus do ser humano caído, e mostra a graça redentora de Deus “em verdade” (literalmente quase: “como não-encoberta”), de modo que pessoas a abraçam, encontrando sua vida em Jesus Cristo. Quantos frutos do evangelho houve também em Colossos; quanto crescimento também se pode constatar lá!

Paulo é capaz de falar do evangelho como se ele fosse uma pessoa autônoma. Mas ao falar assim não esquece que apesar disso são necessárias pessoas no serviço do evangelho. Por isso, sem se contradizer 1Co 3.6s, ele pode constatar enfaticamente que ele é o pai espiritual dos coríntios (1Co

4.15). Do ponto de vista lógico isto é uma contradição, porém a experiência de vida nos mostra poderosa e claramente que a palavra demanda o engajamento total incondicional dos mensageiros e que apesar disso desenvolve sua eficácia real por seu poder próprio. Por isso Epafras é mencionado também com reconhecimento cordial, como um homem que possui importância especial para a igreja em Colossos. No entanto o “grande” Paulo não coloca o “pequeno” Epafras abaixo de si, mas ao lado de si, como “**amado servo**” do único Senhor. Porque Epafras é um **servo fiel do Cristo**, e graças a esse serviço os colossenses alcançaram o melhor de sua vida. O termo “servo” deve revestir-se de uma conotação bem definida. Paulo não chama todos os cristãos de “escravos de Jesus Cristo”, mas somente pessoas que colocaram a vida a serviço de Jesus mediante o engajamento de toda a sua vida. Como “servo” Epafras é, portanto, “colaborador” de Paulo. Provavelmente veio de Colossos e foi atingido pela proclamação de Paulo durante a atuação deste em Éfeso, aceitando então a fé. Por incumbência de Paulo retornou a Colossos, a fim de prestar o serviço evangelizador em sua cidade natal. Essa suposição se torna ainda mais verossímil quando lemos uma variante muito bem fundamentada, que em lugar de “fiel servo para vós” traz “fiel servo de Cristo para nós”. Nesse caso Paulo considera Epafras praticamente como seu representante em Colossos, que realizou o trabalho ali expressamente “para Paulo (e Timóteo)”. Por seu turno, Epafras não tomou medidas receosas para que o grande Paulo não tivesse nenhuma oportunidade de interferir em “sua” igreja, lançando sombras sobre a luz dele. Alegrou-se sem inveja com o fato de que os colossenses amam a Paulo, não com o amor psíquico que se apegam ao homem famoso, mas unicamente com o amor gerado pelo Espírito Santo. Não temeu uma longa viagem até o prisioneiro Paulo para informá-lo sobre o amor dos colossenses e solicitar a palavra clara e auxiliadora de Paulo em relação às aflições e dificuldades da igreja. Como a conduta desses dois homens é exemplar para nós! Como a realidade entre “obreiros do reino de Deus” muitas vezes é diferente! No final da carta, em Cl 4.12, Epafras é citado entre aqueles que enviam saudações, e mais uma vez somos informados do desprendido empenho com que ele se engaja na oração pela igreja em Colossos.

A INTERCESSÃO APOSTÓLICA SUPLICA POR CRESCIMENTO VIGOROSO DA IGREJA – CL 1.9-14

- 9 – Por esta razão, também nós, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual,**
- 10 – a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra**
- 11 – e crescendo no pleno conhecimento de Deus, sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria,**
- 12 – dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz,**
- 13 – Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor,**
- 14 – no qual temos a redenção, a remissão dos pecados.**

9-11 Assim como o evangelho teve eficácia imediata em Colossos (v. 6), assim Paulo e Timóteo começaram imediatamente com a **intercessão** assim que ouviram acerca desta igreja. Contudo ela não se restringiu a uma única oração, por ocasião da primeira alegria causada pela nova notícia. “**Desde então não cessaram**” de lembrar de Colossos com intercessões.

O que um apóstolo pede em favor de uma igreja? Que seja preservada de pressões, aflição e sofrimento? Nada disso aparece aqui. Paulo sabe que segundo Deus a trajetória de uma igreja de Jesus necessariamente passa por muitas tribulações (At 14.22; 1Ts 3.4). Contudo o apóstolo está preocupado com que a jovem igreja em Colossos não fique parada naquilo que ela já possui e é agora. Sem dúvida, essa era a obra maravilhosa de Deus em favor do evangelho no meio deles, e Paulo e Timóteo agradeceram de coração por isso (v. 3). Mas Deus tem muito mais coisas e coisas muito maiores! Paulo não conhece a auto-satisfação prematura e a falsa modéstia, que tão facilmente nos levam a nos contentar com inícios precários. Tampouco compartilha nosso receio diante do “perfeccionismo”. Deus tem para nós a plenitude, por isso Paulo também busca confiantemente essa

plenitude para Colossos: “**plenos** de conhecimento” – “**toda** sabedoria” – “**todo** conhecimento” – “**inteiro** agrado” – “**toda** boa obra” – “**todo** poder” – esse é o modo “perfeccionista” com que Paulo ora! E sem sombra de dúvida ele leva essas preces a sério.

Porque assim como o evangelho é vivo, “frutificando” e “crescendo” (v. 6), assim também a igreja gerada por ele é um organismo vivo que não pode ficar parado, que não deve vegetar precariamente, mas ser capaz de “**frutificar**” e “**crescer**”. Uma poderosa palavra de “Avante! Para frente! Não fiquem parados!” É isso que o presente parágrafo deseja expressar.

Essa é a diferença marcante entre a vida eclesial apostólica e nossas circunstâncias atuais. Lá ainda não predominava esse clima de lamento e miserabilidade em relação a nós mesmos, que costuma ser a tônica de muitos hinos de nosso hinário. Todas as exortações dos apóstolos também estão repletas de um tom alegre e confiante. Mas a autocomplacência equivocada não é combatida com o relato da própria pecaminosidade e dos muitos fracassos, mas com uma visão clara do alvo e o olhar lúcido para a magnitude das tarefas que estão diante da igreja.

Em primeiro lugar é citado o “**conhecimento de sua vontade**”. Mas nós, modernos seres humanos intelectualistas, não devemos entender isso erroneamente. Paulo não pretendia dizer que os colossenses deveriam estudar muito mais dogmática e ética, para terem uma capacitação teológica melhor sobre Deus. Para ele importa algo muito diferente, que muitas vezes nos parece tão irrelevante ao lado da melhor teologia: a “**conduta**”, a configuração real da vida como um todo. Paulo, profundo conhecedor da miséria humana, evidentemente não se sente nem um pouco constrangido pela convicção (recorrente entre nós) de que, afinal, continuamos sendo os mesmos pobres e miseráveis pecadores e que por isso também a nossa conduta não produz nada senão fracassos e pecados. Ele quer – e toda oração genuína é uma vontade resoluta! – que a vida dos colossenses corresponda ao glorioso Senhor que os chamou. Como Jesus não era um dado teórico distante para Paulo (cf. acima o exposto sobre o v. 4), mas um Senhor pessoal vivo, “dentro” do qual os colossenses viviam, por isso ele, na perspectiva do apóstolo, tampouco pairava como um ídolo imóvel e impassível acima das igrejas, mas via e conhecia todo agir e toda omissão também dos colossenses, agradando-se ou não com isso. Paulo considera viável uma vida de igreja com a qual Jesus **se agrada inteiramente!** Do contrário, como poderia rogar seriamente por ela?

Na seqüência Paulo, mensageiro explícito da justificação somente por fé, não tem o menor receio de falar vigorosamente de boas obras! Considera possível que uma igreja não apenas dê fruto aqui e acolá, mas “**em toda boa obra**”. Ou seja, a igreja em Colossos precisa realizar coisas definidas e concretas de forma incessante. Então não haverá monotonia na vida eclesial. Então não surgirá uma indagação decepcionada e aborrecida pouco tempo depois da primeira alegria da conversão: e agora? Quando as belas pétalas das flores da primavera caem, a árvore trabalha silenciosamente em centenas de frutos.

No entanto, faz parte disso o “conhecimento da vontade dele”. Como assim? Porventura não conhecemos a vontade de Deus a partir dos Dez Mandamentos? A sua vontade não é sempre a mesma? Deus é em si mesmo o Eterno de vontade imutável, que infalivelmente alcançará seu alvo derradeiro. Mas ele é o Deus que determina o hoje da história de forma constantemente renovada, definindo de forma concreta sua boa e misericordiosa vontade aqui e agora, para cada cada igreja, cada um de seus membros e cada questão específica. As incumbências de Paulo e Pedro foram diferentes, e novamente especiais para João. Pelas circunstâncias de cada época, uma igreja de hoje tem outras tarefas do que uma igreja no ano de 1525. Por isso a respectiva vontade de Deus precisa ser constantemente apreendida, não apenas de forma mais ou menos e fragmentada, mas plena e integralmente. De modo crescente e renovado fazem parte disso (“toda”) “**sabedoria**”, capaz de perceber as correlações dos planos divinos, e “**entendimento**”, capaz de avaliar a situação existente e de encontrar os meios certos para a obra agora necessária. Isso, porém, não é sabedoria e entendimento que o ser humano possua por natureza em si mesmo. Com sabedoria “carnal” e habilidade humana nós nos enganaríamos na vontade de Deus. Ai da igreja que se deixa dirigir por elas! Carecemos da sabedoria e do entendimento “**concedidos**” unicamente pelo “**Espírito de Deus**”. Por isso o apóstolo roga por eles em prol da igreja.

Desse modo origina-se uma prática de vida eclesial que gera fruto por meio de toda boa obra. No entanto, é justamente apenas por meio de desse tipo de prática, e não somente da teoria obtida ao sentar-se à escrivaninha, que acontece um crescimento no conhecimento de Deus. Porque Deus não é um “problema” ou um “dogma”, mas vontade viva, do qual me apercebo gradativamente somente

quando ajo. Por isso leigos exercitados e amadurecidos na ação e no sofrimento espiritual repetidamente mostraram um conhecimento mais verdadeiro de Deus que muitos teólogos com seus numerosos livros.

Nós acreditamos que precisamos mostrar verdadeira humildade não deixando de acentuar incansavelmente nossa fraqueza e impotência. Paulo, porém, almeja e roga por uma igreja forte. Não há dúvida de que ela não consegue ser assim vigorosa em si mesma. Mas ela se relaciona diretamente com um Deus a respeito do qual declara em adoração: “Tua é a força e a glória.” E “**segundo a força da sua glória**” também será “**fortalecida com todo poder**”. Realmente não é honra para Deus se sua igreja está frágil e impotente, fracassando em todos os desafios. Isso não é “digno do Senhor”! Por isso Paulo anseia e roga também em Colossos por um cristianismo vigoroso.

O poder obviamente se mostra de modo bem diferente da força que o mundo admira. Caracterizam-na não a valentia, a bordoada, os punhos batendo na mesa, mas, pelo contrário, a “paciência” e a “longanimidade”. Novamente não se trata de um pouco ou de amostras, mas de “**toda**” a paciência e longanimidade que forem necessárias. Deparamo-nos aqui com um traço básico da ética do NT, recorrente em todas as cartas. Chama atenção que elas falam pouco dos Dez Mandamentos. Mas “amabilidade, humildade, mansidão, paciência” estão constantemente em foco. Assim como toda a força do Senhor da glória, vitoriosa sobre o mundo, se revelou justamente no fato de que ele sofreu e carregou sua cruz e morreu por rebeldes e inimigos, assim a força de sua igreja também reside em “suportar por baixo” e com “fôlego resistente”, resistindo diante do ódio do mundo sem fugir covardemente nem cair em ira e amargura. Desse modo ela demonstra que é mais forte que o mundo. Assim ela é digna de seu Senhor e obtém dele o beneplácito total. Suportar, agüentar, perdoar, amar inimigos – é claro que isso é indizivelmente difícil. Neste ponto soçobra toda força natural, toda valentia humana. Mas a igreja pode contar com o poder que lhe é concedido segundo a força da glória divina, da maneira como e pelo fato de que se está suplicando por ela.

- 12 A realidade de que ela não se limita a dar conta penosamente das tarefas que lhe são dadas, mas se apresenta “com todo o poder” é evidenciada particularmente no fato de que também em labores, lutas e fardos ela continua sendo uma igreja que agradece alegremente e “**dando graças ao Pai com alegria**”. Como é capaz disso? Ela sempre e em todos os casos tem numerosos motivos para agradecer porque sua vida foi completamente transformada por Deus. Isso se mostra poderosamente em todos os três tempos nos quais se subdivide nosso tempo de vida: passado, presente e futuro.

O futuro paira sombrio diante das pessoas. É verdade que elas colorem essa escuridão com suas esperanças e expectativas, mas no fundo sabem muito bem que suas ilusões sempre terminam em desilusão. E por trás de todos os seus planos espera a velhice, a decrepitude, a morte, a grande escuridão, o nada. Para “nós”, porém, houve uma transformação total. Temos um futuro brilhante porque lá está “**a herança dos santos na luz**”. Não a inventamos, não precisamos conquistá-la nem merecê-la com labores incertos. Cabe-nos uma “**parte**” totalmente certa dela, porque o próprio Deus nos “**tornou idôneos**” para ela. Paulo conhece a certeza clara e definida da salvação, obviamente não a considerando “farisaica”. Evidentemente também não tem a opinião de que essa participação na herança dos santos seria muito duvidosa em vista do juízo vindouro sobre o mundo. Constata que com jubilosa gratidão uma igreja de crentes pode estar ciente de ter sido tornada idônea para essa herança de luz. Por essa razão nós também já não precisamos verificar com temor e avidez onde há algo neste mundo que se pudesse “herdar”. Fomos libertos da inveja, da correria e disputa e capacitados para abrir mão, renunciar e perdoar com toda a paciência e longanimidade. Porventura isso não é motivo de gratidão?

- 13 Contudo o cristianismo não é uma “consolação para o além”. Também foi transformado e renovado o nosso presente, essa linha milimétrica tão decisiva que se coloca entre o que acabou de passar e o momento mais imediato do futuro. Nesse “agora” acontecem nossos atos e são tomadas nossas decisões. “Agora” pronuncio a palavra boa ou má, “agora” pratico a ação benéfica ou danosa, “agora” perco a oportunidade irrecuperável. Por natureza encontramos-nos todos na “**esfera de poder das trevas**”, tão certo como o diabo é o “príncipe deste mundo”, e até mesmo o “deus deste *éon*”. Ao aproveitar o agora, ao pensar e falar, agir e deixar de agir, somos escravos do inimigo. Quem de fato aprendeu a se conhecer sabe que isso não é uma difamação revoltante do ser humano, mas uma terrível verdade. Essa escravidão de forma alguma precisa ser rude e grosseira, pois pode ter formas delicadas e “nobres”. Conhece correntes e algemas de ouro que amarram suas vítimas de forma invisível, também nos píncaros da ciência, arte e moralidade. Lembramos particularmente também da

rede de superstição e feitiçaria que justamente hoje enleia multidões de pessoas modernas. Cartomancia, horóscopo, astrologia, vaticínios, benzeduras, espiritismo, o amuleto no carro e no avião –isso também constitui “esfera de poder das trevas”.

Somos libertos não por resolução e luta próprios, não por desesperados esforços, não por lágrimas amargas e bons propósitos. Justamente o lutador honesto e corajoso experimenta a verdade de Rm 7.19. É com autoridade que precisamos ser “arrancados da esfera de poder das trevas”. Foi isso que Deus fez! Porém não para agora nos abandonar a própria sorte. Que pequena ajuda significaria isso! Não, ele nos “**transportou para debaixo do senhorio do Filho de seu amor**”. Que transformação de vida é essa! Não uma possibilidade vaga, não uma perspectiva incerta de futuro, mas uma realidade! Tornar-se cristão implica uma mudança completa real de senhorio. É assim que Paulo descreve ao rei Agripa a conversão dos seres humanos como tarefa que recebeu de Jesus, em At 26.18. Que coisa maravilhosa, não precisar mais servir ao frio e cruel inimigo, mas poder devotar-se ao amado Filho de Deus! Essa mudança proporciona um “agora” totalmente novo, frutífero e abençoado. Inesgotável e diariamente renovada, a alegre gratidão eleva-se ao Pai por isso!

- 14** Contudo, porventura não carrego irremediavelmente comigo o fardo de meu passado? A peculiaridade desse tempo verbal é que o tempo de fato “passou”, que apenas o possuímos em imagens na recordação. Precisamente por isso, porém, ele também é imutável, incorrigível. O que está no passado ainda exerce uma poderosa influência em nossa vida. Notamo-lo particularmente em nossa – culpa! Que fardo de culpa cada ser humano arrasta atrás de si com seu passado! Justamente o psiquiatra e psicólogo moderno sabem quanto “nervosismo”, quanta irritação, depressão e enfermidade são decorrência dessa carga. No entanto, tampouco consigo livrar-me pessoalmente desse fardo. Qualquer tentativa de esquecer a culpa resulta no máximo em “recalque”, e precisamente isso leva a distúrbios nervosos e psíquicos ainda mais graves. Quem, no entanto, se achega a esse “Filho do seu amor” experimenta que nele “**temos a redenção, o perdão dos pecados**”. Que presente inefável e libertador! Pergunte aos mais famosos cientistas do mundo se conhecem um medicamento para libertar da culpa; pergunte aos grandes artistas se são capazes de eliminar da consciência a culpa através da música, ou da pintura, ou da poesia; pergunte aos ricos e poderosos desta terra se o peso da culpa desaparece diante de tesouros de ouro ou de exércitos blindados – a pergunta será em vão. Em Jesus você encontrará aquilo pelo que seu coração anseia, não apenas como possibilidade ou consolação difusa, mas como realidade total e ditosa, aqui e agora: “no qual... **temos!**” Porventura isso não será motivo para louvar e agradecer, mesmo na pior situação, mesmo no dia mais sombrio? E não decorre disso novamente “toda paciência”, “toda longanimidade”, que é capaz de acolher outros da maneira como Cristo nos acolheu?

Com essas palavras Paulo já passou para o tema que tem importância decisiva para ele justamente com vistas às questões e descaminhos em Colossos. Se os colossenses desejarem obter um juízo próprio sobre os “esforços de santificação” que lhes são trazidos com zelo e que lhes anunciam um cristianismo “mais perfeito”, então terão de ver como Jesus é grande.

COMO JESUS É GRANDE! – CL 1.15-20

- 15 – Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação,**
16 – pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.
17 – Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste.
18 – Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia,
19 – porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude (ou: nele decidiu habitar toda a plenitude)
20 – e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus.

O presente escrito é uma autêntica carta. Ao ditar, Paulo não pensou em escrever parte de uma “Bíblia” atemporal. Não cogitou que 1900 anos mais tarde pessoas na Alemanha, América ou Austrália haveriam de ler essas palavras. Eram os colossenses que ele tinha em vista e no coração.

No íntimo, preocupava-se com tudo o que ouvira a respeito deles, também suas perguntas e dificuldades. Queria dar-lhes resposta, ajudá-los a superar perigos de sua vida de fé. Aborda sua situação interior, seus problemas. Os colossenses vivem em sua época e seu contexto. Naquele tempo, no fim da Antigüidade, havia, assim como hoje entre nós, uma abundância de “visões de mundo”. Assim como hoje, naquele tempo podia-se ouvir uma série de palestras sobre visões de mundo e idéias filosófico-religiosas, além de ler escritos de vários tipos. Certos conceitos e idéias, palavras centrais e muitas vezes também bordões fascinam as pessoas. Os cristãos em Colossos não permaneceram alheios a tudo isso. Talvez eles mesmos, antes da conversão, tenham sido pessoas em busca, trazendo por isso consigo muitas perguntas e concepções. Ou se deparavam com reflexões sobre as visões de mundo de sua época quando começavam a falar do evangelho a outras pessoas. Afinal, será que o “simples” evangelho bastava diante de todos esses problemas e concepções? Será que Jesus, no qual sua fé deitara raízes, poderia prevalecer nesse fogo cruzado de visões de mundo? Na própria igreja parecia haver pessoas que respondiam não a essa pergunta e que por isso tentavam complementar e “aperfeiçoar” a mensagem de Jesus por meio de determinadas reflexões e concepções da época. Por essa razão Paulo passa a tratar dessas questões na carta. Obviamente não em forma de discussão! Não se pode “discutir” a respeito do evangelho! O agir redentor do Deus santo e vivo jamais pode nem deve ser objeto da discussão humana! Mas Paulo acolhe o universo conceitual daquelas visões de mundo, mostrando como Jesus é grande aos colossenses que se abalavam e inquietavam com elas, usando as palavras e expressões de seu entorno: ele é tão grande que, diante dos problemas de visão de mundo de seu tempo e contexto, não precisam de mais nada além dele, que traz em si a resposta viva a todas as suas perguntas.

Nesse caso, será que a parte subsequente da carta não se tornou de certo modo sem valor para nós? Porventura uma carta autêntica não está tão inserida em sua época que só é realmente compreensível para seus destinatários originais, sendo que 1900 anos depois só pode ser entendida com dificuldade e de modo insuficiente? Será que diria respeito no máximo a um pesquisador da história arcaica, que, depois de anos de estudo, seria capaz de, de alguma forma, reconstruir para si aquele mundo passado? Será que nós também não deveríamos tentar primeiro nos inserir mentalmente nas visões de mundo daquela época?

É este o milagre da Bíblia, impossível de definir com teorias: essas cartas genuínas, destinadas concretamente a pessoas específicas e escritas em situações específicas, ainda assim falaram e ainda falam a pessoas de todos os tempos, de todas as raças, de todas as classes e em todas as situações de vida! Também o presente trecho da carta aos Colossenses foi lido na Antigüidade, na Idade Média, na Idade Moderna e nos dias de hoje; foi lido na Europa e na África, por esquimós e indianos. E não foi colocado de lado por nenhum destes leitores, sendo considerado incompreensível e inútil, mas lhes desvendou com força divina o entendimento correto de Jesus. Prestará esse serviço também a nós, até mesmo quando desconhecemos o universo mental em que viviam aqueles colossenses.

Porque também nós, que vivemos uma realidade bem diferente quanto à visão de mundo, deparamo-nos com a pergunta se, afinal, o “simples” evangelho de Jesus seria suficiente em todos os problemas espirituais, em todas as buscas religiosas de nossa época e nosso mundo. Também entre nós houve quem tentasse tornar esse evangelho “moderno”, “eficaz” e “perfeito” por meio de todo tipo de adendos e ampliações, de reinterpretações filosóficas e religiosas. Será que devemos acompanhar essas tentativas, ou podemos continuar afirmando com alegre convicção: “Jesus, por isso, tu somente, és único e tudo para mim”?

Para isso precisamos de um Jesus *grande*! Que Jesus pequeno nós temos muitas vezes! Quantas vezes falamos displicentemente do “querido Jesus”, como se ele fosse quase um igual a nós e como se sua obra redentora fosse apenas uma pequena gentileza! Que Jesus pequeno aparece com frequência em pinturas, um Jesus do qual não se pode esperar que os demônios tremam diante dele, que os portões do reino dos mortos se rompam, e que tempestades e ondas se calem!

No entanto, quem é realmente este, “no qual temos a redenção, o perdão dos pecados”?

- 15** “**Ele é a imagem de Deus, do invisível!**” A invisibilidade de Deus é que constitui o apuro religioso. Por causa dela pode-se duvidar de Deus e negá-lo. Por causa dela todas as religiões do mundo têm incontáveis “imagens” de Deus, pintadas e talhadas, fundidas e esculpidas em mármore, ajeitadas com idéias e conceitos, rudes e nobres. Nenhuma, porém, satisfaz o ser humano que busca e indaga. “Mostra-nos o Pai, e isso nos basta!” (Jo 14.8) - esse é o clamor do coração humano. Deus, porém, não deixou essa busca e esse clamor sem resposta. Tem uma imagem que lhe corresponde

inteiramente, o “Filho de seu amor”. Presenteou-nos com essa imagem em forma humana na pessoa de Jesus. “Quem me vê a mim, vê o Pai; como dizes, então: mostra-nos o Pai?” (Jo 14.9). Tão grande é Jesus!

Porventura temos noção do que isso significa para nós? Agora conhecemos verdadeiramente a Deus e enxergamos seu coração! As pessoas desprezadas que são incapazes de ler e escrever, mas que conhecem a Jesus, sabem milhares de vezes mais sobre Deus do que os grandes pensadores sem Jesus com suas mais profundas obras filosóficas!

A distinção entre essa alegre mensagem e todas as especulações filosóficas é obviamente fundamental. Para o pensador, a invisibilidade de Deus faz parte da “natureza” dele. Ele não se incomoda em absoluto com um Deus que seja invisível e oculto. Por isso ele fica matutando sobre os caminhos pelos quais se poderia, apesar de tudo, entrar em contato com esse Deus invisível. Naquela época havia uma multidão de entidades intermediárias, de poderes angelicais e espíritos, que devia transpor o abismo entre o Deus inatingível e o mundo da criação e dos humanos. A mensagem bíblica, porém, explicita ao ser humano a assustadora verdade de que essa ocultação de Deus não está nem um pouco “correta”, pelo contrário: ela representa o sinal de uma catástrofe, da queda no pecado. Foi somente nosso pecado que transformou Deus em Deus “invisível”. Nós mesmos somos culpados de nosso apuro religioso, que não está fundamentado na “natureza” de Deus. Obviamente essa já não é uma verdade para mera reflexão e para construir sistemas de visão de mundo. Trata-se de uma verdade que atinge a consciência e somente pode ser acolhida por consciências despertas e atemorizadas.

É essa verdade que determina a peculiaridade das poderosas frases que passaremos a ler juntos. Essas frases se parecem com declarações filosóficas sobre Deus e mundo, com especulações “cosmológicas”. Mas essa “cosmologia” é, na verdade, pura “soteriologia”, pura doutrina da salvação. Aquele que nos restituiu o Deus invisível por vir a nós como “imagem dele”, não é uma grande entidade intelectual (o “Logos”, a “Sabedoria”), como considerava o pensamento contemporâneo daqueles dias, mas é aquele “no qual temos a redenção, a remissão dos pecados”. Ele, que “estabeleceu a paz por intermédio do sangue de sua cruz”. As afirmações sobre a verdadeira natureza de Jesus, sobre seu relacionamento com Deus, sobre sua participação na criação, não são expressas como conhecimentos filosóficos por causa delas mesmas, mas apontam para a obra redentora e visam explicitar sua magnitude de abrangência universal, sua absoluta suficiência universal.

Ele é “**primogênito de toda a criação**”. Paulo não pensa, como mais tarde o Credo Niceno, na diferença entre o “nascido” de Deus e tudo o que apenas foi “criado” por Deus. Olha para a prerrogativa e posição do “primogênito” entre todos os outros filhos, comparando com isso o relacionamento de Jesus com tudo o que foi criado. Contudo acrescenta de imediato algo impactante e surpreendente. Certamente a primogenitura confere grandes prerrogativas, mas não destaca totalmente do grupo de irmãos. Jesus, porém, não é uma criatura entre outras, ainda que a mais sublime e privilegiada. Jesus, a imagem de Deus, situa-se do lado do Criador, essencialmente separado de tudo o que é apenas criação. Jesus participa da criação, o próprio Jesus é Criador!

16 “Tudo foi criado nele e em direção dele.” Será que de fato estamos cientes disso? Consideramos-lo? Quando contemplamos o universo à noite e vemos oceanos de sóis acima de nós – é por meio de Jesus e para Jesus que essas imensas esferas ardentes seguem sua trajetória. Mas também a pequena flor silvestre que ninguém vê e considera – é por meio de Jesus e para Jesus que ela floresce. Tão grande é Jesus! Será que quando citamos o nome de Jesus na oração temos em mente que agora passamos a falar com aquele no qual “**foi criado tudo nos céus e sobre a terra, as coisas visíveis e as invisíveis**”? Porventura esse mundo freqüentemente tão sinistro não se torna mais familiar e aconchegante para nós, pois agora temos o privilégio de saber que estamos nos movendo na propriedade que desde a criação pertence ao nosso glorioso Redentor? E não terá razão por isso aquele marinheiro que disse: “O mar em que meu corpo afunda também não é mais que a concha da mão de meu Redentor, da qual nada me pode arrancar?” (Gorch Fock).

A criação de Jesus não acaba no “visível”, no que “está sobre a terra”. Criou também “**as coisas invisíveis**” e povoou também “**os céus**” com incontáveis criaturas, que nós chamamos de “anjos”. É evidente que esses anjos são bem diferentes das adoráveis figuras de crianças, moças e mulheres que nossos pintores nos propuseram. Toda vez que um personagem bíblico avista um anjo, esta pessoa se assustam e fica atemorizada. Há “quatro mil vezes mil” desses anjos (Ap 5.11; Dn 7.10). Que mundo

de vida, força e luz! Assim como tudo na criação de Deus é multiforme e ao mesmo tempo ordenado, assim parece haver também no mundo invisível dos espíritos grandes ordens e grupamentos, para os quais apontam as expressões “tronos”, “principados”, “poderes”, “potestades”, tanto aqui como em outras passagens do NT. Não serão esses entes e poderes majestáticos extremamente importantes para o ser humano? Não interferem eles com eficácia na vida dele, e até mesmo na história dos povos? (Dn 10.13.) Porventura não podem ser muito úteis ou muito perigosos? Não temos de tentar estabelecer um relacionamento com eles, e até mesmo lhes devotar adoração? Tais indagações haviam se manifestado também entre os cristãos em Colossos. Ou seja, não mais “somente Jesus”, mas “Jesus e os anjos”? Será que o cristianismo não se tornava amplo e perfeito apenas quando os misteriosos poderes cósmicos eram incluídos? Não! Por mais avassalador que esse mundo invisível possa ser, também ele foi criado por meio de Jesus e para Jesus. Entre o mais glorioso e poderoso anjo e Jesus se estende o mesmo abismo que separa a criatura do Criador. Jesus é aquele “diante do qual os serafins se prostram em oração, em torno do qual anjos prestam serviço”. Tão grande é Jesus! Por isso não existe “Jesus e os anjos”. Vale igualmente com vistas ao mundo invisível com todos os seus mistérios: “Jesus, por isso, tu somente, és único e tudo para mim.”

Jesus, o Criador acima de todas as criaturas – será que nos apercebemos, pois, do que acontece nos feitos milagrosos de Jesus durante sua trajetória terrena? Aquele por meio de quem o corpo humano foi criado toca corpos enfermos e deformados. Aquele por meio de quem Deus chamou à existência o cereal e o vinho multiplica o pão e transforma a água. O mar carrega prontamente o primogênito de toda a criação, vento e ondas silenciam diante daquele que é Senhor deles! E o serviço solícito dos anjos evidencia que os grandes poderes espirituais do cosmos de fato jazem aos pés de sua extraordinária sublimidade (Lc 2.9-14; Mt 4.11; Jo 1.51; Mt 26.53), assim como faz o tremor dos demônios (Mc 1.23-27; etc.).

Não obstante, mais importante entre todas as criaturas é o ser humano. Agora podemos aplicar ao ser humano, a nós mesmos: “criados por meio de Jesus e para Jesus!” Como isso é importante para toda a missão e evangelização! Quando chamamos pessoas para Jesus, não as chamamos para que se aproximem de uma pessoa desconhecida. Quando lhes testemunhamos Jesus, não lhes impomos artificialmente um personagem desconhecido. Chamamo-los para aquele a quem já pertencem por criação e por direito, trazendo-lhes aquele que, como origem e alvo de sua existência, há tempo já é sua verdadeira pátria. Por isso a palavra “Veio para o que era seu, e os seus não o acolheram” (Jo 1.11) paira constantemente sobre a rejeição a Jesus. Sem dúvida essa palavra fala primeira e particularmente de Israel. Mas, uma vez que o prólogo do evangelho de João é tão universalmente abrangente como a presente exposição de Paulo, falando do eterno Verbo do Pai como luz e vida “dos **seres humanos**”, manifesta-se na culpa de Israel a culpa de toda a humanidade. Cada um de nós, ao fazer um retrospecto de sua própria vida, precisa confessar: “Veio a mim, que lhe pertencia desde as origens, e eu – o rejeitei!” Só assim é que justamente o pecado (o pecado de “que não crêem em mim” – Jo 16.9) se evidencia com toda a sua característica incompreensível e indesculpável. A conversão a Jesus, porém, representa para cada um de nós, apesar de toda novidade de vida por ela propiciada, um maravilhoso retorno ao lar. E vice-versa: o fato de que pessoas de todas as raças e graus de desenvolvimento podem reconhecer a Jesus e confiar-se a ele de coração confirma e atesta que Jesus é aquele por meio do qual e para o qual todos nós fomos criados. Apesar de toda a atenção a questionamentos e conceitos da filosofia Paulo não nos fornece elucubrações teóricas acerca de Jesus. Permanece firmemente ligado à experiência viva da fé e nos mostra a grandeza de Jesus da forma como precisamos conhecê-la para nossa própria fé e para nosso serviço a outros.

Por meio desse conhecimento de Jesus também somos aliviados de uma preocupação que dificulta o acesso a Jesus para muitas pessoas. Se eu me render inteiramente a Jesus em uma conversão sincera, minha vida não se torna pobre, estreita e unilateral? Se Jesus fosse apenas um pequeno personagem religioso isolado, nós poderíamos ter razão com esse receio. Mas, se nos confiarmos àquele por meio de quem tudo foi criado, haverá algo que possamos perder ou de que sejamos privados? Não é imperioso que com Jesus, nesse caso, sou ganhador de – tudo? Afinal, meus bens e riquezas nunca poderiam ser mais abrangentes e completos do que quando o Criador e soberano do mundo todo me aceita como sua propriedade amada. Foi assim que o apóstolo Paulo considerou com audaciosa alegria: “Seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus” (1Co 3.22s) e

“Se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo...” (Rm 8.17).

Ademais, podemos ainda atentar particularmente para a maravilhosa verdade de que o universo, com toda a sua plenitude de mundos visíveis e invisíveis, não apenas foi criado “por meio dele”, mas também “**em direção dele**”. Aqui se descortina para nós a percepção de que a vontade de amor divina foi não deixar “prontos” o mundo e suas criaturas, mas propiciar-lhes a alegria do desenvolvimento próprio rumo a um alvo glorioso. Esse alvo, no entanto, para o qual a criação foi projetada desde sua origem, é Jesus! Sobretudo para os humanos havia a “determinação” de Deus em Rm 8.29: “que fossem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”, até mesmo independentemente da queda no pecado, desde o começo. Jesus, o Filho, teria uma relevância central para nós mesmo sem a catástrofe de nosso desprendimento de Deus. É evidente que se tornou o Reconciliador unicamente pela cruz. Mas teria sido Mediador e Consumador mesmo sem ela, ainda que não sejamos capazes de imaginar como tudo teria acontecido. Pela queda, porém, esse “em direção dele” obtém relevância e profundidade totalmente novas. Paulo falará disso em seguida. Nós, porém, faremos bem em preservar no coração e na memória o sentido original, essencial, do “em direção dele”, se quisermos apreender toda a poderosa fundamentação do reconciliador “para ele”. Também aqui “cosmologia” e “soteriologia” formam uma unidade.

- 17** Como o universo é criado por meio e em direção dele, ele é “**antes de tudo, e nele tudo subsiste**”. Não há um falso pensamento “filosófico” interferindo aqui? O filósofo ingênuo poderá formar suas frases sobre a “subsistência” do mundo, mas o ser humano que conhece a Bíblia sabe que “a natureza deste mundo passa”! (1Co 7.31). Talvez Paulo de fato recolha perguntas intelectuais que eram analisadas por influência da filosofia em Colossos. Mas ao alicerçar a subsistência do mundo sobre Jesus, Paulo lança por terra todos os pensamentos humanos que de algum modo buscam a subsistência das coisas em suas próprias energias e essências, e expressa uma verdade de cuja audácia o filósofo somente poderá rir ou – estremecer. Todo esse universo com seus inconcebíveis e imensos mundos estelares somente subsiste porque Jesus ainda o utiliza para seus planos e suas finalidades! Tão logo não precisar mais dele, ele o descartará como uma vestimenta ultrapassada (Sl 102.26s). Por isso, juntas ambas as coisas constituem uma verdade bíblica: a essência deste mundo **passa**, e o mundo tem sua inabalável **subsistência** (provisória) em Jesus (que também aqui “cumpre” o que já fora prometido na aliança de Deus com Noé).

Quanta relevância todas essas breves e impactantes declarações têm para nós, cristãos de hoje, assim como tiveram naquele tempo para a igreja em Colossos! É verdade que o cristão vive do único tema decisivo “pecado e graça”. Encontrar Jesus como Salvador pessoal é a única coisa realmente necessária para cada um de nós. Mas o cristão com essas experiências fundamentais (sem as quais jamais compreenderá as afirmações bíblicas na própria carta aos Colossenses!) vive no mundo cujos reinos naturais e intelectuais se expandem em torno dele. Cabe-lhe mover-se e ambientar-se neste mundo. Como deve considerá-lo? Depara-se com as tentativas que as visões de mundo fazem para captar e explicar este mundo. Fala com as pessoas ao seu redor, que questionam seu cristianismo a partir dessas visões de mundo. O que deve responder-lhes? Paulo mostra o caminho. Não debate com as explicações de mundo em Colossos. Não desenvolve uma filosofia ou teologia natural próprias a fim de sustentar a cristologia. Mais que isso: permite livre curso para toda a pesquisa científica honesta. Mas ele mostra ao cristão a única verdade libertadora de que Jesus, seu glorioso Salvador pessoal, é fundamento, apoio e alvo de todo esse universo indecifrável. Saber isso basta para nós.

O imperador Marco Aurélio, um dos personagens mais nobres no trono de César, legou-nos uma palavra que expressa com precisão o sentimento do ser humano moderno, demonstrando com isso como o pensamento “materialista” é “arcaico” e independente da moderna pesquisa natural: “Ó natureza, de ti vem tudo, em ti está tudo, a ti se dirige tudo.” Essa frase é totalmente insuficiente. Como o ser visível e transitório, a criatura, poderia originar-se “de si mesmo”? Como é possível que aquilo que se decompõe constantemente tenha subsistência duradoura em si mesmo? E como seria desesperador se o alvo de todas as coisas fosse apenas uma nova existência igual à que experimentamos de sobra como absurda em si mesma! Então essa “natureza” seria “o monstro que eternamente dá à luz e devora a si mesmo”, do qual falou certa vez Goethe. A esse paralisante “de – em – para” o NT contrapõe uma mensagem libertadora e bem-aventurada: “Porque dele, e por meio dele, e para ele é o universo: A ele, pois, a glória nos *éons!*” (Rm 11.36); “Todavia, para nós há um

só Deus, o Pai, de quem é o universo e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual é o universo, e nós também, por ele” (1Co 8.6); “Nele, por meio dele e para ele foi criado o universo, e ele é antes de tudo, e o universo tem nele sua subsistência” (Cl 1.16s).

18 Se tivermos captado isso ouviremos o júbilo de adoração quando Paulo prossegue: **“E justamente ele é a cabeça do corpo, da igreja.”** Já constatamos: Jesus não é um estranho para nós, pois nós, sendo criaturas, lhe pertencemos. Mas pela conversão a ele estabelecemos um relacionamento completamente novo com ele: tornamo-nos membros do corpo dele (da igreja), do qual ele é a cabeça. Profundo é o mistério da criação; quanto mais tempo as ciências naturais trabalham, tanto maior ele nos parece. Mas muito mais profundo é o **mistério da “igreja”!** Tornamo-nos cegos para ele, porque a igreja foi para nós algo “óbvio” e se apresentava a nós como uma instituição excessivamente humana e mundana. Mas ela é, afinal, a “igreja”, a **una** “comunhão dos santos” em, com e debaixo de todas as denominações, igrejas e comunhões!

Ela é o exato oposto de uma “associação”, uma comunhão que se estabelece pelas vontades e qualidades de seus membros. Não é uma “cooperativa”, mas “equipe de um cabeça”. Não surgiu por resolução própria, escolhendo em seguida a Jesus como seu cabeça. Tampouco já existia por si, sendo depois acolhida por Jesus, como corpo dele. Não, também aqui vale mais uma vez que **“em tudo ele se torne o primeiro”**. Também nesse caso ele é **“começo”**; hoje poderíamos traduzir igualmente por “origem”. O cabeça criou e cria o corpo para si. “Comunidade” não é uma associação de pessoas “religiosas”. Ela é formada por “santos”, por pessoas que foram tornadas aptas para a herança dos santos na luz. Com razão cantamos: “Ela, a criação renovada do grande Deus.” Ela é a igreja dos que ressuscitam e que mesmo agora já ressuscitaram com Cristo (Cl 3.1). Por isso ela começa com o **“primogênito dentre os mortos”**, e esta é a única forma de começar. Ela é o verdadeiro e real “templo”, a “habitação de Deus no Espírito” (Ef 2.21s), que satisfaz o anseio humano que emana de todos os templos do mundo. Porque em Jesus, seu cabeça e começo, não apenas Deus se manifestou, uma faceta de Deus voltou-se para os humanos, uma força de Deus correu até eles, mas **“aprouve a Deus que nele habitasse toda a plenitude”**. Agora, portanto, existe um lugar no mundo em que de fato Deus “habita” com toda a sua plenitude: é Jesus, que como “cabeça” está presente e atuante na terra por meio de sua igreja.

Novamente Paulo fala em relação a perguntas específicas dos colossenses. O mundo religioso e filosófico de então via “Deus” como o mar infinito que enviava renovados “eflúvios”, “emanações”, até os humanos. Nenhum desses eflúvios podia representar o mar inteiro. Por isso se tinha predileção pelo “sincretismo”, a combinação e mescla das mais diversas religiões, seitas e visões de mundo. Desejava-se participar o mais ampla e abrangentemente possível do maior número de “revelações” da divindade, dos mais numerosos “fluxos” de sua força e sua vida. Por isso também se dizia à igreja em Colossos: Jesus – sim, sem dúvida! Uma revelação importante, grandiosa! Contudo não é a única nem aquela que sozinha possui suficiência exclusiva! Completem seu cristianismo unilateral com todas as demais riquezas das revelações e dos cultos cheios de mistérios! Somente então ele será “perfeito”, somente então vocês terão a “plenitude”. Novamente isso não causa tanta estranheza para nós. Porventura não concebemos todas as religiões do mundo na “história geral das religiões” como uma grande árvore com muitos ramos e galhos? Não deveríamos ser capazes de combinar pelo menos as grandes religiões da humanidade? Jesus, sim, sem dúvida. Mas por que vocês cristãos são tão estreitos, tão unilaterais? Acrescentem à luz que Deus certamente fez brilhar em Jesus Cristo todos os demais raios luminosos das plenitudes que Deus fez raiar para todos que buscavam a ele, para todos os poetas e pensadores de todas as nações! A pessoa moderna, por exemplo, tem predileção por livros de provérbios, almanaques e “breviários”, nos quais palavras da Bíblia com toda a certeza têm um bom lugar, mas nos quais aparecerão, ao lado das palavras de Jesus, ditos de Goethe ou Tagore sobre “Deus”. Não! diz Paulo os colossenses e a nós. A relação de Jesus frente a todas as demais religiões e visões de mundo é completamente diferente. Lá ocorre a busca e a indagação, o erro e com demasiada frequência a mentira, na melhor das hipóteses uma noção da verdade – mas em Jesus a resposta, a límpida luz, “a plenitude toda”, que por sua natureza não tem como ser “completada” pelo acréscimo de outras coisas.

20 Na seqüência a glória singular de Jesus também prevalece em relação a uma questão que para muitas pessoas da época era candente e urgente: onde encontro a reconciliação com Deus?!

O ser humano moderno possui uma ingenuidade muito assustadora. Sonha que o ser humano é contíguo a Deus. Por um lado experimenta em proporção realmente gigantesca que o mundo está fora

dos eixos. Sofre tragédias inenarráveis. Encontra-se sob juízos terríveis de Deus. Mas, por outro lado – o máximo a que isso o leva é duvidar de Deus ou acusá-lo. A si mesmo o ser humano moderno não questiona. Um abalo mais intenso diante da própria culpa não perpassa nossa época, apesar de tudo o que vivenciamos. De modo geral não se pode sentir um anseio por reconciliação, por paz com Deus, que caracterizava a época da Reforma. Isso era diferente no ocaso da Antigüidade. As pessoas sentiam dolorosamente o abismo que as separava da divindade, do mundo de vida e luz. Por isso muitas religiões e seitas daquele tempo prometiam “redenção”, “reconciliação”. Será que a adoração de Cristo podia ser inserida nisso? Seria Jesus um Redentor – mais um ao lado de outros? Talvez um Redentor para determinadas áreas da vida e da realidade?

Não! Aproveite a Deus “**reconciliar por meio dele [Jesus] todas as coisas em direção dele**”. Depois de dizer uma palavra sobre o meio dessa reconciliação: “**havendo feito a paz pelo sangue de sua cruz**”, Paulo repete enfaticamente: “**por meio dele, quer sobre a terra, quer nos céus**”.

Encontramo-nos diante do cerne da mensagem, que na verdade é “a palavra da reconciliação”. Trata-se da guinada decisiva em nossa vida, quando todas as demais perguntas de nosso coração, inclusive todas as questões de visão de mundo e de religião, silenciam diante da grande pergunta: o que será de minha culpa? Como conseguirei ter paz com Deus? Quem me reconcilia com Deus? Felicidade ou desgraça, alegria ou sofrimento, honra ou vergonha, vida ou morte – tudo isso não pesa mais nada diante do peso eterno dessa pergunta.

Porque representa inimizade entre Deus e mim. Minha vontade opõe-se constantemente à santa vontade de Deus. Ele proíbe a mentira, eu sou um mentiroso. Ele demanda pureza, eu sou impuro. Ele visa o amor desinteressado, eu vivo egoisticamente para o meu eu. Como Deus ele reclama o lugar no centro de minha vida, eu o empurro para um canto. Como isso acabará? Como isso terá um final feliz? O fardo da culpa de anos e décadas de minha vida é como uma montanha. Não tenho como pagar pelo que fiquei devendo e a todo momento adquire novas dívidas. E Deus não pode, por ser Deus verdadeiro, dar nenhum desconto em sua inviolável exigência.

Nessa situação entra a mensagem, que ninguém consegue “compreender”, que por isso também não pode ser “comprovada” ou descrita de forma lógica para nossa razão, mas que constantemente se confirma nas consciências abaladas: ele, o único, **estabeleceu a paz!** São justamente essas as únicas imagens que permitem falar disso: “O castigo pousa sobre ele”, “Ele pagou o resgate”, “Ele estabeleceu a paz”, “Ele prestou o sacrifício purificador”. Todas as metáforas, porém, apontam para o acontecimento do qual elas extraem sua força e veracidade, para o acontecimento do Calvário. Esse acontecimento é juízo, sofrimento, sangue, morte “por nós”. Estabeleceu a paz “**pelo sangue de sua cruz**”.

21 Na seqüência tudo volta a depender de que tenhamos um Jesus **grande**. Porque agora surgem entre nós as perguntas: na história universal tantas pessoas sofreram, sangraram e suportaram a morte – por que, afinal, justamente a morte sangrenta desse Jesus obteria nossa paz com Deus?! Depois da conquista de Jerusalém pelos romanos havia duas mil cruzes em torno da cidade! Enfim, “a cruz” não é algo tão extraordinário! E – de que, afinal, me adianta hoje perante Deus a cruz fincada há dois mil anos lá na distante Palestina? Encontra-se a uma distância tão longínqua que quase não consigo mais vê-la. Ela se perde, minúscula, na distância e amplitude da história universal.

“A cruz”, costumamos dizer. Porém, não é um objeto, não é a cruz que nos salva, e sim aquele que está pendurado nela! A cruz somente nos ajuda porque é a “**sua cruz**”. Se dessa cruz pender apenas um ser humano, ainda que seja um dos mais nobres e melhores que jamais existiu, então ela obviamente será irrelevante para mim e para meu relacionamento com Deus. Nesse caso ela também desaparece no o mar de sangue e lágrimas que encharca a história universal. A cruz do Calvário tem a mesma magnitude daquele a quem ela carrega. Se tivermos somente um Jesus pequeno, teremos também apenas uma cruz pequena, cujo significado dificilmente conseguiremos explicitar para todos os tempos e todas as pessoas. Mas temos um Jesus grande, tão grande como mostrado por Paulo. É esse que está pendurado na cruz. Com ele e por meio dele, no entanto, “**sua**” cruz se sobrepõe a “terra e céus”. Sobrepõe-se a todas as profundezas e alturas do universo, sobrepõe-se a todos os tempos da história, a todos os povos, a todas as pessoas. Sim, se seres semelhantes a humanos fossem encontrados nos astros mais longínquos, também sobre eles e seu astro essa cruz se sobreporia.

É assim que precisamos ver o Calvário, contemplar todas as cenas da história da paixão. Aquele em cujo semblante se cuspe é o Senhor da glória. Aquele a quem açoitam, violentam e rejeitam é aquele por meio do qual e para o qual foram criadas todas as coisas no céu e sobre a terra. Abusam

daquele que a todos propiciou a vida. Como criminoso esvai-se em sangue no madeiro maldito aquele diante do qual os poderosos anjos se prostram em adoração. Abandonada e entregue por Deus está a própria imagem de Deus, o Filho de seu amor. Suporta tudo isso aquele que com um sopro de sua boca poderia abalar mundos. A carta aos Colossenses nos ajuda de modo extraordinário a lançar esse olhar correto sobre a história da paixão e o Calvário. A partir dela vemos com singular nitidez: que sacrifício! Em verdade, sua magnitude gigantesca suporta o fardo da culpa de todo o mundo! Verdaderamente aquele pelo qual e para o qual fui criado tem todo o direito de me representar. Podemos crer a seu respeito que ele é “a reconciliação para nossos pecados, não apenas para os nossos, mas também para os do mundo inteiro” (1Jo 2.2).

Sua reconciliação abarca “**tudo**” ou, conforme nossa tradução praticamente ainda melhor, “o universo”. Pelo sangue de sua cruz ele estabeleceu paz para mim, para você, para todos. Assim como toda pessoa que reduz todas as demais perguntas e problemas à única e decisiva pergunta a respeito de sua culpa perante Deus sabe imediatamente e com toda a certeza que essa sua pergunta mais íntima é ao mesmo tempo é a pergunta final de todo ser humano, assim também todo aquele que encontrou a paz com Deus no “sangue de sua cruz” sabe com imediata certeza que ninguém “**sobre a terra ou nos céus**” pode encontrá-la em outro lugar ou de outra maneira. Meditando sobre a grandeza de Jesus ele constata agora a razão objetiva para essa certeza pessoal. Novamente, essa clareza fundamentada é essencial para toda missão e evangelização. Provavelmente o adendo de Paulo “**por meio dele, quer sobre a terra, quer nos céus**” significa exatamente isso. Seja como for, nem aqui nem em outras passagens Paulo deu qualquer explicação sobre o fato de que integrantes do mundo angelical carecem da reconciliação e a alcançam em Jesus. O repetido “**por meio dele**”, enfaticamente posicionado na frente, concentra toda a entonação na constatação de que não existe outro em todo o cosmos por meio do qual possam ser obtidas reconciliação e paz. Por isso a poderosa verdade de que a reconciliação vale para o universo ainda não afirma que “todos” também aceitaram essa reconciliação. A “doutrina da reconciliação universal” recorre injustamente a tais passagens! O “todos” está essencialmente ligado à obra da reconciliação e à palavra da reconciliação. Por isso Paulo, o mensageiro da reconciliação investido de plenos poderes, também se tornou “tudo para todos” (2Co 5.20; 1Co 9.22b). No entanto, isso não inviabiliza a frase subordinada “com o fim de, por todos os modos, salvar alguns”. Por isso nosso texto com sua maravilhosa mensagem “ele reconciliou o universo” não conflita com as demais palavras do NT, que falam com extrema gravidade de “pessoas perdidas”. Nunca podemos ou devemos eliminar nem depreciar uma afirmação em favor da outra.

No entanto, essas exposições da carta aos Colossenses podem nos levar a lembrar que o ser humano não é o personagem “livre”, isolado, com o qual todos nós sonhamos durante muito tempo pela repercussão do idealismo burguês. Desde a queda no pecado o ser humano vive naquela “esfera de poder das trevas” de que já foi falado (v. 13). “Pecado” não é o respectivo livre arbítrio equivocado de cada indivíduo, mas um império que governa todas as pessoas sem distinção, em todo o mundo, com terrível poder soberano. Ao cair no pecado, ao soltar-se de Deus e dar ouvidos a Satanás, o ser humano arrastou a criação em que estava inserido com funções especiais de domínio consigo para a perdição. Essa criação, criada por meio de Jesus e para ele, já não é mais criação pura e original. Está conosco sob a maldição, está sujeita à vaidade, entregue à decadência e à morte. Isso repercute de volta sobre o ser humano, enredando-o no medo, na receosa e ávida luta pela existência e forjando assim cada vez mais firmemente as correntes com que o pecado o prende. Uma humanidade que vivenciou e padeceu os problemas da industrialização e duas guerras mundiais descobriu uma visão completamente nova desse realismo bíblico. O que teólogos e leitores da Bíblia na época do idealismo ético burguês consideravam bastante constrangedor e com certeza totalmente estranho e imprestável na Bíblia, como se fosse uma concepção mitológica condicionada ao passado, justamente isso nós reconhecemos hoje como discernimento da verdadeira realidade do mundo, indizivelmente útil para nós. Precisamos desse poderoso evangelho do Jesus grande, cuja obra de reconciliação de fato abarca o universo, tudo, “quer sobre a terra, quer nos céus”, que supera o império mundial do pecado e lança as bases para a libertação e renovação de todas as criaturas. Contudo, uma vez que de fato temos esse evangelho de dimensão “global”, a até mesmo “cósmica”, também nós não precisamos – como Paulo declara aqui aos colossenses – buscar outros personagens, poderes ou idéias que, ao lado de Jesus ou além dele, tragam ajuda para as gigantescas aflições do ser

humano, da humanidade, do universo. É exclusivamente Jesus, na unicidade e singularidade de sua obra na cruz, que proporciona auxílio a todos e a tudo. Tão grande é Jesus!

Se desde o começo o universo estava projetado para encontrar em Jesus seu alvo e sua consumação, a reconciliação é ainda mais, e de maneira nova e ainda mais profunda, uma reconciliação “**em direção dele**”. Jesus é o alvo da redenção, assim como e porque já era o alvo da criação na origem. “Cosmologia” e “soteriologia” novamente ressoam juntas. Podemos assinalar que o sentido básico da palavra aqui utilizada para “reconciliar” (*apokatalassein*) é: “colocar algo de volta em sua devida ordem”. A reconciliação não é meramente “justificação”, não é apenas uma sentença absolvedora no céu, que desonera da culpa, mas que de resto deixa tudo igual ao que era. Reconciliação é uma realidade que abarca o orbe terrestre! Na cruz de Jesus foi lançado o primeiro alicerce dessa obra e a construção da igreja de Jesus deu um impulso inicial à nova ordem. Contudo, a partir da cruz e da ressurreição de Jesus começa uma história poderosa em direção ao futuro, cuja conclusão que a tudo aperfeiçoa é apresentada por Paulo em 1Co 15.28, e por João, em Ap 21s. Por isso a “escatologia”, a mensagem da história do fim dos tempos, não é um “apêndice” à proclamação do NT, que deveria antes ser cortado por espelhar de forma ultrapassada toda espécie de idéias apocalípticas daquela época e que não tem mais qualquer importância para o ser humano moderno. Pelo contrário, justamente essa escatologia constitui o verdadeiro alvo de todo o evento da cruz! Nesse “**reconciliados em direção dele**” reside toda a escatologia! As modernas reinterpretações da história bíblica do fim dos tempos que a vêem como meras afirmações “existenciais” sobre um acontecimento íntimo em nós hoje poderiam satisfazer o pensador teórico. Quem começou a ver a terrível desordem real do mundo em suas dimensões cósmicas não vê utilidade nessas adaptações. Se Jesus não for aquele que é atestado aqui na carta aos Colossenses (e em todo o NT), aquele que “coloca novamente em ordem” todo o mundo e que “na nova vida apresenta o mundo reconciliado perante a face daquele que lho deu”, então teremos de deixar de ser cristãos, devotando nossa vida preferencialmente às idéias e aos poderes que pelo menos tentam elaborar uma determinada ordem melhor no mundo das pessoas. Ou, reconhecendo a impossibilidade de tal reorganização da humanidade dentro de um mundo que luta de forma fratricida pela existência, teremos de almejar o dia em que toda a vida se apagará na “morte térmica” (2Pe 3.12) do mundo, para que finalmente seja dado um fim ao sofrimento absurdo de incontáveis criaturas. Justamente ao ser humano moderno, se não for ele um sonhador extasiado mas alguém despertado para perscrutar a natureza do mundo, somente é útil a mensagem plena e não-reduzida da Bíblia, que anuncia o Único, o alvo glorioso que toda a criação tem diante de si desde o início e que, pela repercussão de sua obra da reconciliação total, trará o universo destruído pelos poderes das trevas e da morte de volta à plena harmonia da idéia original da criação de Deus.

O GRANDE JESUS – TAMBÉM PARA VOCÊS! – CL 1.21-23

- 21 – E a vós também que, outrora, éreis estranhos e inimigos no entendimento pelas vossas obras malignas,**
- 22 – agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis,**
- 23 – se é que permanecéis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho que ouvistes e que foi pregado a toda criatura debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, me tornei ministro.**

21 “**Também para vós!**” É para lá, para a igreja real que existe em Colossos, que Paulo direciona a impactante reflexão. Porque essa mensagem, por mais que valha para todos e por isso esteja sendo “**proclamada a todas as criaturas debaixo do céu**”, jamais é “uma verdade geral”. Ela sempre será mensagem da reconciliação somente quando for eficaz, quando de fato reconciliar determinadas pessoas aqui e ali. Torna-se história viva na vida de pessoas. Essa história precisa ser descrita desde já por meio de um “outrora – agora, porém”. No entanto, não termina aí, mas avança como história da fé e da perseverança, terminando somente no alvo da realização perfeita da obra de redenção em santos verdadeiros, nos quais não se pode ver mais nenhuma mácula e contra os quais não se pode mais fazer nenhuma acusação.

Na retrospectiva dos colossenses o “**outrora**” aparece com bastante nitidez. Antes de sua salvação e conversão obviamente devem ter visto e classificado a si mesmos de maneira bem diferente. Essa total auto-ilusão na realidade faz parte do “pensar” do ser humano alienado de Deus. Agora, porém, Paulo simplesmente espera que concordem com sua constatação: “outrora alienados e hostis em vosso pensar nas más obras”. Se a conversão a Jesus, como vimos, for a maravilhosa “volta ao lar”, então toda a condição anterior será “estrangeiro”. Quem está “alienado” de sua família, sua pátria, já não entende seus familiares, seus compatriotas. Sua linguagem é estranha para ele. Tudo o que os anima o deixa insensível. Sente-se desconfortável em seu meio. Essa alienação facilmente passa para a “**hostilidade**”. O expatriado rejeita, critica, defende-se contra as expectativas que percebe como dirigidas a ele, e com essa atitude defensiva rapidamente se torna inimigo sarcástico daqueles aos quais na realidade pertence. Assim foi – os colossenses como renascidos sabem disso muito bem! – nosso relacionamento com Deus. Todas as coisas divinas eram incompreensíveis para nós, um emaranhado de perguntas inextrincáveis. Igualmente éramos indiferentes a elas; sim, elas nos irritavam e enfureciam. Tornamo-nos estranhamente agitados e sarcásticos quando alguém falava conosco a esse respeito. O que se dizia a nós acerca de Deus parecia-nos uma revoltante impertinência, uma intromissão em nossa vida, que só provocava uma enérgica rejeição de nossa parte. Indiferença de uma vida completamente fechada para Deus ou inimizade e rebeldia quando Deus se aproxima – essa era a vida de “outrora” dos colossenses, e a de todos nós. É isso, e não certos deslizes ou defeitos morais, que está em jogo quando se fala da situação perdida do ser humano. Mas evidentemente essa situação de alienação e hostilidade contra Deus também se manifestará “nas obras más”. Aqui Paulo não as menciona individualmente. Afinal, variam muito de pessoa para pessoa. Porém existem em tão grande número como as manchas vermelhas que denunciam o sarampo.

22 A mensagem atinge pessoas nessa alienação completa de vida. Não se dirige a “índoles religiosas” que por serem assim já estivessem “receptivas” e “acessíveis”. A alienação de Deus dentro da “religião” talvez seja a mais perigosa e difícil. É nessas pessoas alienadas e hostis, portanto, que acontece a guinada que os colossenses experimentaram: “**Agora, porém, vos reconciliou em seu corpo de carne, mediante a morte**”. Mas afinal, de que maneira essa guinada se mostra, como o “agora, porém” se distingue do “outrora”? Isso se explicita poderosamente já pelo fato de que o ser humano agora admite ser avaliado, e até mesmo faz isso com o próprio coração, algo que antes teria rejeitado com indignação. Justamente isso demonstra que eu de fato retornei ao lar, que agora reconheço como horrível “exílio” aquilo que por tanto tempo valorizei e defendi como meu elemento vital. A realidade da reconciliação e da paz se mostra quando aquilo que durante tanto tempo considerei minha atitude normal e justificada revela-se a mim como amarga miséria e culpa da hostilidade. Nem sempre devemos procurar a guinada do outrora para o agora imediatamente em mudanças morais, assim como, afinal, as “obras más” também não constituíam fundamento e essência, mas apenas expressão de uma perda muito mais profunda. A guinada se evidencia na alteração radical de nosso relacionamento com Deus.

Paulo não expõe isso em detalhe, mas torna a salientar que não fomos nós que desencadeamos essa guinada. Foi Jesus que a desencadeou. Fez isso ao tomar a iniciativa de transpor o abismo que havíamos aberto pela alienação e inimizade entre Deus e nós, e ao se colocar em nosso meio com um “**corpo de carne**”, igual ao que nós temos. Mais uma vez cumpre-nos considerar quem é ele, que prontamente se deixou encerrar no aperto e no fardo de um corpo de carne, para tornar-se inteiramente nosso irmão: ele que, como “imagem de Deus”, não poderia ser abarcado pelos céus acima de todos os céus! Nesse corpo de carne ele foi capacitado a morrer, ele, no qual estava a fonte originária de toda a vida. Por que esse evento nos traz do estrangeiro para casa, da hostilidade para a paz da reconciliação? Paulo abre mão de qualquer explicação pormenorizada. Os colossenses vivenciaram e experimentaram: Jesus, o eterno Filho de Deus, que por amor a nós se tornou nosso irmão em um corpo de carne e morreu por nós, *consumou* tudo. Cada um de nós *experimentou* essa realidade: também a mim Jesus reconciliou, alterando radicalmente meu relacionamento com Deus.

Porventura apenas o meu relacionamento com Deus foi alterado? Com esse “apenas” teríamos reconhecido a importância fundamental e abrangente de nosso relacionamento com Deus. Pessoas “alienadas” e “hostis” tornaram-se “reconciliadas”, “filhas” e – “santas”. Isso há de, e tem de, mudar, purificar e renovar toda a sua vida. Porém Paulo não diz “isso precisa e há de mudar”, mas expressa-o de maneira muito mais gloriosa, convicta, viva: “**Ele** há de!” Ele, que os reconciliou, ele, que para

isso realizou e ofertou algo inconcebível, ele tem em vista um objetivo total com vocês, **“para apresentar-vos santos, imaculados e irrepreensíveis perante sua face”**. Paulo não diz expressamente que essa obra de Jesus, que brota diretamente de sua ação na cruz e confere um alvo a essa ação, começa desde já em nossa santificação. Como falou, e precisava falar, da reconciliação nas categorias totais, conclusivas, ele nos mostra essa obra de Jesus também sob o aspecto de seu glorioso resultado exterior, quando os redimidos e reconciliados comparecerão diante de sua face, agora de fato como santos perfeitos inteiramente na luz, agora realmente sem que nenhuma mácula os desfigure e nada mais possa ser criticado neles. O que aconteceu aos colossenses não deve ser diferente do que aconteceu a nós: por mais poderosa, profunda e inegável que fosse a guinada do outrora para o agora em sua vida, ainda viam muito pouco dessa glória de “santos”, “imaculados” e “irrepreensíveis”. Quem sabe, é provável que em seus próprios olhos se tornassem cada vez piores. Jesus na verdade realiza sua obra em nós, revelando e demonstrando de forma cada vez mais profunda toda a nossa pobreza e perversão. Como ficamos próximos, então, do desânimo! Mas justamente então podemos ter esta certeza: ele, o grande Jesus, assumiu a tarefa de nos tornar santos imaculados. Ele também será bem sucedido, por mais impossível que isso possa parecer no momento ao olharmos para nós mesmos.

23 O que *nos* cabe fazer nessa questão? Porventura nada, já que ele, afinal, pretende realizar e consumir tudo? Não, essa lógica pobre e primitiva não é própria da instrução apostólica. Jesus, afinal, não dirige o trabalho de sua graça viva a troncos de madeira, mas a pessoas vivas. Por isso há uma clara condição para a conduta dessas pessoas: **“desde que permanecéis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho”**. Demanda-se de nós que perseveremos na fé, nem mais nem menos. Obviamente Paulo não é impelido por aquela sagaz problemática com que a teologia nos envolve de sobra: afinal, conseguirei perseverar na fé? Porventura até mesmo conservar-me na fé não é uma obra que compete unicamente a Deus? Do contrário não cairemos em um questionável “sinergismo”? Ele escreve a crentes que sabem o que significa “crer”. Sua vida está apoiada sobre um fundamento sólido e seguro. Agora eles conseguem e precisam resistir a tudo que tenta seduzi-los ou demovê-los desse fundamento sólido. Afinal, esse fundamento é Cristo (1Co 3.10s). Precisam permanecer com ele na perseverante ligação de vida na fé, para que consuma sua obra neles. Essa fé, contudo, é ao mesmo tempo esperança. Lança o olhar para o futuro e capta tudo o que lá espera por nós como a “herança dos santos na luz”. Enquanto isso estiver limpidamente diante de nós, preenchendo nosso coração, também deixaremos acontecer em nós a obra de Jesus, que nos torna “aptos para participar dessa herança”, que faz de nós mesmos verdadeiros “santos”, e que portanto nos “santifica”. Mas se nos deixarmos **“afastar da esperança do evangelho”**, se nosso olhar for mais e mais capturado pelos bens e objetivos terrenos, então nos afastamos também da atuação santificadora e aperfeiçoadora de Jesus. Agora ele não pode mais nos colocar sem mácula e repreensão perante sua face. Mais uma vez Paulo indica que essa esperança de paz é parte essencial do evangelho. Evangelho sem escatologia não é evangelho.

Foi esse o evangelho que os colossenses ouviram, porque **“foi pregado a toda criatura debaixo do céu”**. Ao usar o termo “criatura” Paulo, segundo o linguajar consolidado no judaísmo, pensa nas pessoas, assim designadas porque o fato de serem criaturas de Deus também fundamenta sua vocação para Cristo e sua participação na graça da reconciliação. Na proclamação de Jesus não há influência de nada, nenhuma diferença entre os povos, de estudo, de obra pessoal. Ele é oferecido a todos aos quais o poder criador de Deus concedeu a vida” (Schlatter).

Quando Paulo acrescenta: **“cujo servo eu, Paulo, me tornei”**, a estranha ênfase “eu, Paulo” já mostra que não se trata de uma frase final para arredondar o texto, mas de uma afirmação significativa que abre um novo tema. Paulo tinha consciência de seu envio singular. Tentou explicitá-lo aos coríntios contrapondo-se a uma pessoa tão importante como Moisés (2Co 3.4-13). Lá também consta o termo “servo” que, não obstante seu conhecimento sobre a dificuldade do engajamento exigido (2Co 11.23ss), não deixa de ter nos lábios de Paulo a conotação sublime e solene de uma incumbência extraordinária. Ele é “servo” do evangelho livre da lei e por isso válido de fato para “todas as criaturas”. Mas por isso ele também é “devedor de gregos e não-gregos, dos sábios e não-sábios” (Rm 1.14) e inegavelmente carrega a responsabilidade pelo evangelho em todas as criaturas. É justamente sobre isso que Paulo deseja falar mais detidamente à igreja em Colossos, que não foi fundada por ele pessoalmente.

O COMEÇO SINGULAR QUE PAULO POSSUI – CL 1.24-29

- 24 – Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja,
- 25 – da qual me tornei ministro de acordo com a dispensação da parte de Deus, que me foi confiada a vosso favor, para dar pleno cumprimento à palavra de Deus:
- 26 – o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos,
- 27 – aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória.
- 28 – o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo.
- 29 – para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim.

24 Paulo é servo da proclamação universal do evangelho. A mensagem deve ser dita “a todas as criaturas”. Ainda existe suficiente número de países e povos que não a ouviu. Paulo tem consciência de ser enviado também para lá (Cf. Rm 15.23s). Mas “**agora**” – ele está preso! Isso não contradiz sua enorme e premente tarefa? Porventura não deveria ficar impaciente e infeliz? Provavelmente os colossenses estavam bastante consternados com esse fato, assim como também os coríntios tinham dificuldade para entender como um “procurador” do “Rei de todos os reis” podia estar a toda hora metido nesses sofrimentos e aflições, açoitado, apedrejado, aprisionado. Será que nós mesmos não achamos que qualquer empecilho para nosso serviço para o Senhor, em forma de dificuldades e sofrimentos, é um enigma, que pesa sobre nós em relação a outros e muito mais em relação a nós mesmos? O que Paulo fará “agora”? “**Agora, me regozijo nos meus sofrimentos**”, responde ele. O “em”, que no grego possui múltiplos significados, pode ser traduzido aqui por “com”, “junto de”. Por que Paulo pode “se alegrar” “com sofrimentos”? Eles impedem tão pouco o seu serviço que esse trabalho não é interrompido nem perturbado, mas precisamente executado.

Porque esses sofrimentos fazem parte das “**tribulações de Cristo**”. Deparamo-nos aqui com uma verdade bíblica que se tornou completamente estranha para nós, mas que no NT possui um papel tão relevante que precisamos novamente imergir nela nosso pensamento e – nossa vida, para que nossa vida eclesial e nosso viver cristão possam voltar a ser verdadeiramente bíblicos e autorizados. Grupos de fiéis judaicos já falavam das “dores de parto do Messias”, que precederiam o “novo nascimento” do mundo no tempo da consumação da salvação. Afinal, não existe nascimento sem “dores de parto”. Por isso o próprio Cristo “teve de sofrer e entrar em sua glória” (Lc 24.26). Na Escritura esse “teve de” é muito mais sério e carregado de conteúdo do que nossa formulação desgastada deixa transparecer. Nela está contida toda a obrigatoriedade divina que determina o curso dos fatos. Paulo acaba de nos confrontar poderosamente com esse sofrimento do próprio Cristo, que tem significado único e singular para nossa redenção. De fato, nada mais “falta” neles! E ninguém poderia “completá-los vicariamente”, se ele, o grande Jesus, o Filho amado, o primogênito de toda a criação, tivesse omitido algo. Mas – o tempo messiânico da salvação com a renovação de toda a criação na verdade ainda não chegou. Pelo contrário, ele é ardentemente esperado. Virá somente na “parusia” do Senhor, em sua nova “presença”. Até então, porém, ainda durarão as “dores de parto do Messias”, que agora atingem seu corpo, a igreja. Por isso o “tem de” da obrigatoriedade divina do sofrimento também paira sobre a trajetória da igreja rumo ao reino vindouro (At 14.22). Paulo está tão certo disso, vê de forma tão clara que isso faz parte da causa, da existência cristã, que ele desde já o prenuncia aos tessalonicenses como algo que forçosamente ocorrerá (1Ts 3.3s). Foi o que o próprio Jesus declarou aos discípulos. Reveste-se de importância que em momento algum Paulo considera a paixão e morte do Cristo meramente como algo que aconteceu “por” nós, mas sempre como algo que nos envolve de forma real e de fato molda nossa existência. O “crucificado com”, “morto com” não é uma mera idéia dogmática para Paulo, tampouco apenas uma contemplação edificante, mas, em vista do sólido nexos entre “cabeça” e “corpo”, uma realidade que tem conseqüências praticamente sangrentas para nossa existência na terra. O NT é, em grande parte, menos “íntimo” e mais “físico” que o nosso cristianismo fortemente platônico. Por essa razão há “tribulações de Cristo”, i. é, sofrimentos que não decorrem do andamento do mundo, mas de pertencermos a Cristo, motivo pelo qual também confirmam e selam essa ligação. Quando o NT usa a palavra *thlipsis* = “tribulação”, de

fato se tem mente apenas esses sofrimentos. O NT é lido sob uma perspectiva falsa e com uma interpretação errônea em muitas, muitas passagens quando nossa própria não-familiaridade com autênticas “tribulações de Cristo” nos leva a simplesmente introduzir na palavra “sofrimento” aquilo que preenche a criação caída e corrompida com dores de múltiplos tipos. Não-cristãos suportam tais “sofrimentos” e “tribulações” da mesma maneira como os cristãos; mas o NT fala deles somente à margem, quando muito. Autênticas “tribulações de Cristo”, porém, fazem parte da vida e caminhada da igreja de Cristo, porque a configuração de cruz do Cristo também determina seu corpo, a igreja. De certo modo constituem determinada soma de sofrimentos que precisam ser suportados até a volta do Senhor. Nessa soma ainda **“falta”** algo. Essa parte “faltante” ainda tem de ser “preenchida”. Nessa situação o “servo” da igreja pode atuar vicariamente pela igreja. Agora as tribulações exercem função dupla em seu serviço. Ele pode se “regozijar” com essas tribulações porque sobre elas paira o misterioso e transfigurador **“por vós”**, ao que Paulo imediatamente acrescenta a explicação: **“... preencho vicariamente o que ainda falta nas tribulações de Cristo, em minha carne a favor de seu corpo, que é a igreja, cujo servo me tornei.”** Naturalmente essas palavras não têm em absoluto o sentido de uma “contabilidade” mecânica.

Porém, se os colossenses e os coríntios olham consternados, constrangidos, para os sofrimentos, a prisão, o processo de Paulo, talvez até mesmo duvidando de sua autoridade apostólica, então o apóstolo lhes declara aqui de forma relevadora e amorosa: ora, não se irrite com isso! Afinal, estou sofrendo isso também “por vós”, “pela igreja”! Pois o corpo de Cristo tem de sofrer; agora posso assumir pessoalmente boa parte dessas tribulações, aliviando assim a vocês. Na prática, a soma total do sofrimento precisa ser paga antes que o Senhor possa retornar, trazendo o tempo da salvação plena. Agora Paulo amortiza uma parcela dessa culpa no lugar da igreja, acelerando com isso a vinda da salvação. Pelo menos é assim que entendemos sua alegria no meio do sofrimento: regozija-se por poder prestar esse serviço do sofrimento, que integra tão necessariamente a época atual com o anúncio da mensagem, e se regozija por poder prestá-lo vicariamente pela igreja, também pelos colossenses, que assim se vêem tão real e solidamente ligados a ele.

Assim como o nosso “por”, o termo grego *hyper* = “por”, usado aqui diversas vezes: “por vós”, “por seu corpo”, tem vários sentidos. Pode expressar “em benefício de alguém” e “vicariamente em lugar de alguém”. Em outra passagem (2Co 1.5s) Paulo declara que seus sofrimentos, que também ali são designados de “sofrimentos de Cristo”, acontecem em prol “da consolação e redenção” dos coríntios, ajudando-os a por sua vez perseverar em sofrimentos semelhantes. Dessa forma Paulo também pode ter expressado aqui a convicção de que seu sofrimento vem em benefício de todo o corpo de Cristo. Realmente existe o mistério do poder abençoador do sofrimento voluntário, um mistério que não pode ser solucionado racionalmente. A perseverança no sofrimento abre caminho para a mensagem salvadora (cf. Fp 1.12ss; 2Tm 2.10) e assim constitui também um serviço para a edificação do corpo de Cristo. Na presente passagem, porém, o sentido da “vicariedade” é sublinhado por meio do prefixo *anti* = “em lugar de”, que Paulo antepõe ao “preencher”. Também é proposto integralmente pela frase acerca da “falta” de tribulações de Cristo que precisa ser preenchida. Nessa questão o apóstolo praticamente tem o privilégio de “amortizar dívidas” vicariamente pela igreja.

Se os colossenses compreenderem esse sentido dos sofrimentos do apóstolo e não se incomodarem mais com a prisão dele, então verão com clareza o serviço singular de que justamente Paulo estava incumbido. Como e porque se tornou “um servo do evangelho” (v. 23), tornou-se também “um servo da igreja” (v. 24). Ele entende esse serviço à **“igreja”** em um sentido bem específico. Aqui ele exerce na *oikonomia*, no “plano de negócios” de Deus, uma *oikonomia* específica, uma “função administrativa”, um “cargo” especial, desempenhado também diante dos colossenses, até mesmo sem fundar pessoalmente a igreja de lá. Apesar de tudo ela está construída sobre o serviço de que Deus havia encarregado Paulo.

26s Porque existe um **“mistério”**, **“oculto antes das eras e das gerações”**. Como deve ser maravilhoso e grandioso o que Deus havia ocultado tanto tempo e tão profundamente! **“Agora, todavia, se manifestou aos seus santos.”** Isso aconteceu porque **“Deus quis anunciá-lo”**. O termo “querer” em combinação com o nome de Deus não tem a conotação tão inexpressiva e insignificante de verbo auxiliar que nós em geral lhe atribuímos. Vem carregado com o peso integral da deliberação da vontade divina! Representa a gloriosa e firme vontade de Deus que esse mistério oculto durante tanto tempo viesse à luz. Agora chegou a hora determinada para isso! Agora todos os santos podem

compreender esse mistério de Deus, podem ver com admiração e adoração “**qual seja a riqueza da glória deste mistério**”. Paulo, porém, é instrumento disso.

Quase nos decepcionamos ao descobrir, após esses anúncios, o conteúdo do mistério: “**Trata-se de ‘Cristo em vós’, a esperança da glória.**” Porventura não é “óbvio” que Cristo também habite em meio ao mundo das nações, construindo sua igreja, e que “gentios” participam da “esperança da glória”? Hoje o cristianismo inteiro não é constituído quase que integralmente de “gentios cristãos”, pessoas de todas as “nações”? Um cristão autêntico vindo de Israel não é um fenômeno muito mais surpreendente? Mas – trata-se precisamente disso! É justamente nisso que reside o mistério! Estaremos obstruindo nossa própria visão quando nosso pensar e sentir modernos imediatamente nos leva a opinar que isso é um processo meramente “humano” e “naturalmente explicável”. Nessas nações todas Jesus finalmente teria encontrado as pessoas que o compreenderam mais facilmente e melhor que os insensatos e obstinados judeus. Nos dias de hoje a causa de Jesus evidentemente se disseminou pelo vasto mundo das nações. Talvez isso de fato devesse ser considerado assim, se o evangelho fosse apenas “uma religião”, pensamentos e sentimentos a que determinadas pessoas seriam mais “afeitas” que outras, os “gregos” mais que os “judeus”. Obviamente também nessa hipótese ainda seria suficientemente admirável que as mesmas idéias e sentimentos obtivessem igual acesso a negros e esquimós, a gregos e às pessoas tanto do séc. XX quanto do séc. I! Contudo não se trata de pensamentos e sentimentos religiosos que seriam mais acessíveis a certas pessoas. Trata-se de “Cristo”, o Senhor vivo, da participação na glória divina. No entanto, concedê-la e abrir o coração de pessoas para ela é da competência exclusiva de Deus. Quando Cristo, o Messias de Israel, se coloca no meio de pessoas de todas as nações, sendo acolhido por elas, verdadeiramente tomando posse de seu coração, transformando-os em santos imaculados, passíveis de participar da herança dos santos na luz – então isso é tudo menos “natural”: isso é sumamente maravilhoso, uma “riqueza de glória”, a ruptura de um inconcebível mistério divino!

Contudo – porventura os profetas já não sabiam e falaram disso há muito tempo? Será que em vista da palavra profética é possível falar de um “**mistério oculto**” até este momento, que somente “**agora se manifestou**”? Em uma passagem análoga na epístola aos Romanos (Rm 16.25s), em que também fala do “mistério” que estava “guardado em silêncio por tempos eternos”, Paulo assinalou expressamente que ele foi “manifesto” “através dos escritos dos profetas”. Ou seja, ele mesmo não considera isso contraditório à característica de mistério da questão! Não a anula de maneira alguma. Isso fica imediatamente claro no fato de que na verdade ninguém entendeu realmente essas promessas proféticas e sobretudo ninguém as realizou! Como é elucidativa a cena da detenção de Paulo no templo de Jerusalém: todo o longo discurso proferido por Paulo na escadaria da fortaleza é ouvido tranqüilamente por Israel. Contudo, quando comunica a palavra de seu Senhor Jesus: “Vai, eu te enviarei para longe, aos gentios”, desencadeia-se uma intensa tempestade de fúria e indignação. Era isto que o mistério oculto do “Messias entre as nações” representava para aqueles que, afinal, pretendiam viver a partir das sagradas escrituras. Assim até mesmo Pedro precisa ser especialmente preparado por Deus após a Sexta-Feira Santa, a Páscoa e o Pentecostes, antes de tornar-se capaz de ir devidamente ao encontro das nações na casa de Cornélio. É verdade: até mesmo para esse eminente discípulo de Jesus o “Cristo nas nações” representava um profundo mistério.

Havia “prosélitos”, havia “veneradores de Deus”. Mas justamente aqui se evidenciou nitidamente aquele “entendimento” dos profetas que passava completamente ao largo do maravilhoso mistério de Deus, de seu glorioso plano. Sem dúvida também pessoas das outras nações deviam encontrar o caminho até o Deus vivo, porém esse caminho passava exclusivamente por Israel! Afinal, isso também se depreendia de muitas vozes proféticas que falavam da salvação para o mundo dos povos: parecia ser uma salvação mediada por Israel e condicionada a Israel. Independentemente, porém, de como era a situação das palavras de prenúncio dos profetas e de seu entendimento, está muito claro que esse mistério de Deus somente agora se tornou visível, porque somente agora ele foi concretizado e realizado. Do mesmo modo, até mesmo Jesus é somente a admirável, inesperada e transformadora revelação do Cristo, embora ele mesmo podia mostrar a seus discípulos que Moisés e todos os profetas há muito tempo haviam falado dele. Conseqüentemente, também esse mistério de Deus só vem à luz agora como acontecimento. Agora compreendemos por que Paulo utiliza esta curiosa formulação para sua incumbência: “**para dar pleno cumprimento à palavra de Deus, o mistério que estivera oculto por séculos...**” De fato, esse é o mesmo “cumprir” afirmado tantas vezes acerca da atuação de Jesus. Era isso que importava, **cumprir**, realizar uma palavra de Deus há

muito anunciada pelos profetas. Precisamente por isso Paulo designa o conteúdo do mistério não de forma generalizada, “Cristo em gentios”, mas bem concretamente como “Cristo em vós”.

Está aí o mistério de Deus desvendado como inegável realidade: realmente existe, sem qualquer relação com Israel, por meio de um novo agir de Deus, no meio de Colossos, no meio de toda idolatria, no meio de toda superstição e de toda filosofia arbitrária das pessoas, que “creram em Cristo Jesus”, porque Cristo estava “neles”, e que viviam diretamente à luz da glória vindoura e caminhavam em direção dela com esperança. Ninguém pensava isso anteriormente. Isso representa um agir abundante e glorioso de Deus, que surpreende a todos.

No entanto, precisamos fazer maior justiça em nosso entendimento de todo o impacto e magnitude da passagem. Afinal, Paulo não escreveu que até agora o mistério teria permanecido oculto “perante os seres humanos” ou “perante os judeus”, mas “**perante as eras do mundo e perante as gerações**”. O “perante as gerações” também pode significar “perante os tempos originários”. Como é estreito, antropocêntrico e ensimesmado o nosso pensamento, embora o conhecimento a respeito da natureza nos tenha dado uma noção do mundo com os imensos espaços e tempos! Com que amplitude e magnitude pensa Paulo, apesar de sua noção de mundo da Antigüidade! Contemplando em adoração os planos de Deus, seu olhar se estende muito além da fração de história humana. Vê passar tempos originários e eras mundiais com seu rico conteúdo de eventos determinados por Deus. Desenrolam-se acontecimentos nas regiões dos mundos espirituais. Mas nenhum dos personagens celestiais, por mais sublime que fosse, imaginava que maravilhosos pensamentos de amor Deus traz em seu coração em relação a pessoas que viverão apenas séculos e gerações mais tarde, por nós! Como é útil esse pensamento de Paulo para nós pessoas modernas, que nos deparamos assustados com medidas de tempo e de espaço que ameaçam transformar nossa história humana em um insignificante segundo do tempo estelar! Tenhamos ânimo! Também o olhar de Paulo iluminado pelo Espírito Santo já contemplava espaços de tempo em que ainda não havia nenhum ser humano, mas em que você e eu já éramos notados, amados e escolhidos por Deus para a glória eterna! Como se torna inconcebivelmente grande nossa eleição, nosso estado de fé, quando nos damos conta de que podemos participar de uma vida que Deus já trazia no coração durante eras universais como alvo oculto de seu governo de amor e que ele agora concedeu como posse justamente a nós! Porventura isso não nos leva a nos prostrar e adorar, ao invés de aceitar nossa existência cristã de forma tão apática, tão inexpressiva?

E “**Cristo em nós**” – como nos habituamos a lidar superficialmente até mesmo com as mais grandiosas palavras! Assim como crianças brincam com diamantes e pérolas, como se fossem cacos de vidro e pedrinhas, assim nós jogamos com os conceitos bíblicos e já não percebemos que coisas imensas são ditas através deles! Esse “Cristo” em nós é o “grande Jesus” do qual ouvimos, que excede a todo o mundo. Ele não nos permite, por exemplo, tocar a orla de seu manto em adoração. Não nos promete, por exemplo, que benevolmente se lembrará de nós uma vez ou outra. Ele escolhe nosso coração, que por natureza é idólatra, rebelde, para ser sua moradia: “Cristo em nós.” É o que Paulo também afirma em Gl 2.20; 4.19; Rm 8.10; 2Co 13.5; Ef 3.17.

Entretanto, se neste velho mundo de morte já somos presenteados com algo tão grandioso, o que será, então, de nós, se vier a perfeição? Paulo tem somente uma palavra para isso: Cristo em nós, “**a esperança da glória**”. Cabe recordar que *doxa* = “glória” é a palavra bíblica para designar a plenitude de vida divina, o poder milagroso e a glória de luz. Agora “carecemos da glória de Deus” (Rm 3.23); particularmente nosso corpo físico, no qual vivemos a vida, é um “corpo de humilhação”. Contudo não foi reservada para nós apenas “felicidade eterna”, mas “glória”, participação na própria plenitude de vida e na glória de luz de Deus, e até mesmo nosso corpo há de ser um “corpo de sua glória” (Fp 3.21), cheio de radiante incorruptibilidade e força.

Isso é “a glória que deve ser revelada em nós”, diante da qual todos os sofrimentos desta era se tornam insignificantes (Rm 8.18), e desde já nos gloriamos da esperança dessa glória (Rm 5.2). Foi nisso que se transformou a vida humana desde que o mistério do plano divino oculto há eras mundiais veio à luz: “Cristo em nós, a esperança da glória.”

28 Paulo era “autorizado” para concretizar esse mistério. Ele fala da graça que lhe foi concedida, “de que seja um sacerdote do Cristo Jesus entre os gentios, no sagrado serviço do evangelho de Deus, para que os gentios se tornem uma oferenda, aprazível, santificada no Espírito Santo” (Rm 15.16). Isso não é diminuído pelo fato de que cronologicamente Pedro foi o primeiro a exercer esse serviço diante dos gentios. Isso já fora previamente ordenado assim por Deus: afinal, como Pedro, líder da

igreja em Jerusalém e acostumado ao contexto de Israel, poderia ter reconhecido o trabalho de Paulo na hora crítica se o próprio Deus não o tivesse conduzido para dentro de uma casa gentia, mostrando-lhe ali que “não fazia distinção entre eles e nós” (At 15.9)? No caso de Pedro, porém, o fato se resume a uma ocasião isolada. O mistério não lhe foi desvendado nem entregue para “cumprimento”. Isso era prerrogativa de Paulo. Por meio dele e de seu trabalho missionário de fato a riqueza de glória nesse mistério de Deus se tornou manifesta a “seus santos”. Por isso também sublinha: “**o qual nós anunciamos**”. Nessa declaração emprega para “anunciar” um termo helenista que designa uma “proclamação oficial”. Cumpre recordar constantemente que nosso “pregar” atual, a mensagem edificante trazida dentro do templo, não corresponde ao que alguém como Paulo entendia por “anunciar”. O que o Deus vivo previu para seres humanos precisa ser solene e publicamente “proclamado” em todo o mundo, bem como perante os poderes celestiais e demoníacos invisíveis.

Ocorre que o trabalho de Paulo e seus companheiros – Paulo escreve “nós” – se dirige a “**toda pessoa**”. Evidentemente isso não significa que Paulo tenha literalmente dirigido a palavra a todas as pessoas. Constatamos o contrário na trajetória de trabalho de Paulo. Ele atua sob a condução do Espírito Santo, deixando totalmente de lado vastas regiões e fundando igrejas em lugares centrais, para que a partir deles a mensagem seja levada adiante para as terras adjacentes. “A toda pessoa” corresponde ao “a toda criatura” e tem o sentido de um princípio. Diante da admirável realidade “Cristo em vós” desfazem-se todas as diferenças humanas que de resto são tão decisivas. Afinal, a mais profunda diferença, estabelecida pelo próprio Deus, a diferença entre “Israel” e as “nações”, havia desaparecido pela nova ação de Deus ao convocar seu corpo. Agora Paulo podia **exortar** por princípio a “**toda pessoa**” e **ensinar** a “**toda pessoa**”. Para isso tinha à disposição toda a sabedoria necessária, toda percepção da vontade graciosa de Deus.

Ele leva “toda pessoa” ao alvo determinado, a saber, ao torná-la uma pessoa “em Cristo”. “Cristo em vós” é a “esperança da glória” integral e suficiente. Para chegar à glória ninguém precisa de mais nada além de Cristo. Por essa razão tanto Paulo quanto nós podemos “**apresentar toda pessoa perfeita em Cristo**”. Era o “cristianismo perfeito” que estava em questão em Colossos. Será que dele não faziam parte muitas e diversas coisas, tudo aquilo de que ainda seremos informados no próximo capítulo? É verdade, diz Paulo, também para mim importa que as pessoas não permaneçam inacabadas. Também eu não abandono em meias-verdades as pessoas com quem iniciei o contato. Devem tornar-se algo inteiro e perfeito. Contudo, totalidade e perfeição não residem nas múltiplas coisas que se aconselha em Colossos (e também repetidamente na história da igreja de Jesus). Elas residem tão somente nisso: “inteiramente em Cristo”.

29 E isso não é nenhuma ninharia! Assim como os Colossenses ignoravam a magnitude de Jesus quando perguntavam: “Somente Jesus – será que isso basta?”, assim eles ignoram o que significa “estar em Cristo” quando consideram isso apenas um estágio inicial que precisaria ser superado por uma condição cristã “mais perfeita”. Levar uma pessoa e conservá-la na situação de que de fato pense e fale, aja e repouse “perfeitamente”, integralmente “em Cristo” – quanto trabalho isso custa! Paulo falou da magnitude e glória do “cargo de administrador” que lhe fora dado. Vale para ele e para todos que foram colocados no serviço de Jesus: é maravilhoso levar pessoas até Jesus, notar Cristo vivendo nas pessoas e não precisar conhecer nenhuma limitação e barreira, nenhum “caso insolúvel”. Trata-se de algo maravilhoso poder realizar um trabalho que leve a resultados eternos. Porém: é verdadeiro trabalho, e não uma brincadeira! Não acontece automaticamente e em segundo plano. Custa ardente empenho e demanda pleno engajamento, além de uma luta incansável. Quem de fato se encontra em um trabalho assim com pessoas sabe a que Paulo se refere: “**A isso se dirige meu trabalho, que realizo com lutas...**”

No entanto, isso não é obra exclusiva do Espírito Santo? Não deve ser eficaz “somente a palavra”? É verdade, Paulo sabe disso também. Diferenciou severa e claramente a “sabedoria” com que trabalha de toda a sabedoria humana. Precisamente na presente passagem ele prossegue de imediato: “... **segundo sua eficácia que opera em mim com poder.**” Concretizar o mistério de Deus “Cristo em vós”, transformar pessoas de Colossos ou de qualquer outro local em “pessoas perfeitas em Cristo” – nenhum ser humano é capaz disso, nem mesmo alguém como Paulo. Disso somente o próprio Deus é capaz. Mas Paulo ignora totalmente aquela lógica insensata que conclui: Deus o faz, logo não preciso fazer nada, logo não devo fazer nada, a fim de não vir a prejudicar a honra de Deus de alguma forma! Paulo tem a lógica da fé viva: Deus opera com poder, ele atua energicamente em mim, logo devo e posso, logo tenho de atuar também eu com o máximo empenho possível! Ele não

possui essa lógica apenas na teoria, sem medo do “sinergismo”. Acima de tudo, ele praticou essa lógica em sua vida sem par, de dedicação e labuta.

LUTANDO PELA VERDADEIRA UNIDADE DA IGREJA – CL 2.1-7

- 1 – Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós, pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face,
- 2 – para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo,
- 3 – em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos.
- 4 – Assim digo para que ninguém vos engane com raciocínios falazes.
- 5 – Pois, embora ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito, estou convosco, alegrando-me e verificando a vossa boa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo.
- 6 – Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele,
- 7 – nele radicados, e edificados, e confirmados na fé, tal como fostes instruídos, [nela] crescendo em ações de graças.

1s Paulo havia falado do trabalho que ele realiza com fadigas. Trabalhar para Jesus não é brincadeira. Evidentemente, por causa do cristianismo estatal e territorial nós facilmente pensamos que a existência da igreja seria “óbvia”, que ela de fato resulta “automaticamente” a partir do poder dos costumes e da tradição. Por isso a profissão de líder da igreja, de pastor, seria confortável e pacata, para pessoas que não se enquadram na luta pela sobrevivência e cujos modos delicados e tranquilos não lhes permitem ter aptidão para outras tarefas. Paulo tinha uma experiência diferente. Ainda hoje as duas cartas aos Coríntios e a carta aos Gálatas constituem testemunhos palpáveis de quanta luta intensiva, dedicação sincera, disposição corajosa para a dor e clareza penetrante e sabedoria multifacetada não apenas participam da fundação de uma igreja, mas também de seu desenvolvimento e continuidade. Todas as igrejas que conheciam Paulo pessoalmente e presenciaram seu serviço sabiam disso por experiência própria. Porém, uma vez que sua incumbência singular colocava todas as igrejas das nações sob sua responsabilidade, ele deseja que também aqueles que “**não viram sua face na carne**” apesar disso “**saibam que grande luta ele enfrenta**”, também por eles, por Colossos e Laodicéia e todos os demais. Devem saber que o estado deles, seu desenvolvimento contínuo, a manutenção de sua saúde ou sua degeneração constituem para ele objeto de interesse pessoal, de ardente preocupação, de lutas íntimas e orações. É assim que os colossenses também devem entender a presente carta.

Por que uma luta tão grande faz parte da preservação e continuidade de uma igreja? Nós não sabemos mais porque já não temos uma verdadeira “igreja”. Temos instituições solidamente estruturadas que de fato se preservam pelo peso da tradição e através da força do egoísmo institucional, e no âmbito dessas instituições temos os numerosos indivíduos abarcados e sustentados por esse espaço. Mas para Paulo estava realmente em jogo a “comunidade eclesial”, a irmandade concretamente vivida dos crentes. Aqui, porém, há “corações”, com todas as tendências divergentes que habitam no coração humano. Com quanta disposição e rapidez nós nos “confrontamos”, ao invés de nos “congregar”! Por isso, como é necessário que os “**corações experimentem o conforto apropriado**” constantemente, para que melindre, medo, desânimo, orgulho e inveja sejam superados, e para que amabilidade, cordialidade, humildade e paciência produzam dia após dia a verdadeira concórdia dos membros da igreja.

Contudo a unidade da irmandade ainda carece de um segundo aspecto. É verdade que naquela época se tratava sempre de igrejas que haviam surgido pela decisão de fé pessoal, pela conversão clara e pelo renascimento de seus membros. Mas quando nos convertemos é muito pequeno nosso entendimento do evangelho, nossa percepção e desvendamento do mistério de Deus, de todo seu agir salvador em Cristo! Afinal, é por isso que somos inicialmente “crianças recém-nascidas”, que apenas começam a olhar para dentro do mundo de Deus que até então era “estranho” e incógnito. Uma criança recém-nascida é um deleite, e a gratidão dos pais por ela se eleva com júbilo. Mas quando a criança não passa a crescer e não aprende a andar, atingindo a independência, ela está doente e corre perigo de definhar ou morrer. “Conversões” são um deleite, os anjos no céu se alegram, e a igreja

pode agradecer e louvar. Contudo, quando o crente estaciona na “conversão”, quando não avança, a condição cristã permanece precária e pobre, e por isso a primeira alegria se dissipa em breve, tornando “enfadonho” o cristianismo há pouco saudado com tanta alegria. Então também não existe certeza plena, o cristão permanece inseguro, oscila, indefesamente exposto a toda sorte de influências e ataques. Nessa constituição, porém, ele também não terá valor para a irmandade, contribuindo pouco para a vida, o trabalho, as lutas e sofrimentos comuns, e tornando-se um perigo para a comunhão por ser facilmente influenciável.

Por isso o incansável trabalho e tenaz empenho também visam agora conduzir os corações a “**toda a riqueza da forte convicção do entendimento**”.

Contudo, será mesmo que isso é viável? Porventura o Deus eterno e vivo não é um mistério impenetrável para nós, de modo que precisamos nos contentar com uma condição de fé infantil? Não se trata no máximo de uma questão para teólogos, que se debruçam sobre as difíceis perguntas sobre o entendimento de Deus? Um leigo não fica tonto quando lê as complexas controvérsias teológicas, p. ex., acerca da doutrina da Trindade? Sim, não será absolutamente perigoso para leigos aproximar-se do “**entendimento do mistério de Deus, do Cristo**”?

- 3 O NT não conhece esta diferença tão funesta entre “teólogo” e “leigo”. Justamente Paulo se esforça em todas as suas cartas para permitir que todos os membros da igreja participem com convicção própria e entendimento autônomo dos conhecimentos e percepções que ele desenvolve diante deles. Por isso preocupa-se também aqui com máxima seriedade para que não apenas um pequeno grupo de “especialistas” chegue ao conhecimento do mistério de Deus, enquanto os demais se contentam com uma “fé singela” qualquer, mas que todos os corações na igreja não continuem pobres e inseguros. Sem dúvida Deus é e continua sendo “mistério”. Esse mistério, porém, foi desvendado em Cristo. Nele está “**oculto o entendimento**”. Com que ousadia Paulo sintetiza ambas as coisas, “entendimento” e “mistério”? Para nós o conhecimento de Deus nunca pode ser esgotado, ele sempre continua sendo um mistério para nós. “Um Deus compreendido não é Deus” (Novalis). Não obstante ele se colocou entre nós como sua “imagem” humana, Cristo, para que nós o vejamos e conheçamos. Por isso residem em Cristo todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Nem mesmo ali estão imediatamente patentes, de modo que cada pequeno discípulo consiga assimilá-los rapidamente, como o abecedário. Estão “ocultos”; mas sem dúvida para que sejam descobertos, explorados e apropriados.

Isso constitui um chamado da igreja ao trabalho! Talvez Paulo já tenha percebido naquela época, com preocupação, o estranho vício que até hoje prejudica gravemente a igreja, de que por um lado sabemos naturalmente que em todas as esferas da vida apenas um esforço sério conduz a ganhos reais, mas que por outro lado consideramos igualmente natural que no cristianismo seria suficiente degustar rapidamente e acolher de forma superficial as emoções e as idéias edificantes. Quem, afinal, acredita que realmente vale a pena acompanhar e meditar sobre um sermão? Quem, afinal, leva não só a Bíblia ao estudo bíblico, mas também papel e lápis? Quem possui em casa, na família, mais que apenas as considerações superficiais obtidas em devocionários ou almanaques cristãos? Não é de surpreender que depois de anos de participação regular na vida eclesial os membros da igreja preservem pouco mais do que aquilo que aprenderam durante a catequese e, conseqüentemente, se sintam “laicos” e inseguros, não sendo úteis para nenhum serviço. Quando, porém, o cristão negligencia a pesquisa profunda na Escritura, é justamente então que ele se torna refém – como ameaça ocorrer em Colossos – de livros espiritualistas e das mais modernas religiões sincréticas, às quais subitamente dedica o tempo que antes negara ao saudável estudo da Bíblia.

- 4 A igreja foi convocada para esse trabalho! Tanto aqui quanto em todas as exortações das cartas a igrejas precisamos ter em mente que os apóstolos simplesmente não conheciam cada um dos indivíduos cristãos nos quais pensamos automaticamente ao ler nas cartas o “vós”. Os apóstolos viam no “vós” o grupo reunido de uma verdadeira irmandade. Sem dúvida cabe também a cada indivíduo ler a “sua” Bíblia. Mas é justamente apenas na leitura e pesquisa conjunta que se desvela “**toda a riqueza**”. É somente examinando e discernindo em conjunto que chegamos à “**plena certeza**”. E justamente esse era o interesse de Paulo. Percebe que também na igreja em Colossos há desvios e confusões tentando penetrar. Como a igreja se protege contra isso? Todo conhecimento unilateral e fragmentado leva ao sectarismo e é o pé de apoio para os enganos. Quando “**toda a riqueza**” estiver patente diante de todos e for alcançada **certeza** plena e serena **do entendimento**, as heresias não serão acolhidas nem os cismas encontrarão terreno propício. Desde os dias de Paulo, sempre

apareceram aqueles grupinhos que destacam verdades isoladas da mensagem bíblica e agora a transformam, de modo meio espiritualoso e meio bizarro, em uma nova doutrina, em uma nova prática, em uma nova “igreja”. Muitas vezes as pessoas cativadas por elas denotam uma disposição de engajamento que mereceria uma causa melhor e uma “capacidade de persuasão” a que as pessoas inseguras sucumbem. Justamente por isso Paulo fala da “coesão dos corações para toda a riqueza da plena certeza do entendimento”, **“para que ninguém vos engane com a arte de convencer”**.

O costume de séculos nos leva a imediatamente relacionar o que Paulo afirma sobre os “tesouros da sabedoria e do conhecimento” com a Bíblia. No entanto Paulo não escreveu aos colossenses sobre o “entendimento do mistério de Deus, da Escritura, na qual estão ocultas...”. Esperou deles e confiou a eles aquele trabalho de pesquisa e descoberta que ele mesmo exercitava nas cartas diante deles e com eles: extrair diretamente do próprio Cristo os tesouros da sabedoria e do conhecimento, ocultos nele mesmo. Ou seja, eles mesmos também podem e devem encontrar e oferecer uns aos outros, em Jesus Cristo, jóias como a que é apresentada aos filipenses em Fp 2.5-11. Com toda a certeza aquilo que as pessoas do NT (e do AT!) escreveram é imprescindível e normativo para nós. Mas para nosso relacionamento com a Escritura e para a base mais profunda de nossa certeza não deixa de ser relevante saber: todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento residem em última análise no próprio Jesus Cristo e unicamente nele. A rigor, a palavra de Deus não é um livro infalível, mas uma pessoa viva e presente: Cristo (Ap 19.13). As pessoas do NT, porém, são aquilo que dizem de si mesmas: “Servos, por meio dos quais vós viestes a crer” (1Co 3.5) ou “Servos, por meio dos quais vocês encontram os tesouros ocultos em Cristo”.

- 5 Ao acrescentar ao v. 4 a justificativa: **“Pois, embora ausente quanto à carne...”**, Paulo talvez tenha em vista uma capacidade de “convencimento” muito específica nas pessoas que tentam obter influência na igreja. Essas pessoas podem ter dito aos colossenses algo como: “Epafras apenas lhes passou ensinamentos de segunda mão: afinal, é apenas um aluno de Paulo. O próprio mestre, porém, não se importa com vocês, deixando-os estagnados em seu cristianismo imperfeito. Por isso nós prestaremos esse serviço a vocês!” Paulo adverte: “Não se deixem envolver por isto. Com ardentes lutas estou empenhado também pelas igrejas em que ainda não pude estar pessoalmente. **“Pois, embora ausente quanto à carne, contudo, em espírito, estou junto de vós”** e vejo qual é vossa situação. Também por vocês colossenses estou lutando, para que cada pessoa chegue à perfeição em Cristo. Porque considero-me responsável também por vocês na incumbência que tenho de Cristo. Cumpre vemos a ligação de Paulo com os colossenses em toda a sua realidade. O idealismo nos confundiu, involuntariamente compreendemos por “espírito” nossa “espiritualidade”, nosso diáfano mundo intelectual. Em Paulo, porém, trata-se de “Espírito Santo”, ou seja, de uma realidade divina! Ele não diz: estou com vocês “em pensamentos” e tenho uma idéia da vida eclesial que vocês têm. Não, pelo Espírito Santo ele possui, por tudo que Epafras e outros lhe relataram, uma percepção divinamente dada a respeito da condição dela. Assim como o anúncio dirigido pelo Espírito Santo (o *propheteuein*) faz com que pessoas completamente estranhas se sintam dissecadas até o fundo do coração (1Co 14.24s), assim a vida de uma igreja desconhecida torna-se transparente para o apóstolo por meio do Espírito Santo. No Espírito Santo ele está realmente “junto deles”. Essa dissecação não entristece Paulo. É capaz de afirmar: “Alegro-me”. Pode constatar ali **“vossa ordem”**, uma situação bem organizada, e **“a firmeza da vossa fé dirigida a Cristo”**.
- 6 No entanto, experiências muito dolorosas ensinaram Paulo que a preservação dessa situação boa e agradável na vida da igreja não é evidente. Constatou, p. ex., com “surpresa” como as igrejas da Galácia rapidamente se afastaram dele, que na verdade os havia chamado à graça de Jesus, dirigindo-se a “outro evangelho” (Gl 1.6). Por isso exorta, pois, também os colossenses. Eles **“receberam o Cristo Jesus como o Senhor”**. É com “receber”, e não com nosso agir e realizar que começa a condição cristã. Aqui como em outras passagens importantes (1Co 11.23; 15.1; Gl 1.9,12; 1Ts 2.13; 4.1; 2Ts 3.6) Paulo emprega um termo que já lhe era familiar da sinagoga. “Receber” a “tradição” dos pais e “retransmitir” o que foi recebido, era nisso que consistia a essência da erudição dos escribas. O conjunto de conceitos *paradidónai* e *paralambánein* = “transmitir” e “receber” desde cedo fazia parte do contexto de vida de Paulo como judeu e fariseu. Mas a mesma dupla de termos também aparece no mundo dos cultos de mistérios, a fim de designar a transmissão e recepção de misteriosas consagrações, forças e conhecimentos. Novamente nos deparamos, pois, com palavras que podem ser termos técnicos de conotação específica, mas que também são usados no linguajar comum em múltiplos sentidos diferentes. Quer Paulo dê a essas palavras intencionalmente yna

conotação semelhante à expressão dos mistérios diante de seus leitores helenistas, quer ele as use naturalmente com base em sua educação como fariseu – não é isso que dá significado ao que o cristão e apóstolo Paulo diz. Temos de verificar no próprio Paulo que sentido ele associa aos termos. Com toda a certeza só Jesus conhecemos no cristianismo pela “tradição”. Não podemos imaginar um Jesus por nossa conta, precisamos “receber” da tradição informações sobre quem e como era esse Jesus Cristo, o que ele disse e fez. Não é à toa que as palavras “Jesus Cristo” venham precedidas pelo artigo definido. É provável que aqui a noção da palavra “Cristo” seja o que ela de fato é: não nome próprio, mas título, o título real de “Messias”. Jesus é o Cristo, o Messias. Mas o artigo no mínimo define toda a determinação da personalidade a que os colossenses se entregaram com todo seu ser. “Essa é a luz da altura, esse é o Jesus cristão”, diz também o poeta E. M. Arndt. Por isso perseveramos até os dias atuais no ensinamento dos apóstolos, para vir a conhecer esse Jesus definido, real, de forma cada vez mais clara. Apesar disso é característico para Paulo que também nesse aspecto ela tenha rompido radicalmente com o farisaísmo de seu passado. “Aceitar um ensinamento”, apropriar-se pelo aprendizado de uma “tradição”, continua sendo “carne”, no sentido de Fp 3. Quando o fariseu Saulo se tornou um cristão ele não trocou uma doutrina deficiente por uma melhor, porém considerou tudo o que vinha antes como perda, a fim de ganhar uma pessoa com toda a sua plenitude de vida, e ser encontrado nela. Diante dos gálatas ele enfatizou frequentemente que nem mesmo se tratava para ele de uma doutrina ou tradição de seres humanos, e que só visitara os apóstolos em Jerusalém bem mais tarde e por pouco tempo, ou seja, que não se encontrava em uma corrente de tradição humana (Gl 1). Também adverte os colossenses no v. 8 contra as “tradições dos seres humanos”. De qualquer modo não receberam “doutrinas”, mas “o Cristo Jesus como Senhor”, a pessoa de Jesus viva e definida, o Mestre irrestrito da vida pessoal, porque ele também é o “Senhor”, i. é, o Juiz e Consumador do mundo.

No entanto, justamente porque não receberam um conhecimento de diversas verdades que pudessem levar tranqüilamente para casa na forma de outro “saber”, conservando-o ali, mas por lhes ter sido concedido um Senhor vivo, eles não podem permanecer estagnados no que se chama “crer em Cristo”. Um “senhor” dispõe sobre toda a nossa vida e gera em nós movimento ativo. Por essa razão trata-se de “andar nele”, o que transforma Jesus cada vez mais plenamente em nosso Senhor, “para que já não busquemos outro Mestre”.

- 7 Contudo na visão de Paulo há algo tão decisivo nessa consolidação verdadeira e viva do relacionamento com Jesus que ele acrescenta de imediato mais duas metáforas. Quando planto uma flor no canteiro uma criança facilmente pode tornar a arrancá-la. Mas se ela tiver algumas semanas para enraizar-se ali, será mais provável arrebentá-la do que arrancá-la do chão. Também os colossenses podem e precisam estar tão “**enraizados em Cristo**” que influências, tendências do tempo e pessoas cheias de hábil persuasão não possam mais arrancá-los com essas raízes e transplantá-los. Imergir todas as nossas raízes vitais nesse Cristo Jesus, o Senhor, arraigar-nos nele com todo o nosso ser, somente isso é “cristianismo”.

O próprio Jesus já utilizara a metáfora da construção: construir sobre areia ou construir sobre a rocha. Jesus é suficientemente grande para que todo o edifício de nossa vida e - muito mais que isso - toda a construção da igreja possam ser exclusivamente “**edificadas sobre ele**”. A igreja em Colossos não tem necessidade nem deve se deixar seduzir para, além disso, alicerçar sua vida eclesial também sobre a areia das opiniões e orientações humanas.

As tendências que tentam ganhar influência em Colossos provavelmente constituem o começo daquele movimento que mais tarde ameaçou toda a igreja sob o nome de “gnosticismo”. O gnosticismo visava conduzir ao “conhecimento” de mundos superiores, considerando a “fé” como estágio primitivo inicial. Por essa razão Paulo adverte: permaneçam “**confirmados pela fé, tal como fostes instruídos**”. O próprio Paulo, afinal, acaba de definir que é necessário para a vida da igreja que esta chegue “à plena riqueza da certeza total do entendimento”, apresentando-lhe como alvo o conhecimento do mistério de Deus”, do Cristo. A igreja não será protegida contra a falsa *gnosis* (= “conhecimento”) se as pessoas do novo movimento tiverem razão ao argumentar contra ela: como as condições entre vocês são confusas, estreitas e precárias. Por isso Paulo demonstrou justamente na presente carta aos Colossenses, no trecho sobre a magnitude de Jesus, que existe “conhecimento” poderoso e profundo a partir da fé, material rico também para o raciocínio e o entendimento. Não obstante, a igreja recebeu o ensinamento fundamental de que somente a fé salva o ser humano. A fé não é um estágio inicial para pessoas modestas, que o “gnóstico”, aquele “que passa a conhecer”,

deixa para trás e abaixo de si. Precisamente quem adquiriu uma perspectiva ampla e cristalina dos planos e caminhos de salvação de Deus por meio de pesquisa séria e encontrou em Cristo os tesouros da sabedoria e do “entendimento” (em grego *gnosis*), permanece crente e se torna cada vez mais um crente que pedindo e aceitando, ou seja crendo, obtém tudo de Deus.

Há um sinal seguro para saber se esse relacionamento correto de crer e conhecer está preservado ou não: a gratidão. Conhecimento que se dissocia do crer e, portanto, do receber, conhecimento em que o ser humano pensa poder apoderar-se de Deus torna o ser humano solitário e orgulhoso. A gratidão silencia. Mas se o ser humano permanece sendo aquele que é presenteado e que aceita, todo o conhecimento serve apenas para expor de forma cada vez mais clara a riqueza da dádiva divina, a grandeza do amor divino. Então também aumenta a adoradora gratidão. Conseqüentemente trata-se de realmente agradecer “nela”, a saber, na fé, como muitos manuscritos trazem. “Crer” e “agradecer” estão objetivamente ligados da forma mais estreita imaginável. Por isso o apóstolo deseja à igreja que “**transborde de gratidão**”.

FILOSOFIA OU CRUZ DE CRISTO – CL 2.8-15

- 8 – Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens, conforme os rudimentos do mundo e não segundo Cristo.**
- 9 – porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade.**
- 10 – Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.**
- 11 – Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo,**
- 12 – tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos.**
- 13 – E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoando todos os nossos delitos.**
- 14 – tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós (e que constava de ordenanças), o qual nos era prejudicial, removeu-o inteiramente, encravando-o na cruz.**
- 15 – e, despojando os principados e as potestades, publicamente os expôs ao desprezo, triunfando deles na cruz.**

Paulo concedeu pleno valor ao “entendimento” prático por meio das considerações sobre a grandeza de Jesus (Cl 1.15-20) e em termos teóricos por meio de suas exortações à igreja (Cl 2.2s). Contudo ele tinha em vista o conhecimento de Cristo, um perguntar, pesquisar e entender que permanecesse integralmente ligado a Jesus, à sua pessoa e sua obra de redenção. Acontece, porém, que há no mundo uma abundância de reflexões sobre Deus, o mundo e o ser humano, sobre o viver e agir corretos do ser humano, resumidos no conceito de “filosofia”. Quando esse tipo de reflexão é vigoroso no entorno de uma igreja de Jesus, quando ela talvez até apresente traços religiosos e acabe incorporando idéias cristãs, nem mesmo a igreja permanece imune a ela. Porventura esse tipo de filosofia não cria novos acessos para pessoas valiosas? Sim, será que a filosofia não é capaz de, por assim dizer, enriquecer o cristianismo, elevando-o então, talvez, à altura mais nobre? Aparentemente havia em Colossos membros da igreja que também dialogavam com pessoas interessadas em filosofia e que lhes expunham tais pensamentos. Que posição a igreja tomará diante disso?

Faremos bem em não tratar de imediato das diversas opiniões concretas da filosofia específica daquele tempo, que na verdade só pode ser depreendida com dificuldades do presente texto e de precários fragmentos literários daquela época, e que hoje em dia causam uma impressão bastante estranha. Pelo contrário, devemos captar primeiramente a verdade decisiva que vale para todos os tempos e todas as filosofias e que por isso também é importante para nós.

- 8 “Filosofia”** – essa palavra designa um empreendimento do intelecto humano diante do qual a princípio podemos ter a máxima deferência. O ser humano é a única criatura que não consegue viver sem fazer perguntas. Toda estrela segue sem discutir sua trajetória predeterminada. Toda planta cresce sem questionar a forma que lhe é imposta. Todo animal cumpre sua vida sem indagações. Nenhum cachorro pergunta como poderia tornar-se um cachorro “verdadeiro”. Mas o ser humano precisa perguntar a si mesmo como tornar-se um verdadeiro e correto ser humano. Esse fato depõe inconscientemente em favor da criação do ser humano à imagem de Deus, bem como de sua queda

no pecado. O ser humano também tem de perguntar de onde vem e para onde vai. Nele domina a pulsão “faustiana” de “que eu descubra o que mantém o mundo coeso em seu cerne”. Pergunta por origem, sentido e alvo de todo o mundo, pergunta por “Deus”. O fato de que é impelido a perguntar assim constitui sinal de sua grandeza e sublimidade. Nesse sentido, toda pessoa viva é um “filósofo”. É com emoção e reverência que observamos repetidamente que o ser humano, além de seu duro trabalho profissional, reflete e lê e constrói para si uma filosofia. Como cristãos não temos nenhum motivo para olhá-los com desprezo ou hostilidade.

Algumas pessoas investiram o trabalho de sua vida nessas perguntas, buscando por respostas com ardente empenho, dia e noite. São “os filósofos” no sentido específico. A obra de sua vida não pode ser deixada fora da história intelectual da humanidade. Platão, Aristóteles, Descartes, Leibnitz, Kant, Hegel, Heidegger (para citar apenas alguns nomes) – quantas influências partiram deles!

Contudo, o fato arrasador dessa obra da filosofia, na qual os melhores investiram o empenho máximo de seu pensamento, é que essa obra fracassou. Goethe, um não-cristão, porém profundo conhecedor do ser humano, expressou essa dura verdade na forma leve de um versinho que parte de 1Sm 16.11:

“Sim, também me deparei com esse caso,
quando aos sábios ouvi e li.
Perguntei: afinal, são esses aqui,
são eles a turma toda?”

Evidentemente o sentido é: isso é tudo que resultou da filosofia? Enfim, ainda falta aquela pessoa determinante, que de fato tenha algo a dizer, que de fato tenha a resposta! É verdade: vinte respostas para uma pergunta candente não são resposta alguma. Quando cada filósofo refuta seu antecessor e derruba criticamente o edifício de sua visão de mundo, então isso se resume a um sinal de que a verdadeira resposta não foi encontrada. O mesmo Goethe expressou isso na obra Fausto, em tom deprimentemente trágico:

“Que carranca debochada, ó caveira oca,
como se tua mente, igual à minha, outrora confusa,
tivesse buscado a luz e em denso crepúsculo,
ansiando por verdade, ficasse terrivelmente frustrada!”

- 9 A igreja de Jesus, porém, tem a resposta, que por isso mesmo continua a mesma há dois mil anos. A resposta que repetidamente tranqüilizou e libertou inteligentes e simples, eruditos e indoutos, europeus, asiáticos e africanos, não por último justamente também pessoas que durante anos haviam seguido o caminho da busca e elucubração filosófica. Essa resposta não consiste de uma idéia, uma máxima, uma opinião, ela consiste de uma pessoa viva, Cristo. **“Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade.”** O que mantém coeso o cerne do mundo, o coração do mundo, o sentido do mundo nos foi dado da única maneira que podemos captar, na forma como a criança e a pessoa simples entendem e que ao mesmo tempo permanece inesgotável para o mais erudito e intelectualmente exigente: “corporalmente”, como ser humano. Todas as perguntas da visão de mundo desembocam na busca por Deus. Cristo não deixa transparecer traços isolados da divindade; nele, uma pessoa, “habita toda a plenitude da divindade”, Deus em toda a sua essência. Por essa razão ele é a resposta a todas as perguntas, não teoricamente, em palavras, mas vivamente em sua pessoa.

Já falamos do *pleroma*, da “plenitude”, como um conceito especial daquele tempo (cf. acima, p. 297). Esta palavra não ocorre nas demais cartas de Paulo às igrejas (exceto Efésios), um sinal de que Paulo aqui de fato aproveita um termo em voga na região que influenciava a igreja. Não obstante, o Espírito Santo certamente sabia por que fez com que também essa palavra e essa afirmação fossem anotadas por Paulo e preservadas para a igreja. Tornam-se extremamente modernas tão logo recordamos que uma frase muito importante na polêmica da Idade Moderna voltada contra a fé cristã certa vez foi classicamente formulada dessa forma: “A idéia não tem predileção por derramar toda a sua plenitude em um indivíduo.” O relativismo moderno gosta de reconhecer Jesus como uma revelação parcial da “idéia” (em termos filosóficos distintos), como uma estrela reluzente no céu intelectual da humanidade, como uma análise significativa do grande mistério por trás do mundo, como uma das muitas revelações da divindade ao longo dos tempos e através dos povos, que somente em sua totalidade poderiam fornecer uma noção de toda a sua plenitude. Mas o mundo moderno, até

mesmo quando “religioso”, se rebela contra “o absolutismo do cristianismo”. Quem, porém, busca seriamente por Deus deseja obtê-lo inteiro, nas profundezas de seu coração e sua essência. Para essa pessoa a igreja atesta em tom triunfante e imperturbável, iluminada pelo Espírito Santo: com certeza, toda a plenitude da divindade está nele, em Cristo, única e integralmente nele!

No entanto, isso não contradiria Fp 2.5ss? Inicialmente cabe levar em conta que Paulo não escreve aos colossenses: “nele habitava...”, mas: “nele habita...” No termo “corporalmente” Paulo, portanto, não pensa no corpo carnal que o eterno Filho de Deus tinha na terra, como Jesus de Nazaré. À semelhança do que é dito depois no v. 17, a palavra deve ter o sentido que damos ao termo “realmente”, representando a realidade completa em oposição ao que é apenas metafórico e figurado. Com o verbo no presente, “habita”, Paulo abrange todo o Cristo, também o que agora está exaltado à direita de Deus no corpo de glória. Mas também entenderíamos equivocadamente o mistério testemunhado em Fp 2.5ss se pensássemos: aquele que se esvaziou e humilhou foi apenas um ser humano durante toda a sua vida na terra. Na verdade o “Deus em Cristo” (2Co 5.19) vale justamente para o ato reconciliador na cruz. Não descobrimos o coração em nenhum outro lugar que não no obediente humilhado e servidor, no indefeso sofredor e moribundo, que foi feito pecado por nós! É exatamente aqui que está “verdadeiramente presente a plenitude da divindade”. Essa é a bela certeza da mensagem cristã de Deus, obviamente um “escândalo” para toda a religiosidade humana e um “absurdo” para toda a lógica humana, porém para nós redimidos força e sabedoria de Deus, captada precisamente pelos filhos e tolos, com adoração e ação de graças! Cl 2.9 e Fp 2.5 formam uma unidade.

- 10 Contudo não foi somente a pergunta por Deus que obtém aqui sua resposta definitiva. Também é solucionada, de forma surpreendente, a pergunta pelo ser humano. Em Jesus ficou claro que a pergunta do ser humano por si mesmo, por sua verdadeira humanidade, não é teórica, mas eminentemente prática. O ser humano fracassou em seu próprio propósito. Por meio de passos em falso, por meio de toda a sua condição atual (a Bíblia emprega para isso o termo “carne”) ele está “morto”. Está irremediavelmente endividado, a “promissória” paira sobre sua vida, persegue-o e tira-lhe liberdade e vida. Por isso os melhores conhecimentos teóricos sobre a natureza do ser humano podem ajudá-lo tão pouco quanto as mais corretas e sublimes exigências, instruções e metas. A filosofia de todas as categorias e linhas, ao elaborar considerações sobre o ser humano, erige palacetes para – prisioneiros culpados e mortos. A busca pela humanidade do ser humano é na verdade a busca pela anulação eficaz da culpa e pelo despertar real da morte. Quem consegue fornecer uma resposta a essa questão que não seja uma resposta da teoria, mas da ação? Nenhuma filosofia é capaz disso. Mas há dois mil anos a igreja de Jesus sabe e experimenta em todas as circunstâncias e em cada ser humano (tanto o antropófago no Pacífico quanto o professor europeu) que a façanha de Jesus na cruz e sua ressurreição deram essa resposta de forma poderosa. Assim como em Jesus habita a “plenitude da divindade”, assim também o ser humano é “plenificado” com ele: **“Nele estais plenificados”**. Em Cristo Jesus o ser humano se reencontra – não teoricamente, mas de modo real – como pessoa criada segundo a imagem de Deus, destruída na queda do pecado e agora salva e renovada. Em Jesus serenam, de forma fundamental, todas as indagações sobre si mesmo, sobre o “de onde” e “para quê”.

Por esse motivo, pois, é fato que uma criança ou uma pessoa muito simples em Jesus sabem muito mais sobre Deus e o ser humano, por ser viva propriedade, do que filósofos sem Jesus, até mesmo quando sua produção intelectual conferiu, e com razão, grande brilho ao nome deles. É a partir daí que precisamos compreender as duras palavras que o apóstolo profere pelo Espírito Santo à igreja de todos os tempos: **“Cuidai que ninguém vos conduza à escravidão com sua filosofia e vãos engodos”** [v. 8]. A luta e indagação do intelecto do ser humano na filosofia merecem todo o reconhecimento. Mas quando a filosofia passa a fazer de conta que realmente encontrou a resposta, ela se torna culpada de “engodo” (o que naturalmente não significa que cada um dos pensadores é acusado de cometer fraude intencional!). Quando suas supostas respostas e soluções visam conquistar pessoas da igreja de Jesus, ela age como um conquistador que arrasta pessoas da liberdade da terra natal para a escravidão do estrangeiro.

Evidentemente as coisas com freqüência parecem ser muito diferentes. Acaso não estão no “cristianismo” as amarras, a estreiteza, a pobreza, e lá fora, no debate intelectual da filosofia, a liberdade de pensar, a amplitude, a riqueza?! Sobretudo a geração jovem da igreja sente isso constantemente. Ela corre um perigo especial quando a igreja falha em seu dever de realmente extrair

os tesouros da sabedoria e do conhecimento em Cristo e deixar justamente a juventude participar deles: quando os adolescentes na igreja por isso têm a impressão de que todas as perguntas do intelecto vivaz são rápida e superficialmente descartadas e que as pessoas se contentam com a lmera repetição de fórmulas arcaicas. Então são seduzidos pela novidade lá de fora, pela abundância multicor, pela livre ousadia da indagação, pela espirituosa originalidade das respostas, pelo fascínio de grandes personalidades. Por isso a exortação de Paulo possui profundidade e impacto: **“Cuidai.”** Porque prevalece a verdade de que aquele que se afasta de Jesus e de sua cruz não caminha para a liberdade, mas para a escravidão, não para a abundância, mas para o vazio. Troca a única resposta verdadeira por uma problemática imprevisível. Foi enganado! Aqui é preciso que a igreja, com ardente amor pelos corações, com inabalável firmeza, seja vigilante: **“Cuidai para que não haja ninguém que...”** No entanto, meras declarações de proscricão obviamente não resolvem. A igreja precisa ter experimentado pessoalmente com exultante gratidão que de fato possui em Cristo a resposta e que por isso também seus mais humildes membros têm uma infinita vantagem sobre os sábios de todo o mundo. Conseqüentemente, ela precisa ser capaz de testemunhar vigorosa e claramente a todos os que estão buscando e procurando o que pode ser encontrado em seu glorioso cabeça, e somente nele. Para isso ela precisa apropriar-se o tempo todo da percepção que Paulo lhe franqueia na carta aos Colossenses. Então ela compreenderá o grande contraste metodológico que Paulo coloca no auge de suas considerações: **“segundo os elementos do mundo e não segundo Cristo”**. Há duas maneiras radicalmente distintas de contemplar e julgar o mundo e a vida. O cristão o faz segundo “Cristo”. Para o cristão, Cristo não é uma questão de “religião”, um objeto de sentimentos edificantes à parte da vida verdadeira. Cristo é, como Paulo expressou em suas breves e impactantes frases, origem e alvo de toda a realidade. O mundo inteiro, portanto, somente pode ser entendido corretamente quando é visto a partir de Cristo e em direção de Cristo. Essa é a visão de mundo do cristão. Mas os filósofos que tentavam obter influência sobre a igreja em Colossos têm um ponto de vista bem diferente e outro princípio de entendimento, a saber “os elementos do mundo”. O que isso quer dizer?

O conceito “elementos do mundo”, em grego *stoicheia tou kosmou*, é usado por Paulo – ao contrário do termo *pleroma* – não apenas aqui, mas também na carta aos Gálatas (Gl 4.3 e 9). No idioma grego, designa primeiramente as letras do alfabeto. A partir daí ele também pode ser usado em sentido figurado, exatamente como o nosso “ABC”. “Elementos” refere-se, portanto, às substâncias fundamentais do mundo. Até hoje o pensamento popular conhece os “quatro elementos”, fogo, água, ar e terra, e conservamos também na química o conceito dos “elementos”. Do mesmo modo também 2Pe 3.10,12 fala simples e objetivamente dos elementos, que derreterão sob o calor da ruína do velho mundo. É óbvio que o pensamento daquele tempo não tinha essa sobriedade cabal, e era em grande proporção mitológico. Os quatro elementos eram considerados poderes espirituais ou pelo menos esferas de domínio de entes espirituais. A língua grega moderna emprega até hoje a palavra *stoicheia* para demônios locais. Na Antigüidade, porém, encontramos a expressão *stoicheia tou kosmou* também para descrever astros, especificamente as constelações do zodíaco, às quais se atribuíam uma influência muito especial sobre o curso do mundo. Também as estrelas são “anjos” ou moradas de “anjos”. Por essa razão a temerosa observância de determinados “dias”, sobretudo de “luas novas” (cf. a astrologia atual!), igualmente pode estar relacionado com o culto aos astros. O parsismo levou à agregação de idéias sobre a correlação de “macrocosmos” e “microcosmos”: porventura o ser humano não era formado também pelos mesmos “elementos” que eram reencontrados lá fora, na grande construção cósmica? Não eram “forças que originavam o mundo” que misteriosamente perpassavam todo o universo, tanto o “corpo” do espaço sideral como o pequeno mundo do organismo humano? Não era preciso venerar religiosamente esses “poderes geradores”, da mesma maneira como eram transformados em tijolos da reflexão que buscava explicar o mundo?

Por isso uma parte dos exegetas modernos considera que também na presente passagem da carta aos Colossenses, bem como na carta aos Gálatas, o termo de Paulo *stoicheia tou kosmou* se refere a esses entes espirituais. Paulo estaria completamente inserido na mentalidade de sua época. Nessa questão seria um fato grandioso que na carta aos Gálatas a apostasia dos cristãos da Galácia para o judaísmo foi estigmatizada como recaída no paganismo, no serviço aos espíritos elementares.

No entanto, impõem-se consideráveis objeções a uma compreensão dessas!

A fé nesses entes espirituais necessariamente deveria ter sido o centro da filosofia religiosa tanto dos colossenses como dos gálatas. Afinal, Paulo não diz que passaram a dedicar interesse a esse tipo de espíritos além de outras coisas e de “poderes” e “potestades”, mas contrapõe o “segundo os *stoicheia tou kosmou*” ao “segundo Cristo” como princípio dominante de todo o pensar! Por isso, ele tampouco menciona os “elementos” entre os poderes espirituais cujo “desarmamento” por Deus é exaltado no v. 15. Pelo contrário, para ele os colossenses morreram “com Cristo para os elementos do mundo” (v. 20). Também nesse aspecto os “elementos” são importantes e dominam a totalidade da existência de uma forma muito diferente do que todos os poderes angelicais e espirituais que Paulo conhece e cita nas demais vezes. Esta posição tão central e proeminente dos *stoicheia*, porém, não está suficientemente comprovada como característica da religião sincrética daquele tempo.

Nesse caso Paulo não apenas deveria ter considerado uma fé dessas como um perigo penetrando na igreja de fora para dentro, mas deveria tê-la compartilhado integralmente! Os cristãos em Colossos são chamados de “morridos com Cristo para longe dos elementos do mundo”. Ou seja, viveram anteriormente sob esses “elementos do mundo”. Com nenhuma palavra Paulo dá a entender que isso teria sido apenas fruto da imaginação gentia dos colossenses. Mesmo para ele o fato é simples: sem a salvação por Cristo vivemos sob os elementos do mundo. Isso é corroborado por Gl 4.3. Aqui Paulo se inclui expressamente no “nós” que na época da ignorância vivia escravizado pelos “elementos do mundo”. O judeu e fariseu Paulo, que em Fp 3 se distancia expressamente do judaísmo helenista como “hebreu de hebreus”, teria compartilhado a fé de alguns cultos helenistas a entes espirituais, chamados de *stoicheia tou kosmou*, a tal ponto de considerar a si mesmo e a todas as pessoas fundamentalmente sujeitas a esses entes espirituais, antes que viesse o Cristo?! Ao mesmo tempo, porém, teria ele classificado como “fraca e pobre” a importância desses entes espirituais, que em muito sobrepujam todos os “tronos, dominadores, poderes e potestades” (Gl 4.9)? Esses “fracos e pobres” seres espirituais não são desarmados e desmascarados com os demais “poderes”, mas seriam tão fundamentais para a nossa existência que, contrastando com a figura de Cristo, pudéssemos transformá-los em princípio da explicação do mundo, sendo necessário “morrer” para eles, assim como se morre para o mundo e o pecado?

Não, essas tentativas modernas de explicação produzem um quadro totalmente impossível. Não explicam, mas somente defrontam com enigmas. Por isso caberá voltar a supor que as palavras de uma língua por um lado podem ter significados específicos e conotações peculiares em determinados círculos, mas que por outro lado não é absolutamente forçoso que outras pessoas que utilizem o termo também associem a ele essa conotação peculiar, uma vez que as palavras não perdem seu sentido genérico no idioma. Antes de transformar Paulo em adepto de uma determinada seita helenista que venerava os “elementos cósmicos”, precisamos verificar se o entendimento comum e simples da expressão *stoicheia tou kosmou* não rende um bom sentido para as afirmações de Paulo.

É o que de fato ocorre. A palavra “elementos” é um acréscimo elucidativo para o termo “mundo”, que Paulo usa com frequência e de maneira fundamental. O “mundo” é este mundo humano separado de Deus e por isso sombrio e moribundo. Realmente somos escravizados por seus “elementos”, seus traços, poderes e concepções rudimentares, e até mesmo pela lei, como os israelitas, até que Cristo nos liberte para uma nova existência. Por isso toda reflexão sobre o mundo e o ser humano caminha irremediavelmente nos círculos dessas linhas básicas do mundo (“segundo os elementos do mundo”). Sem conseguir superá-lo, o mundo sempre volta a repetir seu velho abecedário, em todos os sistemas filosóficos e não obstante a grandiosidade das realizações intelectuais. Essa ladainha é sempre “pensamento legalista”, como reconheceram os Reformadores, com profundo reconhecimento da natureza do ser humano (dos “elementos do ser humano”). Daí a estreita ligação entre “preceitos” e “elementos do mundo”. Os *stoicheia*, portanto, não fazem parte dos “poderes” que Deus desarma e desmascara. Pelo contrário, precisamos e podemos “morrer” para eles, de sorte que somos retirados do mundo e de sua essência básica elementar. A partir de Cristo, porém, vemos como são “fracas” e “pobres” as linhas e traços rudimentares do mundo, mesmo quando antes o mundo nos pareceu tão rico, uma matéria inesgotável para nossa reflexão e nosso agir. Por isso, dar ouvidos àqueles que não vêem as coisas na radiante luz do Cristo, mas buscam nos fracos e pobres elementos do mundo os princípios de sua visão de mundo não seria enriquecimento e aperfeiçoamento, mas “condução para a escravidão”.

Na seqüência podemos notar como essa moldura poderosa e de validade atemporal é preenchida com a controvérsia contra a visão de mundo específica que naquele tempo ameaçava causar dano aos

colossenses. Tentaremos também encontrar aqui, em tudo o que parece estranho e curioso, tendências do coração humano que não é tão estranho e desconhecido para nós. Isso se torna ainda mais importante porque é muito difícil extrair das alusões da presente carta e do nosso conhecimento geral do pensamento e da vida daquele tempo uma idéia histórica realmente segura e clara da “visão de mundo” de que se trata aqui. Até mesmo pesquisadores conscienciosos e de amplo saber divergem consideravelmente em suas concepções. Isso é possível pelo fato de que na realidade se trata de “sincretismo”, de uma “mescla” de idéias, concepções e esforços das mais diversas formas e mais coloridas origens. Hoje temos dificuldade em distinguir tais mesclas, e nos respectivos conceitos persiste a imprecisão a respeito de a qual componente da mistura pertencem e que sentido específico conseqüentemente possuem. Afinal, estamos na época do “helenismo”. No encontro entre a Grécia e o mundo oriental as mais diferentes linhas de pensamento, concepções de religião, costumes culturais e configurações de vida haviam exercido influência uma sobre as outras, associando-se e estimulando-se para formar as mais diversas mesclas.

No entanto, não se deve omitir um aspecto nessa questão: a influência muito intensa do judaísmo que, assim como na Galácia ou em Corinto, evidentemente também atuava em Colossos. Tanto aqui quanto na Galácia a circuncisão é um tema bastante discutido! Trata-se (sobretudo quando antecipamos o olhar para o trecho seguinte) de “preceitos”, do cumprimento do sábado e de outros dias sagrados, de proibições de alimentos e prescrições de purificação. Ao advertir aqui contra uma “filosofia” que se alicerça sobre “a tradição das pessoas”, esse conceito apresentado por Paulo nos coloca diretamente diante de Mc 7.8, ou seja, no âmbito de Israel! É provável que a nova maneira de pensar se tornasse perigosa para uma igreja apenas pelo fato de apelar para o AT e a antiqüíssima religião de Israel. Portanto não podemos acompanhar a tendência das pesquisas que durante muito tempo buscaram uma base para as explicações exclusivamente no contexto grego do NT.

Fato é que naquele tempo Israel já não estava restrito a Canaã e já não era um povo coeso em um território próprio. Havia judeus em todas as partes do mundo, realizando intercâmbio não apenas comercial mas igualmente intelectual com seu entorno. Levaram para dentro do sincretismo da época suas convicções, sua lei, seu modo de vida religioso, acreditando que com isso podiam fornecer uma resposta especial a buscas, anseios, sonhos e indagações de seu contexto, assim como de seu lado também foram influenciados pelo pensamento dele. Sob esse enfoque cumpre compreender o que começava a mexer também com os cristãos em Colossos.

Aparentemente trata-se de dois grandes conjuntos de perguntas. Inicialmente está em jogo a “pureza”. A Antigüidade tardia é uma época de desenfreamento e decomposição. Paulo pode se arriscar a descrever essa época como faz em Rm 1.18ss, sem precisar temer o protesto dos romanos. As velhas religiões populares com sua moral religiosa haviam acabado. Não existiam mais estados independentes com sua respectiva ordem e moralidade política. Em que, pois, as pessoas deveriam se basear na vida? O corpo humano, admirado por sua beleza e celebrado nos esportes públicos, esbaldava-se de forma desenfreada com seus impulsos ardentes. Desfrutar a vida, quer de forma refinada ou grosseira, parecia ser o sentido e o conteúdo da vida. Mas a voz da consciência não podia ser sufocada. Mesmo as pessoas daquela época sabiam o que é sentir “o fardo dos desejos”. Também elas percebiam a impossibilidade de transformar o desfrute da vida em alvo da existência: “Cambaleio, pois, do desejo à fruição, e na fruição morro de desejos.” Por essa razão, a época era perpassada por um anseio por uma “vida” que verdadeiramente valesse a pena. Ao mesmo tempo era um ardente anseio por “pureza”, por libertação da escravidão dos instintos e das paixões. A veneração errada do corpo guinou para um desprezo muitas vezes mórbido pelo corpo, um terror diante da “carne”. Não estava tudo conspurcado e deturpado? A vida não era na realidade uma morte, que prendia as pessoas?

O judaísmo, entendido como “filosofia para todos”, respondia: nós temos para vocês as instruções claras para a vida, nos mandamentos, na lei. Temos justamente os preceitos que vêm ao encontro ao seu anseio por “pureza”, dizendo a vocês o que evitar para se preservar diante desse mundo deturpado e impuro. Organizamos a vida de vocês com uma série de dias sagrados. E nós temos a circuncisão! Quem se deixa circuncidar é retirado do paganismo, da humanidade corrupta. Na circuncisão é “podado” o corpo, a “carne”, justamente com seus desejos mais perigosos e impuros. Dessa maneira vocês encontram o que procuram: pureza, que os torna aptos para o mundo divino de eterna vida e luz. – Isso não era plausível? Isso não seria também o caminho para a igreja em

Colossos, se ela quisesse levar sua fé inteiramente a sério e ser realmente uma igreja de puros e santos neste mundo cheio de tentação e sujeira?

Um segundo aspecto se agrega a isso. Afinal, lidamos simples e unicamente com Deus no mundo? Porventura os anjos já não tinham uma importante função no AT, inclusive como mediadores entre Deus e humanos, até mesmo governando e dirigindo os acontecimentos em nações inteiras (Dn 10.13,20s)? A visão de mundo daquele tempo não teria razão em falar muitas coisas acerca de todos os mundos e seres intermediários entre a divindade e a terra, dos “poderes” e “potestades”? Porventura não era necessário que se estabelecesse um relacionamento com esses “poderes”, conquistando seu favor e auxílio e ambientando-se em seu misterioso reino? O caminho até Deus não passava primeiro por esse reino? O ser humano daqueles dias, assim como todo “gentio” e também ser humano moderno e esclarecido com sua astrologia, seu “pé-de-coelho”, sua “ferradura”, seu amuleto no carro e no avião, suas benzeduras, seu medo diante do número 13, diante do “dia de azar” da sexta-feira, etc., considera-se rodeado de “poderes”, “espíritos”, “ancestrais”, “feitiços”. Depara-se com eles a cada passo, devendo conhecer a maneira correta de lidar com eles, a fim de proteger-se de sua maldade e obter sua ajuda. Agora, pois, tudo isso era explicado pela “filosofia”, mediante o uso de antigos fundamentos “bíblicos”, e mostrava-se simultaneamente o caminho para o poderoso reino que preenche o abismo entre “Deus” e “mundo”. Porventura a igreja em Colossos podia simplesmente passar ao largo dessas questões importantes? Não haveria restado aqui uma lacuna irresponsável, perigosa, na instrução recebida até então da parte de Epafras? Quem conhece a profundidade com que os temores mágicos habitam no coração humano pode imaginar a apreensiva inquietude com que os colossenses ouviam o que pessoas “experientes” lhes expunham detalhada e insistentemente acerca desses “poderes originários” e entes espirituais.

Como, pois, Paulo se posicionou diante de todas essas questões? Para nós é muito importante e instrutivo observar seu modo de proceder. Não entrou em quaisquer controvérsias específicas. Não combateu opiniões isoladas, não desvendou equívocos específicos, não tentou corrigir concepções particulares. O único resultado disso é, sempre, conversas com desfecho imprevisível.

11s Paulo leva muito a sério o que move as pessoas daqueles dias. “Pureza?” Ah, sim, o anseio de vocês está certo! O “corpo carnal” com suas concupiscências e desejos é algo terrível. O ser humano precisa ser liberto dele. Trata-se de “**despir-se do corpo carnal**”. No entanto, será que isso se resolve por meio de uma “circuncisão” exterior, uma cerimônia “**executada com a mão**”? Será mesmo que vocês se livram desse corpo carnal ao retirar um pedacinho externo dele? Afinal, há uma ajuda radical bem diferente, uma “circuncisão” muito mais poderosa e eficaz que a recomendada a vocês neste momento: uma “**circuncisão de Cristo**”. Ela foi dada a vocês no batismo. Como assim? Não devemos onerar a interpretação de passagens como essa com as aflições e perguntas que surgiram entre nós por causa do batismo indiscriminado de bebês. Aqui se trata de um batismo que, sendo um evento axial, se situava no centro de uma clara história divina na vida das pessoas. Como mostra a continuação na frase seguinte, não é, de forma alguma, um evento mágico que sucede *ex opere operato*, i. é, pela mera realização do batismo em si. Batismo e fé estão completamente interligados, formando uma unidade inseparável. Quem pretende aplicar a uma pessoa batizada a afirmação “sepultada com Cristo no batismo”, somente pode e tem permissão para fazê-lo quando puder aplicar livre e nitidamente a ela também a segunda afirmação, “ressuscitada com ele mediante a fé”. A fórmula *baptizein eis to onoma* = “batizar no nome de”, designa a entrega do batizando a Cristo, uma transferência que em última análise só pode ser realizada com o consentimento intencional desta pessoa na fé, na confiança integral ao outro. Conseqüentemente, no batismo os colossenses se tornaram propriedade de Jesus. Ali o próprio Cristo agiu neles, “podando-os” da forma mais definitiva possível ao levar consigo para a morte e a sepultura todo o seu corpo carnal, toda a sua natureza egocêntrica. Afinal, não é possível livrar-se de maneira mais definitiva e perfeita do corpo carnal do que cobrindo-o na sepultura! É isso que eles podem captar constantemente pela fé, tendo o privilégio de possuir assim de modo perfeito o que a nova filosofia e todas as suas cerimônias de purificação e mesmo a circuncisão adotada em Israel conseguiram no máximo iniciar de forma precária.

Essa é a verdade e ajuda decisiva também para nós. Ainda que nossa visão de mundo tenha aspectos bem diferentes do que naquele tempo – nossa condição interior e o anseio por “pureza” não são diferentes do que no passado. Deparamo-nos de forma idêntica com o “corpo carnal”. E por acaso na nossa vida a pergunta decisiva não é também como “despir-se” dele? Também a nós são

oferecidos muitos meios de “santificação”, quer éticos, quer culturais. Contudo nós também podemos nos tornar propriedade de Jesus, e de forma tão realista que igualmente nos tornamos co-participantes de sua morte e sepultura. O fundamento de toda santificação genuína e de toda vitória concreta na vida aqui e agora é apreender com fé a morte, que nossa cabeça já concretizou em nosso ser egocêntrico perante Deus e por isso com o máximo de realismo. Por isso essa união de voz ativa e passiva, a princípio estranha, também é bem condizente com a questão.

Podemos “nos livrar” ativamente desse corpo determinado pela carne somente pelo fato de assumirmos com fé o que esse nosso corpo experimentou passivamente na morte de Jesus. Nenhuma “santificação” consegue ser ativa diretamente reconhecimento de fato cremos que fomos crucificados e sepultados junto com Cristo.

- 13 Os colossenses e as pessoas daquela época (e também nós!) têm razão em seu ardente anseio por renovação total da vida. Paulo não tenta dissuadi-los desse anseio nem chamá-lo de exagerado. Novamente sua “apologética” faz plena justiça ao enfoque do “adversário”, até mesmo superando-o, sendo mais claro e radical do que as pessoas que argumentavam com os colossenses. Seus “**passos em falso**”, sua “carne não-circuncidada”, toda sua forma “gentia”, não-divina e maculada é terrível. Através delas vocês estão – mortos! Mas precisamente porque a aflição é tão grande e a perdição tão radical que todos esses pequenos remédios que são apregoados a vocês em Colossos não servem: dias santos, períodos sagrados, abstinências e conexão com o mundo angelical. Para “mortos” há somente uma ajuda real: “ressurreição”. E vocês na verdade possuem essa ajuda radical! “**Nele igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos.**” Nessa frase encontramos a palavra grega *energeia*, cuja derivação existe também em nosso idioma: “energia”. No grego ela designa não uma energia “potencial”, mas sempre a energia eficaz, ativa.

Deus utilizou sua força divina de maneira singular quando ressuscitou aquele que morreu por nós e foi baixado à sepultura carregando toda a nossa culpa e aflição. Nós, porém, “cremos” nessa intervenção de Deus, que deu uma guinada decisiva na história universal e também na história de nossa vida. Essa “fé”, no entanto, é nitidamente muito diferente do que concordar intelectualmente com uma doutrina. Aqui não consta, como obviamente temos de formular em nosso idioma, fé “em”, nem mesmo, como em Cl 1.4, fé “dentro de”, mas literalmente “fé do poder atuante de Deus”. Isso poderia ser um genitivo do sujeito, significando que a fé surge por meio da mesma eficácia da força de Deus que também chamou Jesus para fora do mundo dos mortos. Foi isso que Paulo realmente expressou na carta aos Efésios, em Ef 1.19. Nesse caso está claro porque o processo de uma pessoa “tornar-se crente” na realidade e de modo geral é “ser ressuscitado junto com”. Mas também quando recordamos que em outras passagens – p. ex., Mc 11.22; At 14.9; Rm 3.22,26; Gl 2.20; Ef 3.12; Ap 2.13 – a construção do genitivo aparece de forma a designar o objeto da fé, isso não altera em nada o sentido e conteúdo da afirmação. Afinal, a fé continua sendo algo por meio do qual um ser humano “é ressuscitado com”. Na acepção do NT a fé abarca seu objeto não apenas na mente (embora seja óbvio que isso com certeza também acontece!), mas em toda a pessoa, estabelecendo uma conexão real com o objeto e conferindo participação no objeto. Quem realmente “crê” na eficácia do poder de Deus, que ressuscitou Jesus dentre os mortos, coloca-se assim pessoalmente debaixo da eficácia desse poder de Deus, sendo “ressuscitado com” e trasladado para uma vida verdadeiramente nova. Nós, que tão facilmente transformamos em “idéias” e “concepções” tudo que cai em nossas mãos, constantemente precisamos nos esforçar para captar todo o realismo do NT. Não se trata de um belo pensamento, de uma opinião teológica, de um discurso edificante, mas de algo “atual”, a partir da “atuação” de Deus: “**E a vós que estáveis mortos pelos vossos passos em falso e pela incircuncisão da vossa carne, ele vos deu vida juntamente com ele.**” Unicamente assim é possível ganhar a nova vida, pela qual anseiam os seres humanos. Ela foi ganha para os colossenses, já que é verdade que são crentes. O que mais querem, afinal? Pretendem deixar que os filósofos os arrastem dessa glória e liberdade para a escravidão, onde se busca em vão a renovação da vida com métodos morais ou religiosos “segundo a tradição dos seres humanos”?!

Novamente não cabe simplesmente ler e captar essas exposições de forma “objetiva” como um curioso mundo conceitual “histórico”, que tentamos entender de forma “puramente histórica”. Podemos e precisamos reconhecer que aqui está em jogo a “nossa causa”! Porventura queremos parar no meio do caminho em nossa auto-avaliação, ou concordamos de coração com a sentença aqui proferida: “mortos pelos passos em falso e pela incircuncisão de nossa carne”? Que decisão isso implica acerca de nossa vida! Porque quando temos de nos considerar “mortos” acabam também

todas as numerosas tentativas humanas com as quais também nós esperávamos alcançar a verdadeira vida. São suficientemente numerosas também em nossa época! Então está em jogo também para nós aquela renovação radical que se chama “ressurreição”. Então importa também para nós que obtenhamos a “fé” que nos torna participantes do Cristo ressuscitado e nos coloca em uma nova vida como “ressuscitados junto com ele”. No entanto, se tivermos essa fé, a carta aos Colossenses e todas essas frases falam diretamente também de nós, deixando de ser meramente “histórica”.

- 14 O que dizer, porém, dos “**preceitos**” que começavam a parecer tão sedutores aos colossenses? Novamente Paulo não discute com preceitos específicos, como se apenas eles estivessem errados, precisando ser substituídos por outros melhores. Afinal, trata-se do nível em que se desenrola, interminável e sem esperança, a luta das diversas visões de mundo e sistemas de vida. Paulo não tem nada a ver com essa luta. Sua pergunta novamente é muito mais radical: o que, afinal, ganhamos com “preceitos”, sejam eles quais forem, com todo esse “deves – não deves”? Ganhamos – “**o escrito de dívida contra nós**”! Porque preceitos admitidos valem como dívidas financeiras admitidas. Essa é toda a nossa miséria: os “preceitos” de forma alguma são apenas arbítrio e tolice, o “deves – não deves” possui uma profunda razão que nossa consciência reconhece e precisa reconhecer, e nós de fato permanecemos em débito para com os preceitos. Conseqüentemente, a “nota promissória” se torna cada vez maior, a cada dia e hora. Por acaso os colossenses não vêem o que estão fazendo ao permitir que lhes sejam impostos cada vez mais preceitos? Como é cego todo o entusiasmo com preceitos!

Pelo contrário, está justamente em jogo a ardente pergunta de como livrar-se das dívidas, como colocar de lado o comprovante de dívida que acusa e atormenta de forma cada vez mais terrível. Quem envereda pelo caminho de novos preceitos, age como um endividado que tenta se livrar das dívidas assinando novas notas promissórias, cada vez piores. Esse procedimento absurdo e deplorável está em voga tanto no mundo moral quanto na vida comercial. Acontece que a nota promissória jamais pode ser arbitrariamente rasgada por nós, os culpados. Como todo devedor real somos reféns indefesos de nossa dívida. Foi então que *Deus* interveio. Ele o fez de maneira divina. Não considerou nosso escrito de dívida uma ninharia. Nesse caso jamais poderíamos ter confiança em Deus! Tampouco o anulou em segredo. Nesse caso, tudo permaneceria incerto para nós! Não, de forma divinamente pública, perante os olhares do mundo inteiro, perante os olhares do céu e do inferno ele cancelou o débito, “**pregando-o na cruz**”! Tão-somente nos resta considerar isso um fato inconcebível, agradecendo por ele com coração aliviado e consciência liberta. No entanto, quem realmente constatou isso jamais poderá tornar a buscar ajuda e salvação nos “preceitos”.

Novamente a carta fala simplesmente “de *nós*”. O próprio Paulo já havia indicado isso quando, ao falar do perdão de Deus, substituiu o contínuo “vós” e “vos” por um chamativo “nós”: “**perdoando todos os nossos passos em falso**” [v. 13]. A pergunta pelo perdão é a pergunta de todo ser humano cuja consciência despertou. “Deus perdoa”, essa é nossa única redenção. Tanto mais candente se torna a pergunta: onde, afinal, vejo o perdão de Deus, como obter certeza dele? Onde posso vê-lo de tal maneira que ele ao mesmo tempo leve a sério o incontornável veredicto de minha consciência e reconheça a gravidade de minha culpa? Para essa pergunta, a mais relevante de todas no mundo, Paulo tem a resposta que nenhuma filosofia daquela época ou de hoje pode fornecer: olhe para a cruz, ali você verá a sua nota promissória publicamente destacada e aniquilada!

- 15 O que dizer, por fim, dos “poderes e potestades”, dos “elementos do mundo”? Uma vez mais Paulo não procede no sentido de polemizar contra detalhes da doutrina sobre os anjos. Contudo, também não passa a negar a realidade dessas coisas. Igualmente não está sendo meramente didático ou diplomático diante dos colossenses. Está verdadeiramente convicto de todo esse mundo poderoso de entes invisíveis, razão pela qual também falou dele aos coríntios (1Co 2.6; 15.24) e aos romanos (Rm 8.38s; Ef 1.21 aparece nas mesmas correlações de Cl 1.16). Teremos dificuldade de delinear um quadro real da estrutura desse mundo de espíritos que Paulo via diante de si. Nem mesmo recebemos uma resposta inequívoca à pergunta se esses “poderes” e “potestades” seriam espíritos “bons” ou “maus”, “anjos” ou “demônios”. Um conhecedor do NT do calibre de Adolf Schlatter opina: “É pouco provável que aqui ele tenha em mente Satanás e os espíritos ligados a ele, mas aqueles que estão próximos de Deus, circundando-o como os ‘tronos’. Eles estão contra o ser humano por causa de sua culpa: estes seres tornam-se seus acusadores.” Contudo, deve possuir um peso considerável que a carta aos Efésios, tão próxima da carta aos Colossenses, em Ef 6.12 designe os mesmos “poderes” (*archai*) e “potestades” (*exousiai*) expressamente de “dominadores cósmicos destas

trevas” e de “espíritos da maldade”, contra os quais nós cristãos precisamos lutar, ou que Paulo pelo menos lista nessa ordem. Ademais, cabe questionar se a interpretação de Schlatter: “Mas Deus rejeitou a todos cujo propósito era que fôssemos punidos e pécêssemos em nossa culpa. Por mais próximos que estivessem dele, colocou-os de lado como se tira uma roupa que não se deseja usar mais e anulou o desígnio deles... Esse é o vexame que lhes trouxe a cruz de Jesus; depararam-se aqui com uma graça que era maior que seus pensamentos” realmente faz justiça à poderosa e triunfante frase de Paulo: **“Ele desarmou os poderes e as potestades, expondo-os publicamente à infâmia e celebrando nele [em Jesus] o triunfo sobre eles.”**

Seja como for, porém, a resposta que Paulo fornece às perguntas dos colossenses é inequívoca. Não precisamos temer esses poderes, apesar de toda a sua realidade e magnitude, nem esforçar-nos pelo favor deles! Porque desde já nosso cabeça Cristo é também **“o cabeça de todo poder e potestade”**. Todos esses entes espirituais lhe foram subordinados, pela forma e razão por que todos foram “criados por meio dele e para ele” (Cl 1.16). Agora a cruz, com toda a sua magnitude (cf. acima, p. 188), também incide sobre todo esse mundo invisível. Independentemente de os “poderes” nos acusarem como anjos próximos de Deus ou como potestades de Satanás, exercendo poder sobre nós por causa de nossa culpa, em qualquer um desses casos lhes foram tiradas da mão todas as armas por intermédio da cruz do Filho de Deus. Assim como a nota promissória foi legalmente pregada à cruz perante os olhares de todos e dessa forma aniquilada, assim todos os nossos inimigos e acusadores foram destituídos de seu poder com esse ato. Do mesmo modo como um general romano mostrava ao povo toda a realidade e grandeza de sua vitória conduzindo os inimigos derrotados em marcha triunfal atrás de sua carruagem pelas ruas da capital, assim **“Deus os expôs (os poderes e potestades) publicamente à infâmia celebrando nele [em Jesus] o triunfo sobre eles.”** Gramaticalmente não há como decidir com segurança se o “nele” se refere a Cristo ou à cruz. Combinaria muito bem com a metáfora do triunfo público se aqui a cruz, esse lugar da aparente impotência e derrota de Deus, fosse designado de lugar de sua vitória visível sobre a terra e no céu. Seja, porém, como for: que estranho seria se os colossenses disputassem o favor de reis que, desarmados, impotentes, despojados de toda a dignidade real, marcham no séqüito da carruagem vitoriosa do general, um general ao qual os colossenses têm o privilégio de pertencer diretamente! Não há nenhuma lacuna questionável em relação à instrução anterior dada aos colossenses. Pelo contrário, essa instrução correspondia inteiramente à realidade dos fatos! Cada passo no caminho para o qual devem ser seduzidos agora seria tolice incompreensível e perda perigosa.

Será que também esse bloco tem algo a dizer a nós? Essas afirmações não são feitas de fato a partir de um mundo conceitual que é totalmente estranho para nós hoje, pelo fato de conseguirmos fazer a reconstrução histórica apenas com dificuldade? Por longo tempo parecia ser assim. O cidadão centro-europeu esclarecido que vivia por volta do ano 1900 meneava a cabeça: entre o bom papai no céu e nós não existe mais nada, e a utilidade dos “anjos” se restringe no máximo às cenas de presépio, acompanhada de “Papai Noel” e de “anões”. Também por volta de 1900, o missionário transcultural e seu grupo de cristãos lia o presente texto de outra maneira. O texto era plenamente atual para ele e os que haviam sido arrancados do mundo gentio. Maravilhosamente libertadora e indispensável era a mensagem: aquele que pertence a Cristo não tem mais necessidade de temer “poderes”, “espíritos”, “ancestrais”, nem práticas de feitiçaria. Tudo isso está desarmado, sobre tudo isso triunfa Cristo, e os cristãos, com ele!

Também nós, porém, encaramos o mundo de maneira bem diferente. Cansado do racionalismo insatisfatório, justamente o ser humano de hoje torna a procurar o misterioso. Há nova abertura para o pensamento “mágico”. O “ocultismo” ocupa muitas pessoas, tanto cientistas como leigos. A astrologia ocupa um espaço amplo, até mesmo em jornais modernos. É incalculável a correnteza de superstição e feitiçaria que corre pelo mundo todo. Porventura uma expressão como “elementos ou poderes originários do mundo” não poderia tornar-se de novo misteriosamente atraente para as pessoas modernas? A igreja de Jesus de hoje não poderia ouvir de novo (e de fato está, p. ex., por parte da antroposofia e do esoterismo): por que vocês deixam de lado uma parte considerável e poderosa da realidade? Por que vocês passam ao largo da dimensão misteriosa do mundo? Como é pobre e sóbrio o cristianismo de vocês! Como poderia vir a ser profundo e influente se vocês incluíssem todas essas coisas ocultistas e mágicas, recorrendo às forças misteriosas que estão à nossa disposição quando as honramos e usamos devidamente? Essa é uma parcela da situação de Colossos!

A seu modo, porém, a igreja tornou a compreender essas coisas. A percepção da Bíblia começou novamente a descortinar-se para ela. A igreja sabe outra vez: esse mundo não é o cenário inócuo e belo da vida puramente humana, mas com certeza o âmbito de dominação do “príncipe deste mundo”, que até mesmo é o “deus desta era” (2Co 4.4). A igreja sabe novamente, e não apenas teoricamente a partir das Escrituras, mas também na seriedade de experiências espirituais próprias: “Nossa luta não é contra carne e sangue, mas contra os poderes, contra as potestades, contra o dominador mundial destas trevas, contra os espíritos da maldade” (Ef 6.12). Ela sabe que exatamente a esfera mágica e ocultista que lhe está sendo apregoada é o espaço de atuação desses “poderes”, da mesma forma como as incontáveis práticas supersticiosas que são realizadas até mesmo em círculos cristãos.

Por isso o fato de que Deus desmascarou e desarmou todos esses “poderes” em Cristo, independentemente de nos seduzirem ou ameaçarem, não é uma simples curiosidade histórica, mas uma mensagem necessária para a igreja de hoje. A igreja tem o privilégio de saber com alegria que também nisso ela possui um “grande Jesus”, tão grande e glorioso que não precisa de mais nada além dele, nem mesmo um “conhecimento de mundos superiores”, que nele ela não precisa temer mais nada. A carta aos Colossenses presta um serviço inestimável à igreja de hoje ao lhe mostrar também sob esse aspecto a magnitude de Jesus e a grandeza e eficácia de sua cruz.

NÃO À SANTIFICAÇÃO LEGALISTA! – CL 2.16-23

- 16 – Ninguém, pois, vos julgue por causa de comida e bebida, ou dia de festa, ou lua nova, ou sábados,**
- 17 – porque tudo isso tem sido sombra das coisas que haviam de vir; porém o corpo é de Cristo.**
- 18 – Ninguém se faça árbitro contra vós outros, pretextando humildade e culto dos anjos, baseando-se em visões, enfatuado, sem motivo algum, na sua mente carnal,**
- 19 – e não retendo a cabeça, da qual todo o corpo, suprido e bem vinculado por suas juntas e ligamentos, cresce o crescimento que procede de Deus.**
- 20 – Se morrestes com Cristo para os rudimentos do mundo, por que, como se vivêsseis no mundo, vos sujeitais a ordenanças:**
- 21 – não manuseies isto, não proves aquilo, não toques aquilo outro,**
- 22 – segundo os preceitos e doutrinas dos homens? Pois que todas estas coisas, com o uso, se destroem.**
- 23 – Tais coisas, com efeito, têm aparência de sabedoria, como culto de si mesmo, e de falsa humildade, e de rigor ascético; todavia, não têm valor algum contra a sensualidade.**

16 Depois dos esclarecimentos fundamentais vem agora uma breve controvérsia com as diversas acusações e ataques com que a igreja em Colossos se defronta. A resposta aos grupos que interpelavam a igreja resulta automaticamente de tudo o que foi dito antes – o trecho inicia com “**por isso**” – e apresenta simplicidade e clareza objetivas. Evidentemente deparamo-nos nela com diversas expressões e conceitos que não conhecemos das demais cartas de Paulo. Além disso, justamente nessas frases o texto grego está nitidamente prejudicado. Por isso o comentário forçosamente permanecerá impreciso em um ou outro ponto.

A igreja é “**criticada**”. Essa crítica brota de sua atitude prática diante de coisas bem determinadas. A igreja lida sem receios com alimentos e bebidas. Que pouca seriedade, que pouca santidade isso reflete! Quem realmente leva sua conduta “santa” a sério precisa, afinal, observar: “Não pegue! Não experimente! Não toque!” A igreja igualmente segue despreocupada com os dias. Não se importa com as fases da lua e não cumpre o sábado. Como pode ser tão leviana! Como são importantes os dias festivos, que na verdade estão relacionados com o curso dos astros e, portanto, com os poderes espirituais que governam os astros! Ainda mais o sábado! Ele já fora instituído já na criação e incutido pelo AT com tanta veemência! A igreja deixa isso simplesmente de lado?! Então ela jamais conquistará o prêmio da vitória, jamais será coroada por Deus!

No entanto, se a igreja em Colossos leu e entendeu corretamente o que Paulo e Timóteo lhe escreveram no trecho anterior, ela também compreenderá a continuação conseqüente: “**Por isso ninguém vos critique...**” Naturalmente não pode evitar que essa crítica seja expressa contra ela. Porém não deve permitir que isso a abale ou derrube. Deve rejeitar com clareza e firmeza essa crítica.

“**Comida e bebida**” – Jesus já apontara para o fato de que essas coisas na realidade não podem contaminar o ser humano, “porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai pela via natural” (Mc 7.19). Do mesmo modo, também Paulo constata que “**todas essas coisas, com o uso, se destroem**” [v. 22]. O que terão, pois, a ver com nossa santidade perante Deus? Deixem os críticos falarem!

17 E a pergunta a respeito dos “**dias de festa**”? Do “**sábado**”? Paulo explicita a questão com a ilustração do “corpo” e da “sombra”. Um corpo lança sua sombra e pode ser reconhecido pela sombra, segundo seu contorno. Porém o essencial não é a sombra, mas o próprio corpo. Assim o mandamento do sábado de Israel também é “**apenas uma sombra do que haveria de vir, o verdadeiro corpo é do Cristo**”. Os mandamentos e regras dados a Israel eram tão-somente a sombra projetada de uma coisa cuja realidade plena pertence somente a Cristo e chegou nele e com ele. Um dia específico era separado para Deus e considerado “santo”, em um único dia havia “repouso sagrado”. Contudo isso não passava de um prenúncio, um indício em forma de sombra de uma realidade muito mais gloriosa. Para Deus não contam os dias específicos que economizamos para ele; Deus se importa com toda a nossa existência, com cada dia e cada hora. Habita em Deus um repouso sagrado que não apenas interrompe a cada sete dias a atividade intensa e apressada em favor do próprio eu, mas que tranqüiliza a vida inteira no meio da inquietação do mundo. Jesus trouxe esse sábado verdadeiro e essencial: em Mt 11.28 ele declara: “Eu vos darei descanso.” Jesus pronunciou essas palavras em aramaico, que nós certamente poderíamos traduzir assim: “Eu vos preparo o sábado.” Não é por acaso que Mateus relata no cap. 12 exatamente as controvérsias de Jesus com os fariseus sobre a questão do sábado. Quem compreendeu o que Paulo recomenda expressamente aos colossenses em Cl 3.17: “Tudo o que fizerdes, seja em palavras seja em ação, fazei tudo em nome do Senhor Jesus”, e o que recomendou encarecidamente aos coríntios em 1Co 10.31: “Quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus”, esse já não conhece em sua vida a diferença entre tempos e dias “sagrados” e “seculares”. Portanto mais uma vez, agora nessas questões específicas que representavam o teor da crítica de determinados grupos aos colossenses, envolver-se com as idéias dos críticos não seria ganho, mas perda, não será uma santificação maior e mais profunda, porém uma limitação muito mais pobre e inferior! Quem tem o “corpo” não tentará obter a “sombra”! Deixem os críticos falarem!

Em suas palavras Paulo mantém uma grande sobriedade. Na verdade os colossenses já estão “repletos em Cristo” (v. 10) agora. O que “haveria de vir”, que a lei apenas projetava em forma de sombra, já existe e se tornou atualidade, porque e na medida em que Cristo, o cabeça da igreja, está presente. Mas obviamente seu cumprimento pleno e definitivo será concedido somente quando a igreja tomar posse da herança dos santos na luz. Então será plenamente “sábado”, uma festança eterna no serviço perfeito para Deus. Quem, porém, caminha em direção a esse cumprimento não tenta mais agarrar as sombras.

20-22 O retrocesso fatal que é apregoadado aos colossenses como “progresso” e “perfeição” se mostra mais uma vez de maneira fundamental. Todos esses esforços legalistas de santificação, que se ofereciam à igreja, na verdade deveriam servir, segundo a convicção de seus representantes, para libertar os cristãos sérios das coisas “mundanas”. O máximo cuidado para não pegar isso nem degustar aquilo nem tocar aquela outra coisa, a fim de nos distanciarmos o mais possível do “mundo”! Contudo esses “preceitos” nada fazem além de justamente amarrar ao mundo. Pressupõem pessoas que “ainda têm sua vida no mundo”. Os crentes em Cristo Jesus, porém, estão separados do “mundo” com clareza e nitidez infinitamente maiores, até mesmo quando tocam, experimentam e pegam tranqüilamente todas as coisas “**que, com o uso, são destinadas à destruição**”: “**afinal, morreram com Cristo para longe dos elementos do mundo**”. Ninguém está tão separado do mundo quanto o morto. Paulo acredita que os colossenses são capazes de testemunhar como ele, com alegria e clareza: “A vida para mim é Cristo” (Fp 1.21). O “mundo” com tudo o que é contrário a Deus e deteriorado, não é mais minha “vida”; não atrai mais meu coração nem preenche mais minha mente e meus anseios. Essa é uma separação do “mundo” bem diferente e muito mais profunda do que permanentemente evitar centenas de coisas com temor, porque a rigor ainda são tentadoras e perigosas para mim. Por isso, “**se morrestes com Cristo para longe dos elementos do mundo, por que, como se ainda tivésseis a vida no mundo, vos deixais impor preceitos?**” Também nesse caso os colossenses novamente trocariam apenas “corpo” por “sombra”, liberdade real por escravidão.

Deixem os críticos falarem! O que vos dizem não vem de Cristo, mas corresponde “**a mandamentos e doutrinas dos seres humanos**”.

Sendo tudo assim, porém, como é possível, então, que os críticos da igreja pensem de modo tão diferente? Paulo não teme responder: Porque no fundo algo não está em ordem com eles próprios!

18 Negam à igreja o prêmio da vitória, agem como se eles mesmos fossem os árbitros. Por si só, considerar-se juiz já é uma presunção estranha. Essa presunção contrasta curiosamente com a “humildade”, tão enfatizada por eles. Para os críticos a igreja não era de forma alguma suficientemente “humilde”. O livre manuseio de comida e bebida, a despreocupação com o sábado e os demais dias festivos, isso não era “orgulho”? Eles, porém, viviam uma vida de humildade, curvavam-se, rebaixavam-se. A igreja ficou insegura: “humildade” – não era esse um dos mais importantes princípios do discipulado, conforme o próprio Mestre? Então Paulo lembra algo que o filósofo da religião católico Max Scheler expressou por meio de uma boa ilustração: existem virtudes que somente se tornam visíveis “nas costas daquele que age”. Isso significa primeiramente: não se pode carregá-las consigo como qualidades estáticas, pois elas somente se evidenciam na ação. Em segundo lugar: não podem ser buscadas de forma imediata, são deturpadas quando tentamos nos apoderar diretamente delas. Não podemos caminhar em direção delas. Somente se tornam visíveis às nossas “costas”, enquanto nos ocupamos, na caminhada rumo ao alvo, com objetivos e tarefas bem diferentes. Dessas virtudes faz parte a humildade. Humildade intencional é forçosamente humildade fabricada, desprezível. É para esse traço depreciativo na “humildade” dos críticos que Paulo chama a atenção dos colossenses. Literalmente é dito aqui: “querendo em humildade” [“pretextando humildade”] A humildade autêntica não “quer” ser “humilde”. A humildade autêntica não tem noção de si mesma e nunca a se aproxima dos outros com a exigência e crítica: “Ora, vocês precisam ser muito mais humildes!” Falsa humildade sempre se trai pelo orgulho, que repentinamente transparece em todos os aspectos. Os “humildes”, que interpelavam os colossenses, estavam ao mesmo tempo ocupando a cátedra de juiz e distribuindo o prêmio de vitória. Os “humildes” faziam com que a igreja sentisse como ela era precária e pobre: *eles*, porém, teriam “**culto dos anjos**”, *eles* estariam em contato com os espíritos superiores. Provavelmente alegavam que tinham experiências e **visões** maravilhosas. Aqui o texto obviamente é difícil. O verbo [“basear-se”] que consta aqui na realidade significa “adentrar”, “penetrar, visitar”, e por conseqüência também algo como “tomar posse de uma propriedade”. Literalmente, portanto, consta: “adentrando aquilo que ele viu”. Na linguagem dos mistérios, a expressão “adentrar” é usada especificamente para a entrada solene do santuário. Uma série de manuscritos, porém, acrescenta também um “não” ao presente texto: “adentrando aquilo que ele não viu”. Portanto, das duas, uma: ou Paulo quis dizer que os críticos com seu culto de anjos penetram espaços que não viram, que vivem em auto-sugestões, ou que “tomar posse de uma propriedade” significaria que os críticos se apegam a suas visões, adentrando constantemente esse espaço das visões, que é seu santuário. Pessoalmente Paulo também teve “visões e revelações do Senhor”. Com toda a certeza foram para ele autênticas e sublimes revelações. Mas justamente não se deteve junto delas, não argumentou com elas, nem sequer insinuou às igrejas que dispõe de experiências misteriosas. A esse respeito – ele se calou. Apenas anos mais tarde os coríntios são informados, por força das circunstâncias, a respeito de uma parte desse aspecto na vida de seu apóstolo (2Co 12.1-10).

Na seqüência Paulo se torna contundente. Esses “humildes” na verdade são **enfatuados**, e **sem motivo**. Esses imponentes devotos, que se situam em um nível espiritual tão elevado, que são amigos dos anjos e vivem no mundo das visões, na verdade apenas sucumbem à “**mente de sua carne**”. Por que razão os críticos da igreja pensam de forma tão diferente? A causa não é porque estejam “mais adiantados” que a igreja ou sejam “mais espirituais” que ela, muito pelo contrário: neles governa a “mente da carne”. Humildade intencional, veneração de anjos, enchimento com visões, tudo isso é devoção da carne.

19 Isso se evidencia caracteristicamente em um ponto: no relacionamento com Jesus. Jesus, afinal, é o “cabeça, a partir do qual todo o corpo cresce seu crescimento divino”. O “cabeça”, pois, precisa continuar sendo sempre o “principal”: unicamente Jesus, unicamente a ligação vital com Jesus, o cabeça, e mais nada. Nos críticos, porém, a questão do cabeça é reprimida por suas próprias peculiaridades: sua própria atitude de humildade, sua veneração de anjos, suas visões. “Não se apegam ao cabeça”. Dessa maneira julgaram a si mesmos. Se os colossenses os seguirem, serão arrastados para longe de Jesus. Da mesma maneira perderão a ligação com o corpo todo. O corpo

crece a partir do cabeça, sendo “**suprido e conectado pelos ligamentos e tendões**”. Paulo não detalha mais a metáfora do “corpo”. No entanto, alertou os colossenses de que no corpo tudo é interdependente. Retorna aqui a mesma palavra “conectar, manter coeso” que Paulo já empregara no começo do capítulo: “vinculado juntamente em amor” (v. 2). Ele torna a pedir: não se deixem arrastar para a escravidão, permaneçam juntos, continuem na união de todo o corpo, apeguem-se firmemente ao cabeça! Somente assim haverá também para vocês um “**crescimento divino**”. O “corpo de Cristo” na verdade não é engenho humano, não é organização humana. Seu surgimento acontece misteriosamente a partir do cabeça, Jesus, que é o “começo”, a “origem”, do corpo como o “primogênito dentre os mortos” (cf. Cl 1.18). Por isso o verdadeiro crescimento divino também existe apenas no âmbito desse corpo, a partir do cabeça. Quando os colossenses se separam da ligação com esse corpo exclusivo, perdem a vida e o crescimento divinos, a verdadeira existência espiritual, exibindo então somente aquele “inflar-se” que constitui uma caricatura do crescimentos autêntico e não procede de Deus, mas da carne.

- 23 Também a última frase do capítulo torna a render um veredicto sintético sobre os críticos e todo o seu modo de agir. Aqui o texto obviamente é muito problemático. O ser e o empenho dos críticos possuem “**evidentemente um cheiro de sabedoria**”, *logon sophias*. *Logos* = “palavra” pode ter o sentido de “boato”. Os críticos são “falados”, sendo considerados pessoas de sabedoria especial. Essa fama resulta de sua “**ethelothreskeia, sua humildade e sua implacabilidade para com o corpo**”. A primeira palavra dessa seqüência é formada por *thelein* = “querer” e *threskeia* = “serviço”, no sentido de “serviço religioso”. Propõe-se uma tradução como “religião de feitio próprio”. Contudo, a expressão “querer” não implica necessariamente o significado de “teimoso”. Poderia haver também a conotação do que é próprio da vontade, até mesmo o aspecto voluntário e zeloso. Nesta série, porém, cabe somente uma expressão que engloba a aparência de preciosidade: “zeloso serviço [culto] a Deus”. “Ó, como são zelosos! E como são humildes! Como são implacáveis com o corpo! Devem ter algo significativo. Na verdade ainda não chegamos a esse ponto em nossa igreja!” É assim que os colossenses devem ter pensado ou até mesmo falado.

Que sentido tem, no entanto: “**não mediante determinada honra para a satisfação da carne**”? Houve tentativas de interpretação na linha da tradução de Lutero: “Não concedem honra à carne para suas necessidades”. Ou seja, o que essas pessoas realizam sem sombra de dúvida é muito grandioso, mas é exasperado, não respeita o corpo que, afinal, também recebemos de Deus e que deve receber o necessário cuidado. Porém: nos demais escritos de Paulo “carne” tem sempre o sentido depreciativo, o que torna difícil interpretar “satisfação da carne” como “cuidado necessário do corpo concedido por Deus”. Essa frase final provavelmente deve ter possuído uma formulação um pouco diferente. O melhor será construir a frase de forma que o começo: “Todas essas coisas (ou: ‘tais coisas’) são” seja agrupado com o final: “para a satisfação da carne” como a verdadeira afirmação da frase: “Tais coisas (ou ‘tudo isso’) servem à satisfação da carne”. O particípio “tendo um cheiro de sabedoria por meio de religião de feitio próprio, de humildade e de implacabilidade para com o corpo” formará, então, uma frase secundária intercalada. É óbvio que também nesse caso o “não mediante determinada honra” continua de difícil compreensão para nós. Ainda não foi encontrada uma interpretação aceitável. De qualquer modo Paulo deve ter expressado mais uma vez nessa frase que todo esse “serviço zeloso”, essa “humildade” realçada, até mesmo essa implacabilidade para com o corpo” na verdade apenas serviam à “satisfação da carne”. Porque em nenhum lugar a carne é tão bem camuflada e tão perigosa como quando se torna “religiosa”. Afinal, “carne” significa “eu” e “egocentrismo”. O eu “devoto”, “humilde”, “ascético”, que em tudo isso busca não a Jesus, mas a si mesmo e a honra própria, é algo terrível. Ao mesmo tempo ele se torna, com sua “seriedade”, muito mais perigoso para a igreja que o simples e cristalino “mundo”.

Todas essas explicações já deixaram claro que relevância magna possui esse trecho para todos os tempos. Ainda que o texto imponha vários problemas insolúveis, ainda que nós já consigamos reconstruir em detalhes aquilo que incidia sobre a igreja em Colossos, ainda que vários de seus aspectos nos pareçam muito estranhos por pertencerem a um mundo passado – a causa em si é bastante atual até hoje. Porque sempre ronda o perigo de que justamente as pessoas “religiosas” não experimentem uma conversão radical, um reconhecimento real da própria perdição e, por conseqüência, uma percepção grata do fato de terem morrido com Cristo. Nesse caso, porém, sobrevive um eu não-quebrantado, que busca seu espaço e sua satisfação, agora não mais no “mundo”, mas na religião, no “cristianismo”. A *opinio legalis*, o “pensamento legalista”, está

profundamente arraigado em todos nós, como a Reforma tornou a constatar com a perspicácia concedida pelo Espírito Santo. A “lei” demanda produção e por conseqüência promete grandeza e honra. Isso é propício para o eu, que visa justamente a grandeza devota, a satisfação religiosa. Em seguida surgem em colorida abundância os esforços legalistas de santificação, configurados e pintados de diversas maneiras, de acordo com cada circunstância, mas no fundo sempre bastante iguais. “Não toque! Não experimente! Não use!” Sim, aqui as coisas finalmente são levadas “a sério”! Aqui as pessoas mostram uma atitude “decidida” e ao mesmo tempo muito “humilde”! Aqui finalmente há quem seja “nitidamente bíblico”, restituindo, enfim, ao sábado seu devido lugar, ou então há novamente “apóstolos” ou qualquer “nova descoberta” que se queira extrair da abundância de instruções bíblicas. Aqui a vida espiritual também alcança a ansiada grandeza misteriosa: atinge-se o “conhecimento de mundos superiores”, as pessoas têm visões, “mensagens” são transmitidas, sim, supostamente o próprio Senhor exaltado concede as revelações e instruções. Acontecem curas e sinais.

Tudo isso é perturbador e deprimente justamente para uma igreja viva. Esses grupos não têm razão? Ali de fato não se observa a seriedade maior? Será que eles não concretizam aquilo pelo que a igreja se empenha? Porventura ali a Bíblia não está sendo levada a sério? E não seria maravilhoso se a gente também chegasse a tais experiências e vivências e não continuasse tão pobre e insignificante?

De fato a questão não é tão simples assim! Porventura a igreja não precisa ser exortada para uma seriedade maior, para mais humildade, para uma obediência mais fiel à Bíblia? Quanta vivência morna e mundana muitas vezes não é defendida tenazmente na igreja pelo argumento da “liberdade evangélica”! Como as pessoas são escorregadias e rápidas na hora de escapar de qualquer obediência concreta, rejeitando-a como “legalista”! Com quanta apatia, e contra os conhecimentos bíblicos, persistimos na “conduta vã segundo o costume dos pais”! Quanta injustiça a igreja já cometeu contra muitas pessoas e movimentos que tinham razão com sua crítica à igreja, com seu propósito sinceros em favor da igreja! Porventura não podemos estigmatizar e combater todo impulso vivo na igreja com as palavras-chave do presente trecho? Como encontraremos o rumo no meio disso? Como distinguiremos corretamente os exortadores enviados por Deus, abrindo-nos francamente para sua crítica, e quando devemos rejeitar os críticos de forma corajosa, como os colossenses?

Com toda a certeza não é “simples”. Por essa razão Paulo nos disse no começo do capítulo que árdua luta representa a devida preservação e continuidade de uma igreja de Jesus. Nada na vida é “simples”. Quanto maior o bem vital que nos foi confiado, tanto maior vigilância e empenho são demandados para sua conservação. Uma cadeira é mais fácil de conservar que uma planta ornamental, uma flor mais fácil de cuidar que uma criança. Não deve causar surpresa que uma igreja de Jesus necessita de muito mais cuidado, perspicácia e amor para sua conservação. Não obstante, Paulo nos munuiu de um meio de identificação “simples”. Podemos examinar tudo o que nos é apresentado, com a pergunta: será que nisso Jesus se torna grande? Será que sua obra é colocada decisivamente no centro? Ou será que Jesus passa para segundo plano, dando lugar para destacar pessoas e suas realizações? Porventura a fé continua sendo a única coisa decisiva do ser cristão, ou outras coisas assumem importância? Diante dessas perguntas a tentativa da carne devota de nos aprisionar pode ficar rapidamente evidente. Nesse ponto, porém, segundo o exemplo de Paulo, não nos cabe silenciar. Não podemos deixar, por suposto “amor cristão” ou por aparente “humildade”, que esse sistema carnal penetre e conquiste espaço na igreja. Aqui é preciso refutar e desmascarar, mesmo se isso nos rende o ódio destrutivo dessa carne devota, “humilde”, experimentado pelo próprio Paulo com suficiente amargor.

Em tudo que lemos nesta carta de Paulo, ele não engrandeceu coisas humanas, nem mesmo em si próprio e em seus amigos. Em todas as suas exposições ressoava um único som claro: **Jesus, ele, por meio dele, para ele, com ele**. Paulo magnificou para nós Jesus e sua obra na cruz. Ele nos mostrou que, quando morremos e fomos ressuscitados com Jesus, nos foi dado tudo de que precisamos, a verdadeira pureza, a renovação efetiva de nossa vida, assim como todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. “**Nele estais plenificados**” [v. 10]. Será que nisso nos foi dada também a autêntica santificação concreta? A santificação legalista foi clara e terminantemente rejeitada por Paulo. Contudo esse *não* somente terá força e consistência se não abrir mão de “santificação” para a igreja, se não deixar a vida prática diária simplesmente entregue a si mesma, e se não se recolher com a igreja para a glória da mera fé dissociada da vivência. Nesse caso, apesar de tudo, os críticos teriam razão, então apesar de tudo os membros sérios da igreja se voltariam para aqueles outros grupos. Mas

Paulo não pensa de forma alguma em uma retirada dessas. Para ele importam também e justamente a vida prática diária e a verdadeira e bela santificação. A essa questão dedica, pois, toda a seção seguinte da carta.

A SANTIFICAÇÃO EVANGÉLICA – CL 3.1-17

a) *seu fundamento: v. 1-4, b) sua execução: v. 5-15, c) sua força: v. 16s.*

- a) **1 – Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com o Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde o Cristo vive, assentado à direita de Deus.**
- 2 – Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra.**
- 3 – porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus.**
- 4 – Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória.**

Paulo mostra o fundamento da santificação verdadeira, da santificação evangélica. Importa agora – justamente também para nossa vida cristã realmente prática – captar com precisão e clareza o que ele diz.

- 1 Em certos aspectos a santificação “legalista” e a “evangélica” podem ser tão semelhantes a ponto de serem confundidas. A santificação evangélica não é menos séria, decisiva e concreta que a legalista. Mas, de forma significativa, a **direção** de ambas é exatamente oposta. A santificação “legalista” pensa e declara: Você tem de fazer tal coisa, para que...! A santificação evangélica diz: Tenho, posso e quero fazer tal coisa, porque...!! Por isso todos os movimentos legalistas de santificação sempre falaram de um “mortificar” e “morrer com” para que um cristão finalmente chegue, com ardentes esforços, ao supremo alvo de “ter morrido com Cristo” e então também ao alvo da verdadeira vida divina. Nisso também Jesus sempre se resume apenas a certo ajudante. Decisiva é a luta – muitas vezes de fato admirável! – do ser humano. Contudo, essa luta acaba na hipocrisia ou no desânimo do “Ainda não cheguei a esse ponto”! Paulo, porém, diz algo exatamente oposto! O que para a santificação legalista é alvo, para ele é o *ponto de partida*, o *fundamento* da santificação! **“Já morrestes, já ressuscitastes!”**

Como isso é possível? Isso não seria usurpação e presunção? Obviamente seria assim se esse fosse um alvo alcançado pelo nosso esforço e realização. Mas não é. Por essa razão está no centro da questão novamente Jesus, que não por acaso é designado aqui em conjunto com o artigo definido: “o Cristo”. Nas afirmações, a reiterada ocorrência de **“com o Cristo”** é decisiva. Jesus morreu, Jesus foi ressuscitado, Jesus está assentado à direita de Deus nas alturas, oculto perante olhos humanos, Jesus há de ser manifesto outra vez em uma glória visível para todo o mundo. Mas Jesus não possui nem faz tudo isso para si mesmo. Ele não é um indivíduo que vivencia algo para si mesmo. Ele é o Cristo, o cabeça! Por isso possui e faz tudo “para” os que lhe pertencem, “por” nós. Por essa razão tudo o que pertence a Jesus, tudo que é propriedade dele, também pertence legitimamente a nós. O Jesus inteiro, crucificado, sepultado, ressuscitado, assentado à direita de Deus e o vindouro, é nosso! Porque ele mesmo assim o deseja! A fé, no entanto, segundo essa vontade de Jesus, simultaneamente obediente, ousada e humilde, toma posse de tudo, motivo pelo qual ela *tem* tudo isso e tem certeza disso. Crentes sabem, possuem e preservam que fomos **ressuscitados** com ele, **morremos** e fomos **sepultados** com ele, nossa vida está **oculta com o Cristo em Deus**, haveremos de ser **revelados com ele em glória**.

É decididamente importante aqui que se observe aqui a estreita trilha reta da fé. Nossa vida está “oculta” e somente será “manifesta” na transformação total de todas as coisas através do Senhor que retornará. Qualquer antecipação da escatologia, seja na forma católica romana de uma poderosa igreja gloriosa, seja na forma protestante de falsos esforços de santificação, deixa de reconhecer tanto a totalidade da magnitude da vida que nos foi concedida em Cristo como a limitação fundamental de nossa condição de cristãos na era presente. “Ainda não foi manifesto o que haveremos de ser”. Por isso Bengel afirma com precisão: *Neque Christum neque christianos novit mundus; ac ne christiani quidem plane se ipsos* (“O mundo não conhece nem a Cristo nem aos cristãos; obviamente os cristãos também não conhecem a si mesmos de forma plena”). Em meio a todas as críticas que os crentes recebem de fora e também sentem na própria consciência é profundamente consoladora a seguinte

certeza: oculta, oculta está a nossa vida com Cristo em Deus! É assim que deve ser enquanto “o corpo estiver morto por causa do pecado” (Rm 8.10), e por essa razão incapaz de fazer com que a nova vida concedida pelo Espírito Santo desde já rompa para a visibilidade física plena. Por isso a igreja permanece em ardente anseio pelo que há de vir, almejando a plena filiação e aguardando a redenção de nosso corpo (Rm 8.23).

Ao mesmo tempo, porém, a fé não é de forma alguma mero conhecimento intelectual a respeito de uma vida oculta em Deus. Afinal, está “**oculta com o Cristo**”. Verdade é que agora Cristo está invisível, mas não inativo! Conseqüentemente, também a vida oculta com ele não se resume a uma posse inerte, apenas teórica e distante em Deus. Essa vida é tão próxima e tão eficaz entre nós quanto o próprio Jesus! A fé *acolhe* o que lhe é concedido como posse pessoal real. Não acolhe “opiniões” e “doutrinas”, mas, pelo contrário, realidades divinas, uma pessoa divina com todo seu ser e ter, padecer e realizar. De nossa parte, porém, não nos cabe colocar limites para esse acolher. Não-bíblica e incrédula, um confortável subterfúgio para nossa lerdeza e mornidão, é a pronta asseveração para outros e nós mesmos: “Afinal, um cristão agora ainda não consegue...! Pois nossa vida está oculta em Deus.” Não, todas as coisas que Paulo aguarda no começo da presente carta (bem como em muitas outras passagens de suas cartas!) persistem ao interceder pela igreja por incessante crescimento e fortalecimento. Visa, pois, mostrar enfaticamente aos colossenses e a nós: tal ter e acolher pela fé é em si, por necessidade intrínseca, uma atitude de vida bem definida! Pessoas “mortas” e “ressuscitadas” *vivem* necessariamente de maneira totalmente diferente de outras pessoas. Se não o fizerem, com certeza ainda não aconteceu o verdadeiro receber na fé, então houve apenas “pensar” e não verdadeiro “crer”. Evidentemente tudo depende da realidade da fé, do enlaçamento com Jesus. Trata-se daquela fixação dupla que Paul Gerhardt [1607-1676] nos incutiu de maneira tão inesquecível:

“Eu sou teu, por mim morreste
Redentor, por amor
Salvação me deste. [HPD 222,3]
Tu és meu porque te abraço,
minha luz és, Jesus,
isso eu não desfaço.”

De sua atitude doadora “para vós” e da “nossa vida” receptora forma-se aquele “com o Cristo”, cuja concretização permanente em nossa existência constitui a “santificação”.

- 2 Em termos de conteúdo essa santificação é caracterizada inicialmente com uma frase dupla que designa basicamente seu lado positivo e seu lado negativo: “**Buscai o que está no alto.**” “**Atentai para as coisas do alto, não para as que estão sobre a terra.**” A vida não pára e não pode parar. Viver é necessariamente uma permanente “busca” e aquisição. Na vida humana e pessoal isso não acontece instintiva e irrefletidamente, mas ao “**atentarmos**” para algo: em imaginações e imagens interiores surge diante de nós aquilo que desejamos e “buscamos” e aquilo que em seguida transformamos voluntariamente em alvo de nosso aprendizado. Onde localizamos o conteúdo desse atentar e buscar? O ser humano o encontra na natureza sobre esta terra. O crente, porém, de fato morreu e encontrou sua verdadeira vida, única e completa, em Jesus. Por isso *ele, somente ele*, passa a ser o objeto e o alvo de toda reflexão e de todo empenho. Contudo, Jesus não está sobre a terra! Está “no alto”, sentado à direita de Deus. Portanto também nossa “busca”, e até mesmo nossa “ponderação” interior se volta “**para o que está o alto, não para o que está sobre a terra**”. Quem vive nesse tipo de reflexão e busca, desprendidas da terra e voltadas para o alto, vive na santificação.

Contudo, notemos bem: para Paulo isso não é determinado pelo fato de ele ilustrar a glória do “céu” para si e para nós e apresentar a terra com todo seu sofrimento e toda a sua escuridão. Justamente tentou livrar os colossenses dessa devoção egoísta, que gosta de referir-se a uma palavra assim quando tenta evadir-se do duro engajamento no mundo e refugiar-se no doce sossego do céu. A formulação tampouco acompanha o filósofo Platão, para o qual a terra em si, como matéria, é antídina e a alma como tal é divina e pertence ao reino da luz. Em Paulo tudo é exclusivamente determinado pela pessoa de Jesus! Se Jesus estivesse aqui embaixo, com certeza seria preciso dizer: busquem o que está sobre a terra, onde se encontra o Cristo. Quando tudo é determinado pela pessoa de Jesus, nisto reside ao mesmo tempo toda a certeza. Porque a essa pessoa nós conhecemos! Ela não é fantasia, não é um ideal ilustrado, não é uma suposição de como poderíamos imaginar a beleza do

céu. Ela é a realidade com a qual nos deparamos, que nos venceu, ligando nossa fé com ele. É dessa pessoa do Cristo que depende tudo.

No entanto, se essa orientação e atitude de vida necessariamente estão alicerçadas sobre a fé no Cristo e decorrem dele, por que, então, precisamos aqui de mais uma exortação, um imperativo? Será que ainda é preciso que alguém diga a uma noiva enamorada: fique atenta, coloque coração e vontade no lugar em que se encontra seu amado!? Não e sim! Toda “ordem” obviamente seria vã e resultaria tão-somente em compulsão insincera se o amor não movesse “automaticamente” o coração da noiva. Porém: somos e continuamos sendo “pessoas”, e nada em nossa vida acontece de forma tão “automática” quanto uma pedra voa automaticamente para o alvo determinado pela trajetória em que foi lançada. Visto, porém, que nós precisamos constantemente “querer”, também é possível e necessário exortar e ordenar. Para nós que vivemos sobre a terra a pressão e a relevância, e por isso também a força de atração da terra, são poderosas. Diariamente ela atrai para si, com tudo o que tem a oferecer e demandar, nosso pensamento e busca. Por essa razão, apesar de tudo, só é possível manter e implementar a orientação e atitude de fé necessária e diretamente decorrentes da fé por meio de uma determinação séria sempre renovada. Por isso a exortação permanente é necessária também na igreja de crentes. Nem mesmo a santificação “evangélica”, inerente à própria fé, deixa de ser questão de obediência, de vontade, de luta. A santificação evangélica se distingue da legalista não pelo fato de que somente nela haveria ordem e empenho sérios, e nesta um franco progresso em doces sonhos. Também a livre santificação evangélica é e continua sendo um “fugir” e “correr atrás”, determinados pela vontade.

Justamente por isso Paulo recorda aqui nas frases fundamentais a penosa dificuldade de uma atitude de vida assim e sua solução definitiva vindoura. A terra com seus bens é visível. A vida, porém, que encontramos em Cristo, está “oculta”, é invisível. Não apenas por causa da ciência e da visão de mundo modernas, mas essa terra visível e palpável sempre ameaçava ser a única “realidade”, ao passo que aquela vida oculta em Deus, invisível e indemonstrável, porém, corria o risco de ser “auto-sugestão”. Nem mesmo o crente está simplesmente isento dessa tentação! Ainda mais que não dispõe a qualquer momento de sentimentos, vivências e experiências da esfera de vida do Cristo. Há períodos de fé “nua e crua”. Há períodos em que o crente não tem a menor percepção desse “ter morrido” e “estar ressuscitado”, e até mesmo momentos em que toda a sua existência sentida e vivida contradiz isso. Nessa situação ele tem o privilégio de saber que “estar oculto” é uma condição transitória. O Cristo, agora oculto, na verdade há de **“ser manifesto”** perante todo o mundo. Então também nós, que conduzimos nossa vida “com” ele e “dentro” dele mediante uma permanente busca intencional, cheia de lutas, pelas coisas que estão no alto, haveremos **“de ser manifestos com ele em glória”**.

Expressões como “no alto” e “sobre a terra” não devem nos desviar para o apego às concepções “gregas” que penetraram tão profundamente na igreja, mesmo nas linhas dos fiéis cristãos. Tanto aqui quanto em todas as partes do NT o alvo não está “no alto”, não “no céu”, de sorte que lá estaria “a glória”, em que haveremos de ser manifestos com Cristo. Mais uma vez torna-se importante o fato de que aqui o glorioso não é o “no alto”, onde também está Jesus, mas que somente Jesus conta, e que “no alto” apenas se torna decisivo para nós porque o Cristo está lá neste momento. Importante é também que o texto não traz artigo junto à palavra “glória”, como se fosse certo fenômeno espacial. Aqui consta **“em glória”**. Trata-se de uma forma e maneira de existência, cuja localização ainda não foi declarada com nenhuma palavra. Conforme o testemunho do NT, porém, essa nova existência maravilhosa não surge pelo fato de que “vamos para o céu”, mas porque o Cristo volta a se manifestar em seu trono à direita de Deus, consumando sua obra neste mundo, em toda a criação. A seqüência paralela de idéias em Fp 3.20s nos mostra o que Paulo entendeu por nova “revelação do Cristo” e por nossa “manifestação com ele em glória”. Quando Jesus nos tiver renovado e glorificado até mesmo em nosso corpo físico, então terá sido alcançado o alvo de nossa “busca” e “intenção”. A santificação é viver intencionalmente em direção desse poderoso alvo, a partir do fato fundamental de que já alcançamos esse alvo quando morremos e fomos ressuscitados com ele.

b) 5 – Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria,

6 – por estas coisas é que vem a ira de Deus (sobre os filhos da desobediência).

7 – Ora, nessas mesmas coisas andastes vós também, noutra tempo, quando vivíeis nelas.

- 8 – Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar.
- 9 – Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos
- 10 – e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou,
- 11 – no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos.
- 12 – Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade.
- 13 – Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente, caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem. Assim como o Senhor vos perdoou, assim também perdoai vós;
- 14 – acima de tudo isto, porém, esteja o amor, que é o vínculo da perfeição.
- 15 – Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração, à qual, também, fostes chamados em *um só corpo*; e sede agradecidos.

5 Os fundamentos apresentados até aqui a respeito de nossa santificação agora são desenvolvidos de forma concreta.

“**Por isso tende mortas**”. Um imperativo estranho. Porém, como não é usada a forma “Matai!”, mas o imperativo do aoristo (um tempo verbal grego que expressa o aspecto concluído do passado), torna-se mais uma vez claro que nem mesmo agora a vida concreta da santificação é um esforço rumo ao alvo, mas um agir a partir do alvo. Vocês morreram, por isso também incluem concretamente nessa morte realizada – o que, afinal? “**Os membros que estão sobre a terra.**” O que isso significa? Confirma-se que entendemos corretamente justamente quando não temos “mentalidade grega” e passamos a considerar esta terra, o lugar físico, a estrutura material, como algo antidivino e maligno. Porque esses “**membros que estão sobre a terra**” não são mãos, pés, olhos e ouvidos! Não se trata de “ascese” como tal. O objetivo não é ter um corpo tão inerte e imóvel quanto possível. Por isso Paulo não se preocupou com “comida e bebida”, não com a “implacabilidade para com o corpo” (Cl 2.16,23). Porque esses “membros sobre a terra” se chamam “**lascívia, impureza, paixão, avidez**”. Sem dúvida essas coisas também estão relacionadas com nossa corporeidade e nossa inserção na natureza. Se não fôssemos seres sexuados não haveria para nós “lascívia”. Mas – e é muito importante que observemos isso – mais uma vez o mal não está na sexualidade em si! Somos impuros não porque somos homem e mulher, ou porque temos um corpo de carne e sangue! Pelo contrário, “do coração dos seres humanos partem maus pensamentos, adultério, lascívia...” (Mt 7.21). Não é a sexualidade em si, mas somente a sexualidade egoísta que gera a aflição e culpa. Por isso a aflição e culpa não se concretizam somente pelo ato formal. Fazem parte dos “membros sobre a terra” justamente também os processos ocultos do coração que constituem a raiz de todos os descaminhos e assolações: impureza, paixão, avidez.

Talvez devamos notar particularmente que aqui também é citada a “**paixão**”, e dessa vez sem qualquer adendo (Rm 1.26 “paixões infames”; 1Ts 4.5 “paixão da avidez”). Porque é justamente para a pessoa moderna que “paixão” possui por princípio uma conotação positiva. Talvez a paixão seja “trágica”, talvez ela lance seu portador e muitas outras pessoas no sofrimento e na perdição, não importa, ela é, em si, grandiosa, “além do bem e do mal”, o verdadeiro motor de tudo o que merece ser retratado artisticamente no teatro e romance, cativante e instigante, enquanto sem ela a vida parece insossa. Paulo, porém, a conta entre os “membros sobre a terra”, que nós podemos “ter mortos”. Isso não significa que alguém como Paulo tenha transformado uma vida morna, medíocre em ideal cristão. Mas quem experimentou uma vida de dedicação a Jesus, “para conhecer a ele e a força de sua ressurreição, bem como a comunhão de seus sofrimentos”, sabe que perigo sombrio a “paixão” representa para toda vida verdadeira. Também uma pessoa que conheceu o amor genuíno e profundo no relacionamento entre homem e mulher dá razão a Paulo em seu veredicto sobre a “paixão”.

Perniciosas não são o corpo e a vida física em um mundo terreno e material, mas o coração deturpado, separado de Deus, o “eu”. Só que esse eu não permanece isolado por trás de uma vida concreta. Somente nos deparamos com ele de forma concreta nesta existência humana sobre a terra. Existem, enfim, essas duas poderosas esferas da vida em que o “eu” se manifesta primordialmente, que o NT por isso cita diversas vezes em conjunto e de forma particularmente enfática: a vida sexual

e a busca do sustento. Para um sem-número de pessoas “a vida” de fato se resume a isso: apropriar-se para (de qualquer maneira relacionada com a área sexual) aproveitar e usufruir. Por isso Paulo também cita aqui a “**avidez**”, um especial “membro sobre a terra”, acrescentando: “**que, afinal, é idolatria**”. Idolatria por atacado: a propriedade deve realizar precisamente aquilo que é tarefa de Deus, a saber, propiciar-nos segurança, conservar-nos e presentear-nos com felicidade. Idolatria no varejo: com que tenacidade as pessoas constantemente se prendem nesse ou naquele objeto de sua propriedade! Que horrível perversão quando a propriedade, talvez uma jóia, assume o lugar em que Deus deveria estar!

Na seqüência trata-se da santificação real nessas áreas concretas. Ela não é obtida pela vida ascética. Exercícios exteriores de abstenção não eliminam de fato o coração sequioso, o eu ávido. Cedo ou tarde ele com certeza irromperia com maior força nos antigos pontos ou buscaria novas formas, talvez muito “devotas”, para apesar de tudo atingir a própria satisfação. A verdadeira santificação vem unicamente da fé. Ela vem porque ao morrer Jesus levou consigo para a morte esse nosso eu e porque pela fé abraçamos esse estar morto, podendo assim de fato tomá-lo e recebê-lo. Então torna-se possível “**ter mortas**” todas essas coisas na constante renovação das tentações para a impureza, avareza, etc.. Jamais nesta vida elas serão definitivamente mortas. Amanhã poderão e hão de brotar novamente do coração. Mas, sempre nova é para elas a mesma morte, a mesma vitória sobre elas, sempre de novo abraçadas concretamente mediante a fé, e apesar disso representando o “*estar morto*” e “*ter morto*”, que se tornou nossa propriedade fundamental pela primeira vez na conversão e no renascimento.

- 6 Essa santificação concreta, porém, não é um belo adendo à fé, à justificação. Com profunda seriedade Paulo enfatiza: “**por causa dessas coisas vem a ira de Deus**”. Portanto, não podemos, como “pessoas redimidas e salvas pela fé”, p. ex., tranqüilamente experimentar um pouco dessas coisas! Não, nesse caso caímos na ira de Deus. Deus é imparcial, e não pode, neste ponto, de repente considerar a lascívia, a impureza, etc. não tão más quando praticadas por “seus correligionários”. Neste ponto o testemunho do NT é cabalmente unânime. Paulo declara aos romanos: “Se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte” (Rm 8.13). Diz aos coríntios: “Nem lascivos, nem idólatras, nem... herdarão o reino de Deus” (1Co 6.9s). Afirma aos gálatas: “...a respeito das quais eu vos declaro, como já, outrora, vos preveni, que não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam” (Gl 5.21). Por isso talvez seja bom deixar de fora o adendo “**sobre os filhos da desobediência**” que não aparece em alguns manuscritos, apesar de ele aparecer em alguns outros valiosos manuscritos, a fim de que nosso olhar não seja desviado de nós para outros, ainda mais quando ouvimos traduções como a de Lutero “sobre os filhos da incredulidade”. É muito mais plausível que esse acréscimo tenha penetrado aqui, vindo de Ef 5.6, do que a hipótese de que copistas o omitiram, caso tenha constado originalmente aqui. Não, o que conta é a **nossa** vida, é nossa **vida** que está em jogo! Louvado seja Deus por esta tarefa da santificação real de nossa vida não ser uma tarefa impossível. O “ter mortos nossos membros sobre a terra” é algo que podemos executar hoje, amanhã e a cada dia, tão certo como pela fé podemos nos entender como pessoas que morreram com Cristo.

Todo esse mundo de coisas más que Paulo já citou e em seguida ainda enunciará com maior clareza não é desconhecido para nós. E não nos limitamos a apenas ouvir a respeito de tudo isso, já que infelizmente existem pessoas tão más no mundo. Em nossa própria vida existe o “outrora”, caracterizado pelo fato de que ali também nós “**tínhamos nossa vida**” nesse “apropriar-se para usufruir”. Por essa razão é simplesmente verdadeiro: “**Nelas vós também andastes outrora.**” Ao deixarmos fora o adendo “sobre os filhos da desobediência”, o “nelas” se refere diretamente às coisas más enumeradas. O “andar” naturalmente pode ter se manifestado em formas muito distintas, ora grosseiras, ora delicadas e cultas. No entanto, isso não altera em nada o fato de que “tínhamos nelas nossa vida”.

- 8s Com a conversão e o renascimento começa um “agora”. Esse agora não se caracteriza pelo fato de que o pecado tenha desaparecido, que nada mais de mau se manifeste em nós e que nos esbaldemos em pureza e enlevo. Muito pelo contrário. Porém o agora está seriamente marcado pelo fato de termos despido, o que se torna um “**tende despido!**” diariamente novo. Consta aqui o mesmo imperativo do aoristo como antes. Paulo ainda cita coisas de nosso ser antigo, natural, que não fazem parte daquelas duas esferas da vida inicialmente enfocadas e que apesar disso constituem manifestações tão características do eu e do egoísmo: “**Agora, porém, tende também vos despido**

de tudo isso: ira, rancor, maldade, maledicência, fala obscena de vossos lábios.” Mais uma vez as condições interiores do coração são citadas como a fonte daquilo que agora se exterioriza como palavra e ação. No entanto, que terrível instrumento do perverso eu são justamente os lábios! Por isso Paulo ainda ressalta de forma especial a mentira. Aqui ele não consegue falar no aoristo, aqui consta o imperativo do presente: **“Não mintais uns aos outros”!** É preciso deixar a mentira de lado dia após dia.

Imediatamente, porém, ele retorna outra vez à linha fundamental. Esse “agora não mentir mais constantemente” é santificação possível apenas como algo bem concreto: não porque nós nos esforçamos para enfrentar o velho ser humano, mas porque **“afinal, nos temos despido do velho ser humano com seus atos”** e **“nos vestimos do novo, que torna a se renovar para o conhecimento segundo a imagem de seu Criador”**.

Originalmente o ser humano foi criado à imagem de Deus, porque foi criado “por Cristo” e “para ele”. Mas ele se soltou de Deus e se tornou refém do diabo, do mundo e do eu. É esse o ser humano que todos nós conhecemos em nós mesmos. A esse ser humano podemos adornar, civilizar, melhorar, enobrecer, mas em sua natureza profunda ele continua sendo o inalterado “velho” ser humano. Por isso Deus não se esforçou para consertá-lo. O grande experimento divino com a “lei” e os inúmeros pequenos experimentos do ser humano com lei, costume, ética, cultura e religião demonstraram que ele não pode ser consertado. Somente pode ser eliminado. Foi isso que Deus fez, ao matá-lo em Cristo e deitá-lo na sepultura. Nesse ponto reside a diferença total entre o evangelho e toda a ética e religião do mundo! Na seqüência Deus concedeu em Cristo um ser humano completamente novo. A comparação da presente passagem com Rm 13.14 e Gl 3.27 mostra que o próprio Cristo é o “novo ser humano” do qual podemos nos vestir. Também o final do v. 11 do presente texto aponta para isso. Em Cristo o novo ser humano já está pronto. Mas, olhando para nós, ele não está “pronto”, mas somente há de ser **“novamente renovado segundo a imagem de seu Criador”**. Porque mais uma vez Paulo combina os dois aspectos (precisamente isso caracteriza a compreensão correta da santificação evangélica): o que foi consumado nos fundamentos e acolhido mediante a fé, e o que a partir disso se processa dia após dia. O novo ser humano, do qual nos vestimos por princípio na conversão mediante a fé é, afinal, renovado a cada dia. Isso ocorre para o **“conhecimento”**. Também poderíamos traduzir as palavras “que é novamente renovado para o conhecimento” muito bem da seguinte forma: “que chega constantemente a um novo conhecimento”. Podemos recordar o que Paulo escreveu no começo da carta em Cl 1.9 sobre o crescimento da vida eclesial no entendimento da vontade de Deus. Precisamente nisso se mostra que nos revestimos do novo ser humano: que agora conhecemos a cada dia e de maneira crescente o que Deus deseja de nós hoje e aqui, do que nos podemos despojar mais profundamente e o que agora pode ser agarrado e apropriado de forma nova. Em tal crescimento “a imagem de seu Criador”, que na verdade é “Cristo”, destaca-se cada vez mais nitidamente na pessoa.

O uso da expressão “renovado **segundo a imagem de seu Criador**” remete a Gn 1.26s. Então também poderemos compreender a menção, inicialmente estranha, do “conhecimento” no presente contexto. Além de já possuir a semelhança com Deus, o ser humano tentou apoderar-se egoisticamente também do “conhecimento do bem e do mal”. Justamente assim ele perdeu a semelhança com Deus. O fruto roubado representa aquele impotente conhecimento “moral”, o equívoco “legalista” do bem, que sempre revela a nudez do ser humano, e que ademais presta um serviço ao pecado para que desenvolva seu poder de modo cada vez mais profundo e cabal (cf. Rm 7.7-13). No envio de Jesus, porém, acontece a cura real e total da queda. O ser humano é **presenteado** com o conhecimento do qual tentou se apoderar para sua desgraça. Sendo agora conhecimento doado por Deus, ele é genuíno, um entendimento salutar e afetuoso da vontade do Criador, compreensão do Cristo, na qual a imagem dele é cunhada no coração daquele que crê, para que seja configurado à semelhança dele.

- 11** Segue-se um testemunho significativo do realismo com que Paulo compreende esse “ter-se vestido”. Tudo o que foi dito na verdade não se resume a um “idealismo”. O “novo ser humano” não é um “ideal” que tentamos atingir. Todo idealismo é “lei” e obra humana, luta e busca humana, que com extrema facilidade se transforma em decepção e pessimismo. Isso pode ser constatado de forma arrasadora no grande exemplo histórico do idealismo alemão. O novo ser humano, porém, não é um ideal, ele é realidade presenteada por Deus e já agarrada pela fé. Ainda não de tal forma que as muitas diferenças da humanidade em si simplesmente já tenham desaparecido na comunhão dos fiéis,

mas certamente de forma que elas são de fato superadas por meio da nova realidade da pessoa cristã. Também na igreja ainda existem, p. ex., escravos. Ainda veremos que Paulo continua contando com sua existência e não faz nenhuma tentativa de realizar uma libertação geral de escravos na igreja. Ainda persistiam as diferenças de raça, estudo, e até mesmo de religião. Podia haver na igreja até mesmo judeus circuncisos, que se consideravam pessoalmente comprometidos com o cumprimento da lei. Mas enquanto o mundo enceta constantes e vãs tentativas para construir comunhão real e nivelar as diferenças entre os humanos, essa comunhão e unidade foram misteriosamente concretizadas na igreja dos renascidos e crentes, em meio a todas as diferenças tranqüilamente respeitadas. Toda igreja genuína é um lugar no mundo em que de fato **“não há grego nem judeu, circuncisão nem prepúcio, bárbaro, cita, escravo, livre; porém tudo e em todos Cristo”**. Hoje podemos traduzir teórica e, graças e louvor a Deus por isso, também praticamente: “Onde não há mais branco nem negro, batista ou luterano, trabalhador braçal, acadêmico, empresário, assalariado, porém tudo e em todos Cristo”.

- 12 Paulo já falou com mais detalhes dos “membros sobre a terra”, os quais podemos ter mortos. Mas descreveu apenas brevemente o novo ser humano. Agora, porém, ele se volta mais uma vez para esse lado positivo da santificação. **“Por isso tende revestido...”** Afinal, *são* pessoas que “se revestiram do novo ser humano”. Por ser assim, ele diz: tende revestido! Novamente torna-se explícito o traço fundamental da santificação evangélica: sejam realmente aquilo que vocês na verdade já são, sejam-no concretamente, preservem-no e realizem-no cabalmente nas decisões isoladas da vida diária! Com toda a luminosidade e grandeza ouvimos a ênfase: **“como eleitos de Deus, santos e amados”**. Entender “santos e amados” como adjetivo ou como substantivo é apenas uma versão levemente distinta da sintaxe grega. Essencial, porém, é a visão esplêndida diante de nós: não nos afadigamos com a santificação para finalmente nos **tornar** eleitos e santos, mas por já sermos eleitos e santos resulta agora dessa verdade uma nova maneira de viver que é totalmente diferente da dos humanos que “ainda têm sua vida no mundo” (Cl 2.20). A metáfora do “revestir-se” sugere que afirmemos: por serdes filhos do rei, príncipes e princesas, trajai-vos agora também como reis e comportai-vos regimento! O inverso nunca será possível: ninguém pode imaginar que pelo simples fato de ter o guarda-roupa e o comportamento de um príncipe também possa tornar-se um. Disso nunca resultará outra coisa senão – teatro. Toda santificação legalista sempre leva, como no caso dos fariseus, apenas ao que Jesus chamou de fato de *hypokrisis*, “encenação”. Tornamo-nos filhos do rei unicamente pelo nascimento. No entanto, uma vez que o somos, toda a conduta realmente é determinada a partir disso: então essa conduta já não será “teatro”.

Em vista da direção oposta na santificação legalista e na evangélica também é tipicamente diferente a conduta diante de dificuldades e entraves. Quando a santificação se torna difícil nas duras aflições da vida prática, quando fracassamos, a pessoa que busca a santificação pela lei duplicará seus esforços, multiplicará seus exercícios ascéticos, incitará sua determinação. Fará isso até o colapso pela sobrecarga. Afinal, é obrigada a agir assim porque lá na frente reluz o alvo ao qual tenta alcançar de qualquer maneira. O ser humano no caminho da santificação evangélica age de forma exatamente contrária: no ponto difícil da vida ele retorna ao ponto de partida, a posse fundamental pela fé, retorna à cruz, ao fato de estar morto e ressuscitado com Cristo. Lá obtem novamente a certeza daquilo que tem e é em Cristo por soberana graça mediante a fé, retornando agora à penosa tarefa, fortalecido e posicionado “em” Cristo e na vitória dele. Eis que agora consegue realizá-la. “Como eleitos de Deus, santos e amados” – será que sabemos que *somos* isso? Desde já, aqui e agora? Ou seja, que a vida eterna, o “céu”, não começa somente depois do sepultamento, mas já no tempo presente? “Eleitos de Deus, santos e amados” – deveria ser esse o primeiro pensamento de todas as manhãs, sobre o qual meditamos e que assimilamos ao acordar. Que a afirmação “Faço parte disso, sou uma pessoa amada por Deus!” seja o radiante sol da alegria em nosso coração, justamente também em dias sombrios e difíceis. Porque então abordaremos de forma apropriada a santificação desse dia e compreenderemos o que Lutero afirmou certa feita em sua profunda percepção bíblica: “Não realizamos boas obras para entrar no céu, mas porque pela fé estamos no céu somos verdadeiramente capazes de realizar boas obras.” “Como eleitos de Deus, santos e amados”, é verdade, agora existem obras realmente “boas” para nós, obras em que a busca furtiva do eu por vantagens próprias não torna a estragar tudo. Eleito e amado por Deus – tenho, pois, o céu todo, a felicidade eterna integral! Que mais eu poderia demandar? A partir dessa imensurável felicidade posso agora organizar meu agir, que já não precisa ser, não obstante toda a seriedade do empenho,

um agir aflito e sofrido. Alegria e repouso sabático pairam agora sobre a obra de vida dos amados de Deus. Jesus chamou, por meio de seu procurador Paulo, para debaixo de seu jugo suave todos os que no caminho da santificação legalista se atormentam e sobrecarregam, levando-os de fato ao descanso de acordo com sua promessa (Mt 11.28-30).

É por essa razão que o conteúdo positivo da santificação agora não se resume a essas precárias exterioridades como o cumprimento de certos feriados. Já não se dá o dízimo “da hortelã, do endro e do cominho, deixando-se para trás o mais pesado da lei: a justiça, a misericórdia e a fé” (Mt 23.23). Justamente essas coisas “mais pesadas” é que contam, obviamente não como penosa realização própria, mas como algo há muito preparado e presenteado que já nos pertence e que podemos retomar e “vestir” a qualquer hora. É significativo que tampouco se trata do decálogo. Deveríamos refletir muito sobre o pequeno uso que os apóstolos fazem dos Dez Mandamentos em suas cartas. O decálogo é uma lei popular para Israel e de pouca utilidade como lei de vida para os membros do corpo de Cristo. O espaço excessivo que concedemos ao decálogo na igreja também é culpado pelo moralismo que deteriora nossas igrejas e nos obstrui a visão da verdadeira santificação. Não está em jogo uma precária moral conservadora (não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho), mas **“um coração de misericórdia, bondade, humildade, mansidão, paciência”**.

Não podemos dar a nós mesmos “um coração de misericórdia”. Bondade fabricada, humildade intencional, brandura artificial, isso não passa de encenação que sucumbe nas provações, não passa de máscara distorcida, por trás da qual a verdadeira natureza se destaca de modo tanto mais assustador: príncipes fantasiados com imitações de ouro e papel laminado. Já a princesa autêntica, de nascença, realmente tem o privilégio de vestir o esplendor autêntico da vestimenta preparada para ela. “Um coração de misericórdia, bondade, humildade, mansidão, paciência” – isso não é nada mais que o próprio Cristo, do qual me revesti e que por isso posso tornar a vestir nesse diálogo difícil com uma pessoa antipática, ou quando sou interrogado por ateus e rudes carrascos. Qualquer dicionário mais rigoroso da linguagem do NT evidencia que essas “virtudes” também são mencionadas em diversos outros pensadores e escritores. Contudo, de onde as pessoas conhecem essas virtudes? Por que as consideram belas? De onde sabem que “na verdade” deveríamos ser assim? É certo que não a partir da natureza! Porque em conceitos como “bondade, humildade, mansidão, paciência” espelha-se a liberdade de qualquer auto-afirmação no serviço em prol dos outros, ou seja, o exato contrário de todo direcionamento “natural” da vida. Aqui se evidencia mais uma vez a profunda verdade da mensagem bíblica da criação do ser humano à imagem de Deus em Cristo (cf. acima, p. 352). “Afetuosa misericórdia, bondade, humildade, paciência” constituem primeiramente propriedades de Deus. O ser humano criado à imagem de Deus traz dentro de si de modo imperdível a reminiscência dessa natureza de Deus. Toda moral e ética humanas representam um “recordar” dessa tipo, seja ele mais superficial, seja mais profundo. Todos os conceitos morais são os últimos raios amortecidos, vindos da luz da vida divina, da qual o ser humano originariamente devia participar. Na pessoa de Jesus a imagem originária de Deus (Cl 1.15) com toda a sua glória, justamente na misericórdia, candura e humildade, vem ao encontro da réplica destruída e deturpada no ser humano, agora não mais como “conceito de virtudes” apagado e impotente, mas como pessoa viva que deseja morar como “Cristo em nós” (Cl 1.27) e da qual nos podemos “revestir”. Por isso o evangelho opera também aqui com termos há muito conhecidos, para os quais o pesquisador poderá encontrar muitos “paralelos”. Mas também aqui o evangelho concede, em lugar de pálidas reminiscências, o retorno salvador ao pleno lar divino. A santificação evangélica se diferencia de toda ética humana como a palmeira selvagem que cresce na praia de uma ilha do Pacífico se diferencia da pobre planta ornamental que é criada artificialmente em nossa sala.

- 13 Paulo tem em vista sobretudo a vida na própria igreja. Afinal, considera a igreja de Jesus como uma irmandade claramente circunscrita que vive uma vida de certa forma separada de seu entorno, ainda que como missionária lhe caiba avançar constantemente para dentro desse contexto. É aqui na igreja que se mostra a verdadeira santificação. Não é em performances esdrúxulas, nas tímidas proibições “Não toque, não experimente, não mexa!”, mas no fato de que a vida na irmandade seja vivida **“suportando-se uns aos outros, perdando-se mutuamente, quando alguém tem uma queixa contra outro”**. Traduzir o *kathos* da breve justificativa por “assim como” é um pouco fraco. O termo tem uma conotação de “em correlação ao que”, e até mesmo de “em virtude de que”. Desse modo se expressa uma justificativa não de princípio teórico, mas de grande eficácia prática. É verdadeiramente santificado quem consegue perdoar. Quando, porém, será capaz disso? Não quando

tenta se obrigar a isso, não quando se torna um santo vaidoso com toda sorte de artes ascéticas, mas com certeza quando a própria pessoa experimenta poderosamente o perdão de seu Senhor e se situa todos os dias dentro dessa experiência.

14 “**Junto disso tudo, porém, o amor, que é um laço de unidade da perfeição.**” O prefixo *syn*, que aparece antes da palavra “laço, ligação”, foi reproduzida aqui com “laço de unidade”. Por terem um senso lingüístico diferente, os gregos utilizam o genitivo para expressar algo que nós preferimos dizer por meio de adjetivo e advérbio: “Esse é um laço que mantém completamente coeso”. Talvez se tenha em mente o cinto que manterá em seu lugar todo o esplendor das vestimentas dos eleitos de Deus. Talvez a pessoa que ditava a carta também tenha sido conduzida pela recordação da igreja. Paulo já falara em Cl 2.19 de “laços e tendões” que cuidam do corpo e o mantêm unido, e em Cl 2.2 também de “permanecer unidos em amor”. De qualquer modo, assim como em 1Co 13 o amor aparece no meio de todos os dons espirituais como o “caminho ainda mais precioso”, assim o amor também constitui a coroa da verdadeira santificação. Essa santificação não cria corifeus solitários, que ostentam seus grandes feitos de santificação e assim dividindo a igreja, mas posiciona dentro da irmandade e lhe serve, sintetizando tudo o que foi referido anteriormente. No entanto, para que não ocorram perigosos equívocos, temos de lembrar que esse amor, a *ágape*, de forma alguma é o que nós comumente entendemos por “amor cristão”. Tampouco ele é algo que possuímos a partir de nós mesmos e que por conseqüência pudéssemos apresentar como vantagem. Não podemos afirmar, por exemplo: pois bem, para quê uma “fé” complicada, para quê todo esse estranho estar morto e ressuscitado com Cristo? Simplesmente “amamos”, e tudo está bem. Não, justamente não és capaz de “amar”. Toda a tua bondade e gentileza natural pertencem ao “velho ser humano” e estão contaminados pelo eu, de modo que precisam morrer! Somente alguém que foi incompreensivelmente amado por Deus, alguém que foi salvo pela cruz do Cristo será capaz de amar com o amor verdadeiro, divino, devendo por isso evidentemente também vestir esse amor “para com todos esses”.

15 Em Cl 1.24 ouvimos de “tribulações de Cristo”, em Cl 2.11 de uma “circuncisão de Cristo”. Agora ouvimos a respeito da “**paz do Cristo**”. Ela “**seja determinante em vossos corações**”. Paulo utiliza a mesma raiz semântica da qual antes derivou a expressão “negar o prêmio da vitória” (Cl 2.18). Logo se tem em mente a atividade do árbitro. Quando nosso coração indaga: “O que devo fazer agora? Que rumo devo tomar? Que palavra direi?” então a paz do Cristo deve ditar a decisão. Dessa “paz” já se falou na saudação inicial. Em seguida ouvimos que ela foi conquistada por Cristo “pelo sangue de sua cruz” (Cl 1.20), ao eliminar a nota promissória que nos tirava a paz e nos acusava.

“Paz” é um daqueles conceitos que não se pode “explicar” nem tornar compreensível por mais exaustivas que sejam as considerações. Quem, no entanto, encontrou “paz” sabe muito bem que a possui e a inefabilidade que essa palavra contém. “Paz” pode abarcar todos os bens da salvação, a paz com Deus (Rm 5.1) assim como a decorrente paz do coração e a paz para com as pessoas. “Paz” é aquilo que as pessoas separadas de Deus jamais conseguem ter (Is 57.20s). Unicamente na redenção por meio de Cristo e na comunhão de vida com ele encontramos essa paz, que justamente por isso se chama “**a paz do Cristo**”.

Por isso essa “paz” não tem nada a ver com transigência natural e pusilanimidade pessoal. Existe uma “pacificidade” que não passa de “carne”. Foi justamente a paz do Cristo que determinou os corações de Paulo e Timóteo quando decidiram continuar a árdua luta pela igreja em Colossos e resistir implacavelmente a todos que tentavam confundir essa igreja. A “paz do Cristo” é sempre a paz daquele que não veio para trazer paz, mas a espada (Mt 10.34). Ao mesmo tempo, porém, é realmente ela que mantém coesa a igreja “**em um só corpo**”. Quantas cisões dolorosas e denegridoras do nome de Jesus teriam deixado de ocorrer na igreja se, em vez da teimosia, da necessidade de afirmação e às vezes também do ardor político, a paz do Cristo tivesse sido determinante nos diálogos e negociações, em assembléias sinodais e disputas teológicas. A “coesão dos corações em amor e para a riqueza total da plena certeza do entendimento” somente tem êxito naqueles que se encontram na paz da cruz de Jesus, na paz do perdão e que permitem que essa paz seja decisiva. É dessas pessoas santificadas na paz do Cristo que a igreja precisa.

O trecho encerra com uma referência à gratidão. Evidentemente Paulo considerou que ser agradecido era uma questão muito importante, não apenas uma “bela característica”. Desde sua primeira carta a uma igreja (1Ts 5.18) ele lembra constantemente dessa tarefa, considerando o “agradecer sempre por tudo” um dos meios pelos quais uma igreja se torna “cheia do Espírito” (Ef

5.18,20). Por isso declara também aqui: “**e tornai-vos agradecidos**”. Pois podemos nos tornar cada vez mais agradecidos, ainda que já o sejamos. Esses são os verdadeiros “santos” que agradam a Deus e às pessoas, que sabem agradecer do fundo do coração sem cessar.

c) 16 – Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente em toda a sabedoria, louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração.

17 – E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai.

Paulo descreveu a verdadeira santificação evangélica. Ela é dada com a própria fé autêntica. Apesar disso permanece relevante a pergunta de como ela, afinal, adquire força de maneira prática em nossa vida. Paulo passa a falar um pouco mais a esse respeito. É significativo que a presente passagem constitua o paralelo da resposta à pergunta “como ficamos cheios do Espírito?” da carta aos Efésios (Ef 5.18-21). Na verdade ambas as coisas estão interligadas. Somos “santos” porque o Espírito Santo habita em nós. A “santificação” acontece pela ação do Espírito Santo em toda a nossa vida. Nossa santificação se torna vigorosa quando nos enchemos do Espírito. Como isso acontece?

16 “A palavra do Cristo seja abundante em vossa casa.” Para muitos a palavra é uma visitante dominical bem-vinda. Isso não basta. Outros ainda acolhem a palavra em outras oportunidades: no estudo bíblico, no grupo de homens, na ordem de senhoras, na reunião de jovens. Isso não basta! Outros a deixam entrar em seu lar até mesmo diariamente para uma breve visita por ocasião da devocional em casa. Isso não basta! Ela precisa “estar em casa” entre nós, de modo que nós “estejamos em casa” nela. Afinal, a igreja de Jesus não pode ficar devendo à congregação da velha aliança, à qual fora dito: “Estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te” (Dt 6.6s). Porque na “palavra do Cristo” está o Espírito e está a vida (Jo 6.63). Lutero empregou a ilustração do fogo, no qual o ferro frio e cinzento passa a arder como brasa viva. Como se formará uma vida santificada se a palavra viva e plena do Espírito não perpassar e iluminar tudo de forma “abundante”? Por que nós, que de resto gostamos de ter tudo “abundantemente”, somos tão parcimoniosos nesse ponto?

Em geral dizemos “a palavra de Deus”. Paulo escreve aqui “a palavra do Cristo”. Obviamente isso não significa que o AT esteja sendo colocado de lado. Para a igreja daquela época “a Escritura” na verdade era somente o AT. “É ela que dá testemunho de mim”, afirma Jesus (Jo 5.39). Justamente por isso o AT se tornou tão familiar e próximo da igreja apostólica, porque ela o lia como a “palavra do Cristo”. Contudo às “Escrituras” e à palavra que Cristo (por meio de quem e em direção do qual tudo foi criado) fala através delas acrescentava-se agora sua nova palavra. Ela ainda não estava fixada como “livro”. Ainda era palavra vivamente narrada, proclamada, ouvida, guardada. Temos hoje a felicidade de comprar essa “palavra do Cristo”, bela e nitidamente impressa, por pouco dinheiro. Mas talvez, justamente por ser palavra muito pouco narrada, ouvida, guardada e refletida em nosso meio é que ela esteja tão pouco “em casa” entre nós.

Mais uma vez Paulo não pensa em cristãos solitários que apenas meditam sobre a palavra silenciosamente, para si mesmos. Novamente ele vê a irmandade em vivas trocas de idéias ao redor da palavra. Por isso ele acrescenta imediatamente o segundo aspecto: “**Com toda a sabedoria instruí e aconselhai-vos uns aos outros.**” A irmandade não tem “pastor”, ao qual se delega o “instruir e aconselhar” e que por fim reivindica isso como seu “direito” exclusivo. Igreja é “corpo”, no qual os membros dão uns aos outros aquilo de que carecem, para que o corpo todo “cresça seu crescimento divino”. São capazes de dar uns aos outros porque eles mesmos recebem, porque eles mesmos vivem na palavra do Cristo e se abastecem dela. Como deixariam de ter algo para passar adiante em abundância! Toda irmandade que de fato permite que a palavra esteja abundantemente em casa em seu meio experimenta isso continuamente com alegria e como fato real.

Nestas exposições Paulo distingue entre “instruir” e “aconselhar”. Afinal, ele levava muito a sério o crescimento do entendimento: Cl 1.9; 2.2s. Por isso é preciso “instruir” sem cessar. Contudo, levava igualmente a sério a santificação real, e precisamente a santificação concreta de cada trajetória de vida individual. Nessa situação é preciso “aconselhar”. O termo grego na realidade diz: “corrigir o sentido”, ou seja, algo como “pôr a cabeça no lugar”. Como é fácil que o indivíduo veja as coisas de

forma distorcida, porque a influência oculta do eu turba sua visão. Então cada um precisa do irmão, que o ajuda a ter uma visão clara e uma vontade firme. Obviamente esse “ensinar e aconselhar” precisa acontecer **“com toda a sabedoria”**. Argumentar insensatamente com o outro traz mais dano que ajuda, mesmo quando seu conteúdo é muito “correto”. Mas essa sabedoria também é gerada, como também em Cl 1.9, pelo Espírito de Deus e brota tanto do amor que mantém tudo unido quanto do convívio abundante com a palavra do Cristo.

Pode chamar nossa atenção que Paulo utilize as mesmas expressões para a atividade da igreja que ele usa em Cl 1.28 para seu próprio trabalho. Não há diferença fundamental entre o “grande apóstolo” e os “simples membros da igreja” em Colossos. Não é verdade que o apóstolo exista para ensinar e exortar, e o membro da igreja em Colossos apenas para contar o dinheiro das coletas e distribuir folhetos. A diferença está somente na amplitude da tarefa. Paulo tem consciência de ser devedor de “todo ser humano”, os colossenses têm uma tarefa “uns para com os outros”. Contudo Paulo não conhece aqui um “cargo” que monopoliza o ensino e a exortação.

O modelo que Paulo desejava não era uma igreja calada e “sóbria”. Vislumbra corações tão viva e profundamente movidos que deles emana o cântico a Deus. Ele imagina esse louvor de múltiplas formas. **“Em salmos, hinos e canções conforme os concede o Espírito, pela graça cantai em vosso coração a Deus.”** Não somente os salmos da Bíblia, não apenas os hinos solenes (“louvores”) têm origem divina e são dignos de ser entoados na igreja. Também “canções” foram concedidas por Deus. Paulo não fala do valor literário ou musical das canções. Afinal, está ciente de que Deus freqüentemente escolhe justamente “as coisas comuns e desprezadas diante do mundo” para envergonhar aquelas que “são algo” (1Co 1.28). Seu empenho é unicamente que uma canção se origine do Espírito de Deus e seja portadora desse Espírito. Ao falar de um cantar **“em vossos corações”**, Paulo dificilmente tem em mente apenas um louvor interior que nem mesmo chega aos lábios. Por um lado, numa época de moradias superlotadas, em que cristãos viviam em ambientes hostis, é um consolo saber que podem cantar “em seus corações” e que Deus ouve também a canção dos corações. Mas o próprio Paulo cantou tão alto na prisão de Filipos que sua canção repercutiu por todo o prédio. Por isso também aqui a preposição grega *en* deve ter novamente o significado muito mais amplo que nosso “em”, visando expressar que o coração é o lugar em que surge o cantar autêntico. Corresponde ao nosso cantar “de” coração. Sem envolvimento dos corações todo o louvor perde o valor perante Deus, ainda que cantores e coros de alto nível apresentem a mais nobre música sacra.

“Pela graça”, acrescentou Paulo, posicionando essa palavra entre “conforme os concede o Espírito” e “cantai”. Com que parte a relacionaremos? Em termos de conteúdo a diferença não será grande. A igreja pode cantar porque experimentou a graça e se encontra na graça. Pessoas agraciadas sentem-se impelidas a jubilar, louvar e agradecer. Isso se torna automaticamente uma canção. Sentem-se incentivadas a levar a mensagem da graça adiante por meio do canto. Assim o Espírito Santo gera as canções pela graça, assim a igreja as entoa pela graça. Esse cantar não é um belo “número extra” acrescentado à vida da igreja, mas faz parte da própria vida eclesial, uma parte da santificação verdadeira, porque faz com que as pessoas se encham do Espírito.

- 17 **“E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em obra, [fazei-o] em nome do Senhor Jesus, agradecendo a Deus, o Pai, por ele.”** “Em nome de...” é uma expressão freqüente cujo teor também nós percebemos quando, por exemplo, uma prisão acontece “em nome da lei” ou uma grave sentença é promulgada “em nome do povo”. Declarar algo em nome de alguém, por incumbência desta pessoa, acontece de tal maneira que a rigor a própria pessoa representada esteja agindo, falando ou reivindicando. Foi o que aconteceu, por exemplo, na cura do mendigo aleijado diante da porta Formosa do templo em At 3. Não foram Pedro e João que tiveram a capacidade e realizaram algo, foi Jesus que o fez por meio da ordem expressa em nome dele. Por isso somente posso dizer ou fazer algo em nome de outra pessoa quando sei que essa é sua vontade e terá aprovação dela. Sim, preciso até mesmo abrir a mente a ponto de imaginar que a outra pessoa está presente, que ela fala pessoalmente através de minha palavra, age através de minha ação. Portanto o “em nome de” também contém uma força divisória. Por exemplo, quando digo uma palavra em nome do meu pai em algum lugar, preciso deixar de dizer muitas coisas que talvez diria, sem muita reflexão, em circunstâncias normais, ou preciso tocar em assuntos que preferiria omitir.

“Fazei tudo em nome do Senhor Jesus” significa, portanto: lembrem-se de que Jesus é “Senhor” em sentido máximo, Senhor sobre toda a sua vida. Um escravo não pode fazer absolutamente nada

em seu próprio nome, “arbitrariamente”, pois não possui a “liberdade” para tanto. Pertence integralmente a seu senhor e agora vive para ele. Entre pessoas isso obviamente possui limitações até mesmo se forem “servos da gleba”. Mas Jesus é verdadeiramente “Senhor”, a ele pertencemos por inteiro. E pertencemo-lhe duplamente: por sermos criados “por intermédio dele e para ele” (Cl 1.16) e porque ele nos redimiou da escravidão da culpa empenhando sua própria vida (Cl 2.14). Por isso já não temos a “liberdade” de tomar qualquer iniciativa vivencial a partir de nós mesmos, e tampouco queremos tê-la. Afinal, “nós” morremos, “nós” fomos sepultados com ele no batismo. Como “co-ressuscitados”, porém, vivemos apenas nele e com ele. Logo também já não há mais nada que quiséssemos dizer ou fazer de outra maneira que não “em seu nome”.

Que luz brilha neste instante! Sob essa luz desaparece toda a diferença entre épocas, lugares, coisas, palavras e ações “santas” e “seculares”! Por isso Paulo não aconselhou os colossenses: façam agora todas as coisas religiosas e devotas em nome de Jesus! Tampouco: tentem realizar o máximo possível em nome de Jesus de maneira bem santa! Mas ele escreveu de forma muito enfática: “**Fazei tudo o que fizerdes...**”. Somente agora entendemos de modo bem prático o que Paulo queria dizer quando ditou a espantosa frase: quem deixa que outros lhe imponham preceitos ainda tem sua vida no mundo (Cl 2.20).

A mais rigorosa santificação por meio de certos preceitos ainda nos faz viver como se basicamente estivéssemos separados de Deus e tivéssemos de encontrar o máximo de “dias sagrados” em que podemos nos dispor para Deus e cuidar para não afundar demais no mundo por meio do maior número possível de ordens como “Não toque! Não experimente! Não mexa!”. Agora, porém, é totalmente diferente. Afinal, agora Cristo é “nossa vida” (Cl 3.4). Não existe absolutamente mais nada “simplesmente mundano”, “distante de Deus” em nossa vida, porque tudo o que fizermos de agora em diante será realmente feito “em nome do Senhor Jesus”, sob o governo e a direção desse Senhor, diante dos olhares dele, em sua presença, “dignos do Senhor para seu inteiro agrado” (Cl 1.10). Sem sombra de dúvida, também nisso acontece o mesmo que no “estar morto”, “ter-se despido” e “ter-se revestido”: tudo é assim por origem e por princípio, razão pela qual agora tem de ser constantemente praticado. É por isso que Paulo também exorta para isso. Devem concretizar justamente isso porque em Cristo o fim da esquizofrenia da vida já é realidade para eles, de forma que a vida se torna integralmente uma vida “em nome de Jesus” e, portanto, “santa”. Nas palavras de Lutero: por isso também podem e devem substituir a santificação “fragmentada e mendiga” por outra total.

Desse modo acabam-se todas as perguntas maçantes da santificação legalista: ainda posso fazer isso? posso aquilo?, todo o desejo pela lista mais exata possível de coisas proibidas e permitidas! Qualquer lugar em que eu possa estar com Jesus, meu Senhor, é bom, ainda que seja um “banquete de publicanos e pecadores”. Qualquer espaço em que eu não possa levá-lo comigo é impenetrável, ainda que seja um espaço moralmente muito “limpo” ou pelo menos “inofensivo”. Não. Para usar palavras ainda mais graves e explícitas: o caminho autônomo e arbitrário decididamente acabou para mim. Já não sou eu quem anda segundo suas opiniões e desejos, ponderando apenas se posso “levar comigo” a Jesus. Jesus é o Rei e o Senhor que conduz e vai na frente, levando-me com ele “em sua marcha triunfal” (2Co 2.14). Aonde ele não me conduzir, para lá eu tampouco já não desejo ir. Todo dia, toda hora é “tempo santo”. O tempo pertence a Jesus, e não desejo mais ter uma “liberdade” em que existo unicamente para mim mesmo ou posso me entregar ao mundo. Segunda-feira à tarde, entre quatro e cinco horas, em meio ao trabalho profissional, é um momento tão “sagrado” quanto o horário do culto na manhã de domingo. A atuação em palavras e obras “em nome do Senhor Jesus” não acontece mais expressivamente no domingo e menos na segunda-feira. Igualmente meu lazer, meu repouso e minha descontração me são concedidos pela mão bondosa de meu Senhor, da qual não me separo em nenhum lugar. Não estou preocupado por levar desvantagem – junto dele, que até mesmo entregou a vida em meu favor e a quem pertence tudo o que é visível e invisível. Tiro também as férias “em nome do Senhor Jesus, agradecendo a Deus, o Pai, por ele”. Posso usufruir alegremente de tudo que consigo receber “agradecendo” dessa maneira, ainda que seja algo “mundano”. Posso realizar tudo como cristão que se deixa alinhar com o nome de Jesus. Mas não desejo fazer nada que eu tenha de ocultar diante de Jesus, meu Redentor, que não combina com o nome dele. Paulo teria considerado profundamente doentia uma vida cristã em que vou experimentando em que medida o Senhor, enfim, ainda “tolera” as coisas que empreendo puramente em meu nome sem que contradiga o nome de Jesus. Ninguém que compreendeu quem esse Jesus é

para ele procura âmbitos “neutros” em que se possa mover “sem Jesus”! Não, está em jogo a totalidade de minha “atuação”, em palavras ou obras, e tudo deve ser um agir genuíno e claro em nome de Jesus.

Que mudanças acontecem em uma vida vivida desse modo! É verdade, torna-se uma vida radicalmente “santificada”! Ademais, situa-se muitíssimo acima de toda “santificação” legalista fragmentária e arbitrária. É assim que uma vida de fato se torna viva, rica, preciosa e compensadora. Como é estranhamente triste, desanimada, decepcionada e amarga a vida dos muitos que correm atrás da felicidade e “ousam tudo”, precavendo-se de “tornar-se devotos cabisbaixos”. Uma vida no Senhor Jesus é perpassada de pura gratidão.

Lançamos um retrospecto sobre todo o bloco. Nele Paulo falou diretamente conosco ao dialogar com os colossenses. Não há necessidade de nenhuma tradução especial para a atualidade. Mas como filhos da Reforma, particularmente da Reforma luterana, devemos ouvir mais uma vez: em momento algum Paulo conhece uma “justificação” que fique estacionada antes da vida real ou que paire acima dela como mero arco-íris da graça. A “santificação” não é um “apêndice” de pouca importância dessa vida. Leremos a carta de maneira totalmente equivocada se a fecharmos no final do cap. 2, pensando: essa foi a parte doutrinária, a parte importante, a palavra de nossa redenção e bem-aventurança; agora vem uma série de “exortações”, que já conhecemos, que na verdade podemos dispensar. Não! O cap. 3 é precisamente o alvo visado por Paulo! Aqui neste cap. 3, na “santificação”, decide-se a questão se fizemos a leitura correta do cap. 1 e 2 e de fato os entendemos! A razão é justamente que não existe uma “santificação” legalista qualquer que seja um “acréscimo” à “justificação”, mas que a “santificação” já reside na verdadeira “justificação” e está dada nela e com ela. Quando a “santificação” não nos interessa tanto, isso apenas demonstra que tampouco captamos realmente, no sentido de Paulo, a “justificação”. Pois, de acordo com Paulo, “santificação” não significa realizar, por várias razões consideráveis, isso e aquilo, além da condição de justificados mediante a fé. Pelo contrário, significa viver real e concretamente na justificação mediante a fé. Separar a santificação, como secundária, da justificação, encerrando a carta aos Romanos no cap. 5 e a carta aos Colossenses no cap. 2, significa: não quero mais saber do matrimônio vivido na prática pelo simples fato de, afinal, estar casado! Ora, a circunstância de estar casado somente se torna realidade quando esse matrimônio é vivenciado dia após dia e, sem ele, se resumiria a uma formalidade puramente jurídica. O cristianismo evangélico tem aqui muito a recuperar em termos bíblicos.

SANTIFICAÇÃO NO COTIDIANO DO LAR – CL 3.18-4.1

18 – Esposas, sede submissas ao próprio marido, como convém no Senhor.

19 – Maridos, amai vossa esposa e não a trateis com amargura.

20 – Filhos, em tudo obedecei a vossos pais; pois fazê-lo é grato diante do Senhor.

21 – Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados.

22 – Servos, obedecei em tudo ao vosso senhor segundo a carne, não servindo apenas sob vigilância, visando tão-somente agradar homens, mas em singeleza de coração, temendo ao Senhor.

23 – Tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como para o Senhor e não para homens,

24 – cientes de que recebereis do Senhor a recompensa da herança. A Cristo, o Senhor, é que estais servindo. (Ou: pertenceis ao Senhor Cristo também na condição de escravos).

25 – pois aquele que faz injustiça receberá em troca a injustiça feita; e nisto não há aceção de pessoas.

4.1 – Senhores, tratai os servos com justiça e com equidade, certos de que também vós tendes Senhor no céu.

Paulo nos mostrou com esplêndida magnitude a vida na fé, a vida na santificação evangélica. No entanto, quanto mais concretamente concebemos a vida, tanto mais difícil tudo se torna. É relativamente fácil ter “amor” de forma genérica, simpatizar por princípio com a bondade, candura, humildade, paciência. Talvez também consigamos ainda arregimentar as forças necessárias para atender demandas especiais a nosso “coração misericordioso”. Mas eis aqui nosso lar, com seu dia-a-dia. Estou aqui eu, mulher, nesse matrimônio; eu, marido, ao lado dessa mulher. Estou aqui eu, filho, talvez adolescente, estou aqui eu, como pai diante dos filhos. Estou sobrecarregado com a difícil sina

de um escravo ou, como proprietário, tenho de colocar em ordem o relacionamento com os escravos. Como, pois, se configura isso tudo? Nessa situação o esplendor de “santidade” especial e de grandes feitos desaparece totalmente. Agora começam as pequenas tarefas ocultas, dia após dia.

Não há a intenção nem a possibilidade de Paulo se pronunciar aqui sobre o sem-número de questões isoladas que sempre estão ligadas a circunstâncias bem específicas. Isso é viável apenas no aconselhamento pessoal. O aspecto que esse processo adquire, por exemplo, a forma como Paulo trata o relacionamento “escravo – senhor” em aconselhamento pessoal no caso específico e na casa particular em Colossos, pode ser lido pessoalmente por nós – na carta a Filemom. Na presente carta geral a uma igreja Paulo somente esboça algumas linhas básicas. A princípio nos parecem ser bastante sóbrias e óbvias ou, conforme a percepção modernas, também bastante questionáveis. Contudo somente as leremos de modo correto se as virmos no contexto da carta toda e não esquecermos que precisamos ter em mente tudo o que foi enunciado anteriormente. Isso é particularmente difícil para nós porque como pessoas modernas estamos por demais acostumados a considerar a “religião” em si como uma questão sublime e solene, entendendo a vida real sobre esta terra propriamente como apenas “secular”, “com regras próprias” e no fundo “atéia”. Nós nos vemos sozinhos nela. Para regulamentar esse cotidiano, não possuímos nada além de nossas idéias e sentenças, desejos e reivindicações puramente humanos. Facilmente sentimos a menção de Deus nesse espaço como “constrangedora”, como flor de retórica devota, sem base real. Se lermos as frases de Paulo com essa atitude, cometeremos um equívoco total. Então se tornarão mera moral, mais que isso, uma moral contestável, cujo caráter questionável precisa ser encoberto por palavras devotas. Com belas palavras se ordena a mulheres, filhos, escravos que se enquadrem, conforme convém aos senhores. Mas o leitor moderno se equivoca redondamente. Se nessas breves frases a expressão “o Senhor” ocorre diversas vezes (sete vezes nestas poucas linhas!), essa palavra é a decisiva. Nesse caso cabe-nos lembrar nesse “Senhor” tudo o que lemos acerca da magnitude de Jesus, de sua obra na cruz e o que resultou como decorrência disso para toda a nossa conduta na vida.

18 “Esposas, submetei-vos ao marido, como convém no Senhor.” Como “moral genérica” isso imediatamente suscitará muitas perguntas e toda sorte de rebeldias. Por que sempre a mulher deve se subordinar? Ela não é igual ao marido? Não é ela, em muitos matrimônios, a parte mais preciosa e sábia? Justamente o cristão não deveria lutar pela “equiparação da mulher”? Será que Paulo não sabe como são os homens? Ou será que, como homem, ingenuamente toma o partido dos homens? E não haveria também muitas outras coisas a dizer à mulher acerca de seu matrimônio? Paulo sabe como são os homens, e por isso se voltará imediatamente aos maridos. Paulo também está ciente da “igualdade de direitos” da mulher no serviço de Jesus. Basta ler como ele cita as mulheres no meio dos homens na lista de saudações em Rm 16, valorizando o serviço delas. Se os nomes não fossem uma indicação, nem saberíamos se essas saudações se referem a uma mulher ou a um homem. Mas aqui se trata do matrimônio e do lar. Aqui não se resolve nada com um chavão como “igualdade de direitos”. Embora em um navio haja dois oficiais da marinha de igual capacidade e escalão – somente um deles pode ser “capitão”! Homem e mulher em casa – alguém precisa se submeter. Paulo atribui essa função à mulher, porque assim “convém no Senhor”. É o que corresponde às próprias condições dadas pela criação. Tentem o contrário, observando matrimônios em que a mulher governa e o marido se submete! Nem o lar nem a própria mulher prosperarão nessa situação. Contudo, ao dizer “no Senhor”, Paulo não pensa apenas no Criador, cuja ordem transgredimos tão-somente em prejuízo próprio. Tem em mente Jesus, o “primogênito de toda a criação”, que andou pessoalmente a trajetória da subordinação e da obediência, não perdendo com isso sua glória extraordinária, mas justamente obtendo-a nesta atitude. Porventura a mulher chamada “cristã” conforme esse “Senhor Cristo” consideraria esse caminho como “degradante”? Será que justamente como cristã, como salva pela cruz de Jesus, deveria inclinar-se a lutar por outra posição para si? Não, ela tem a possibilidade de ocupar de forma completamente nova essa posição de subordinação ao marido, já não contrariada por uma coação do direito matrimonial, dos costumes, não cedendo por força da robustez do marido, nem mesmo apenas pelo argumento de que alguém tem de ser o capitão, mas “no Senhor”, sabendo como isto a deixa próxima justamente de Jesus, conhecendo a força que há precisamente nesse caminho, sabendo que sublimidade justamente lhe está sendo concedida. Essa é, portanto, uma subordinação que dificultará em muito a atitude tirana do marido que pode surgir!

19 “Maridos, amai vossa esposa e não vos torneis amargos contra elas.” Ao marido não é dito: assumo uma posição de superioridade! Exerça sua prerrogativa! Nada disso. Os idiomas latinos

expressam com muita precisão: somente um “autor” possui “autoridade”, alguém capaz de criar, de dar. Enquanto a mulher anda pelo caminho de Jesus na subordinação voluntária, o marido anda por ele ao “amar”. Nessa palavra ao marido o “Senhor” não é citado, mas se encontra no centro dela através do termo *agape* = “amor”! Esse termo sempre se refere ao amor claro e dadivoso oriundo de Deus, não excluindo a afeição natural, mas que por essência é algo completamente diferente. Como “laço de unidade da perfeição” (Cl 3.14) engloba tudo o que foi dito a respeito do “coração de compaixão”, etc. Para cumprir corretamente a tarefa de liderança no matrimônio e no lar são necessárias justamente também “bondade”, “humildade”, “mansidão”. “Amam a esposa” é uma formulação curta, cujo conteúdo, porém, representa toda a riqueza do matrimônio, confiada à responsabilidade do marido.

Não está bem claro o que Paulo imaginou ao usar a expressão “tornar-se amargo”. Será que pensa especificamente em relacionamentos matrimoniais difíceis? Talvez até mesmo na possibilidade de que a mulher despertada para a fé cristã tenha uma vida mais autônoma e séria do que antes, quando talvez era apenas “dona de casa”? Será que tem em mente a maneira especial pela qual a mulher é capaz de irritar e amargar o homem? Ou será que, pelo contrário, pensa simplesmente no jeito natural do homem, de se incomodar e reagir com aspereza? Seja como for, essas perturbações do matrimônio podem ser superadas. Segundo essas simples declarações, homem e mulher podem lidar um com o outro em santidade.

20 “Filhos, obedeci aos pais em tudo; pois isso é agradável no Senhor.” Agora de fato gostaríamos de ter uma noção real da vida nos lares daquele tempo. Será que a época era marcada pelos traços do desregramento e da dissolução também no fato de que os filhos consideravam a obediência uma exigência superada, impossível? De acordo com Rm 1.30 parece que sim. Nesse caso uma casa “cristã” pode e precisa ser fundamentalmente diferente. Os filhos são interpelados pessoalmente. Evidentemente trata-se de filhos mais crescidos, aos quais é possível dirigir a palavra, e de filhos crentes, que podem ser remetidos ao Senhor, ao qual conhecem e amam. Apesar disso não é fácil para eles obedecer. Será que somente eles devem ser tão arcaicos, enquanto seus camaradas, amigos e amigas em redor têm liberdades muito maiores? Será que somente eles devem aceitar tudo e pedir permissão em qualquer coisinha? Devem submeter-se a tudo, inclusive quando como geração mais jovem encaram muitas coisas de maneira bem diferente? Sim, responde Paulo, obedecer “em tudo”. Por que, afinal? Novamente a justificativa é bem singela: assim agrada ao Senhor! Nosso parâmetro já não são nossas próprias opiniões e sentimentos instáveis. Não precisamos nos guiar por teorias que hoje ensinam uma e amanhã outra coisa. Vivemos – também como filhos – sob o Senhor. O que ele requer de nós é determinante. O fato de ele se agradar faz com que também as coisas difíceis se tornem fáceis. Acontece que a ele agrada a obediência. Como sabemos disso? Porque ele, o Filho amado, foi pessoalmente “obediente até a morte, e morte na cruz”, porque “era seu alimento fazer a vontade daquele que o havia enviado” (Fp 2.8; Jo 4.34). Mais uma vez não se trata, portanto, de “moral”, muito menos da moral dos adultos que declara que “filhos têm de obedecer”, porque isso é o mais cômodo para os adultos. É a vida séria de “morto” e “ressuscitado”, a vida séria em e com Cristo, que para o filho no lar resulta em pronta e total obediência.

21 “Pais, não irriteis os vossos filhos, para que não fiquem desanimados.” Na índole dos cristãos ainda persiste o modo de ser dos adultos. O abuso da força física e intelectual diante da criança também faz parte dos “membros que estão sobre a terra”, que os pais cristãos podem “ter mortos”. Na seqüência Paulo antecipa, com a sabedoria concedida pelo Espírito Santo, a mais moderna psicologia. “Desanimar”, afinal, é uma das principais palavras da psicanálise. Por intermédio de inúmeras pesquisas com pessoas “difíceis” e “nervosas” constatou-se que a aplicação excessivamente dura (ou também excessivamente carinhosa) da superioridade do adulto “desanima” a criança e que desse desânimo brota a maior parte daqueles “recalques”, “complexos de inferioridade” e “distúrbios nervosos” que dificultam a vida das pessoas e também de seu entorno. Pessoas redimidas por Cristo podem ser tão “sóbrias” em sua função de pais que não prejudicarão os filhos nem pela “dureza” nem pela “moleza”. Quem vive debaixo de Cristo também se despiu, com o “velho ser humano”, da vontade de se impor e preservar a própria honra. Aliás, é isso que “irrita” um filho: a percepção instintiva de que estão em jogo não a causa e as necessidades, mas o eu do pai e seus desejos e caprichos egoístas. Quando o filho se vê confrontado com necessidades e verdades divinas, às quais os próprios pais também se submetem, ele aprende – talvez com lágrimas, mas sem “desânimo” – a obedecer.

22 Naquele tempo obviamente também “escravos” faziam parte da “casa”. O relacionamento com eles se tornava problemático todas as vezes que o cristianismo tomava conta do lar, seja quando o senhor, seja quando o escravo, seja quando ambos abriam o coração para o evangelho. Será que essa questão se tornou particularmente candente em Colossos por causa de sua indústria? Será que a fuga do escravo Onésimo da casa de um líder cristão contribuiu para essa questão, ou será que ela era evidência das dificuldades surgidas? Porventura Onésimo se dirigiu conscientemente ao apóstolo Paulo, e não apenas atravessou por acaso seu caminho em Roma? Não sabemos. Contudo chama atenção que na presente carta Paulo debate a questão dos escravos de forma tão exaustiva como nenhum outro escrito, nem mesmo na carta aos Efésios. Será que por isso o presente trecho se reveste apenas de interesse histórico? Não seria melhor enfocá-lo desde já sob essa perspectiva histórica? Contudo em qualquer estrutura social existem as circunstâncias de superioridade e subordinação, nas quais cabe a um ordenar e determinar, a outro executar e cumprir. Ainda que nos dias de hoje um ser humano graças a Deus não possa mais ser comprado como mercadoria e, sem direitos, entregue ao açoitamento, as relações de dependência entre as pessoas continuam suficientemente complicadas para ambas as partes. Justamente o poder público pode ser um “senhor” muito duro. Precisamente onde a liberdade foi mais alardeada é que as pessoas muitas vezes têm de cerrar impotentemente os punhos, às escondidas ou de forma mais acerba. Hoje as circunstâncias são infinitamente mais complexas (não simplesmente “melhores”) que naquele tempo, quando “senhor” e “escravo” se encontravam frente a frente como pessoas. Tanto mais importante é para nós que Paulo também aqui se restringe a linhas básicas simples, de modo que as diretrizes continuam norteadoras mesmo na confusão da realidade moderna.

Paulo não menciona em nenhum momento a “abolição do escravismo”. Não aconselhou os proprietários em Colossos que chegaram à fé que libertassem seus escravos. Será que devemos criticá-lo por isso? É sempre muito fácil emitir entusiasmas palavras de ordem, e quem as emite obtém prontamente os louros da fama. Contudo a execução pesa sobre os ombros dos outros. Paulo deve ter constatado as grandes dificuldades: somente uma parcela dos escravos convertidos também tinha proprietários cristãos. Como são penosas as ações isoladas em um sistema global estruturado de modo diferente! Que indagações surgiam quanto à existência posterior dos ex-escravos, da mesma forma como para a vida dos lares e empreendimentos! Acontece que Paulo não queria nem podia ligar essas questões com o evangelho. O evangelho causou fortes conseqüências políticas e sociais em todas as épocas. Contudo o evangelho sempre é colocado em risco quando essas conseqüências são visadas diretamente como alvo. Paulo não queria nem escravos que se tornassem “cristãos” esperando vantagens civis dessa conversão, nem senhores que se fechavam de antemão ao evangelho porque ele ameaçava lhes tirar a indispensável força de trabalho. Basta que inicialmente ambos se tornem de fato convertidos e renascidos; então certamente haverá diversas mudanças em sua vida e em seu relacionamento mútuo!

Paulo é bem capaz de explicitar o que o evangelho significa para cada realidade da vida, e quanta luz, alegria e revolução interior ele traz justamente para dentro da mais escura e pesada situação.

Em que consiste essa revolução? Em acabar com a desarmonia e a insegurança interiores que deixam a pessoa tão cansada. O escravo cumpria o que lhe competia, ele obedecia, mas não “em tudo”, porque quando o olhar do patrão não notava, ele se esquivava. Interessava-lhe apenas “agradar o ser humano”. Afinal, respondia apenas ao seu senhor humano. Será que este destino não era injusto ou pelo menos cego, fazendo dele um escravo e do outro, o senhor? Porventura não tinha razão em fazer o menos possível, mantendo-se tão ileso como podia? Desde que agisse bem perante a vista e satisfizesse o proprietário, por que se esforçaria além disso? Contudo assim jamais haverá uma vida satisfatória e de fato realizadora. Esse tipo de vida e trabalho perverte o ser humano, lançando-o em desarmonia e amargura.

22-25 Como poderá haver mudanças enquanto as circunstâncias exteriores não forem transformadas? Tornar-se cristão não faz com que a sorte dos escravos seja ainda mais insuportável? Um filho de Deus redimido, um herdeiro da glória eterna – escravo na mão de senhores humanos? É isso mesmo, declara Paulo, vossos senhores o são somente “segundo a carne”. Seu “senhorio” se estende a esse breve tempo passageiro do mundo e por isso não atinge o essencial. Mas em seguida Paulo não chega à conclusão mais plausível que nosso eu preferiria: então, o que esses senhores ainda têm a dizer a mim, justamente a mim, um cristão!? Pelo contrário, Paulo chega à conclusão oposta: portanto, “obedecei em tudo àqueles que segundo a carne são vossos senhores”. Porque justamente por isso

a responsabilidade de vocês em última análise não é com eles, mas com “o Senhor”. Não são esses senhores temporais que vocês devem temer, pois isso somente produz um insatisfatório “**serviço sob vigilância**”. É ao Senhor que vocês devem temer, acabando justamente por isso com a subserviência à vista dos senhores. Agora vocês já não têm dois alvos de vida que se digladiam, arrastando o coração para lá e para cá: como posso obter a satisfação de meu senhor e como levarei a maior vantagem possível para mim mesmo? Agora vocês podem viver em “**singeleza do coração**”, podem realizar o trabalho, independentemente de qual for, “**a partir de dentro**”, tendo diante dos olhos unicamente o Senhor Jesus, o Senhor que com seu sangue transformou também vocês em propriedade dele, em “eleitos de Deus, santos e amados”. O trabalho de vocês, sua existência de escravos não é uma mancha escura na existência cristã de vocês, mas a vida de vocês torna-se vida unitária e integral para Jesus. “**Pertenceis ao Senhor Cristo até mesmo na condição de escravos.**” Com isso a vida e o serviço de vocês também são libertados do elemento degradante, do absurdo e torturante. Muitas dessas pessoas sem dúvida tinham a impressão de que sua vida humana tinha acabado na hora em que foram arrastadas de sua terra natal e de sua liberdade para a escravidão. Mas como cristãs não precisam mais pensar assim. Também sua vida atual é plena, inteira, por ser uma vida para Jesus. Esse seu verdadeiro Senhor também lhes dá uma preciosa recompensa: a herança. Eles, que perderam tudo, apesar disso não são “deserdados”. Estendem-se diante deles séculos que já não significarão escravidão, mas liberdade e glória. Sem dúvida: “**Quem pratica injustiça, há de receber a injustiça que cometeu, e nisso não há partidatismo.**” Não devem pensar que, sendo eles escravos, não terá tanta importância e que será compreensível e desculpável se não seguirem sempre por caminhos retos em sua situação de opressão. Não, por pertencerem a Jesus, ele os leva tão a sério como pessoas livres e abastadas.

4.1 Uma frase também é dita aos senhores: “**Senhores, concedei aos escravos o que é justo e equânime** (literalmente: a igualdade), **sabendo que também vós tendes um Senhor no céu.**” Em termos lingüísticos não é absolutamente certo que as duas expressões no início da frase de fato correspondem apenas ao que traduzimos por “justo e equânime”, ou se podemos entender *isotes* aqui no sentido básico pleno de “igualdade”. Nesse caso o peso de toda a frase aumentaria consideravelmente. Também “escravos” não são “destituídos de direitos”. Como cristãos, respeitem o “direito” deles! Ainda que vocês não possam simplesmente alforriar os seus escravos, ainda que eles continuem escravos e tenham de realizar seu trabalho com dedicação, não obstante existe “igualdade” entre eles e vocês! Trata-se, pois, não apenas da mesma condição humana; os melhores representantes da Antigüidade podem tentar extrair dela a atitude correta perante o escravo. Para cristãos a “igualdade” é muito mais profunda: “senhores” e “escravos” têm o mesmo Senhor, experimentaram o mesmo sangue da redenção e aguardam a mesma herança dos santos na luz. Concedam-lhes essa igualdade de fato, mesmo que vocês não possam ou não queiram alterar a condição jurídica formal deles. Afinal, vocês como “senhores” também não estão sem Senhor e “livres”. Igualmente vocês têm um Senhor no céu, diante do qual são responsáveis, inclusive pelo seu relacionamento com os escravos. Não é por acaso que “o Senhor” é colocado antes de “dos senhores”: em Jesus eles experimentam o que significa ser realmente “Senhor”, que seu “senhorio” é entrega e sacrifício.

Porventura tudo isso não representa uma palavra norteadora também para nós? Como são poucas as pessoas que podem exercer uma profissão “autônoma” de acordo com sua inclinação pessoal. A maioria, na condição de operário e empregado, encontra-se em serviço subordinado. Justamente no mundo moderno esse serviço com frequência é muito monótono, não proporcionando em si a alegria de criar. Apesar da abolição do escravismo, o ser humano enfrenta a ameaça de ver sua atual jornada de trabalho transformar-se em algo rotineiro, um ambiente sombrio ao lado da “verdadeira vida”. Se os empregadores forem instâncias anônimas, com as quais já não se pode ter um relacionamento pessoal, e os superiores imediatos, mestres de obra e gerentes forem pessoas com uma série de defeitos e fraquezas, os modernos operários estarão ameaçados exatamente pela mesma indisposição, pelo mesmo “serviço à vigilância”, a mesma desarmonia interior como naquele tempo os escravos. Fazer somente o que é estritamente exigido e tirar o maior proveito possível para si mesmo, conduzindo a “vida” como algo à parte do trabalho profissional será então a atitude que, afinal, nos deixa tão insatisfeitos e vazios. Mas se formos “cristãos” poderá acontecer uma mudança entre nós, se tivermos um Senhor ao qual pertence a nossa vida. Atravessando pessoas e circunstâncias, nosso olhar dirige-se diretamente até ele. Se nosso trabalho for monótono, mecânico, sem sentido – é para

ele que podemos realizá-lo, e o que for feito para ele será sempre acompanhado de alegria e presenteado com um sentido. Ele também nos vê no trabalho; ele olha de forma muito pessoal para cada um de nós em meio à grande massa, em que corremos o risco de submergir como um número. É o beneplácito dele, não o julgamento humano, que determina até mesmo nossa profissão. Por consequência, conseguimos realizar o trabalho “a partir de dentro” e fazer o melhor com alegria, ainda que as pessoas não vejam nem recompensem isso com reconhecimento. “Tudo o que fizerdes, fazei-o de coração como ao Senhor, e não para pessoas” [Cl 3.23] - uma palavra dirigida a escravos, que foi o lema da confirmação de Bismarck, sendo considerada digna de ser o lema de vida desse homem poderoso na liderança de um grande império. Agora também estamos precavidos contra os pensamentos pusilânimes de que em nossa posição insignificante e oprimida não precisamos levar as coisas tão a sério, tendo uma desculpa para um pouco de injustiça. Seremos chamados à responsabilidade! Já se disse muitas coisas, com zombaria ou ira, contra a “consolação cristã para o além”. Certamente um consolo vazio e fraudulento seria uma baixaria diante de quem abre mão de riqueza e felicidade terrenas. Mas visto que a herança divina é realidade, e que a esperança da vida maravilhosa para todos na terra é uma ilusão, constitui um auxílio íntegro e poderoso para nós o fato de que em todas as renúncias e privações e até mesmo sob a pressão de um trabalho monótono, mecânico, e mal-pago podemos saber que nossa existência terrena não é a única e que não fomos ludibriados quanto à realização plena da vida, ainda que agora nosso caminho nos leve por escuridão, sofrimentos e sacrifícios.

Se formos empregadores, superiores, mestres-de-obra e gerentes, carecemos de maneira especial da atitude correta frente a nosso serviço. Todos nós temos no sangue o “senhorio” errado, até mesmo quando teoricamente repudiamos o conceito “senhor”. Em Cristo nos é concedida a verdadeira “autoridade”, que concede de todo o coração o direito e a “igualdade” aos que nos são subordinados.

A IGREJA PARTICIPA DO SERVIÇO MISSIONÁRIO PELA ORAÇÃO E PELO TESTEMUNHO – CL 4.2-6

- 2 – Perseverai na oração, vigiando com ações de graças.**
- 3 – Suplicai, ao mesmo tempo, também por nós, para que Deus nos abra porta à palavra, a fim de falarmos do mistério de Cristo, pelo qual também estou algemado,**
- 4 – para que eu o manifeste, como devo fazer.**
- 5 – Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades.**
- 6 – A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para saberdes como deveis responder a cada um.**

- 2 Depois da vida doméstica Paulo passa a tratar novamente da igreja como um todo. Está em pauta a participação dela no serviço missionário através da oração e do testemunho. A oração está em primeiro lugar, por ser a ação decisiva. Nossa tradução “perseverar na oração” é por demais desgastada e não apreende integralmente o sentido de *proskarterein*. Orar precisa ser constantemente o alvo firme da vontade da igreja. Não pode ser realizada em segundo plano. Trata-se de um trabalho sério, para o qual é preciso abrir espaço permanentemente. Por essa razão a solicitação subsequente de “vigiar” não se refere somente à postura atenta e atenção interiores em contraposição à recitação sonolenta e indiferente na oração. “Vigiar” também deverá ser entendido literalmente como “vigília”. Como os colossenses, p. ex., os escravos, terão tempo suficiente para orar intensa e demoradamente? Vocês terão de sacrificar horas da noite, responde Paulo. É o que ele mesmo fazia, visto que seus dias estavam superlotados com trabalho para seu sustento, com evangelização, cuidado pastoral e correspondência da manhã até a noite. Agiu assim seguindo o próprio Senhor Jesus. Agora também os colossenses podem ingressar nesse mais importante dos serviços com a mesma determinação. Paulo confia que eles também não farão tais sacrifícios de mau grado, mas “**com ações de graças**”. É nisso que consiste primordialmente a solicitação tão importante: não permitir que a oração seja apenas pedir e interceder, mas permitir o devido espaço à gratidão por tudo que Deus já fez e concedeu. No entanto, uma oração com lúcida gratidão tem em mente todo agir e dar, proteger e ajudar de Deus. Será uma oração alegre, ainda que demande horas noturnas.
- 3s Essa oração dos colossenses também se torna cooperação na missão de Paulo. “**Suplicai ao mesmo tempo também por nós.**” É por isso que a oração é preciosa, pois por meio dela somos real e

ativamente envolvidos em obras geograficamente muito distantes. Porventura você deseja realizar algo grandioso em prol da gloriosa causa de Jesus, apesar de sua pequena força, de ser tolhido pelo trabalho profissional, da sua família em sua localidade, talvez até mesmo apesar de retido no quarto ou no leito pela idade avançada e pela enfermidade? Então torne-se uma pessoa que ora e “vigia nisso com ação de graças”!

Por que isso é assim? Por que até mesmo o grande e autorizado Paulo carece da oração dos colossenses? Porventura não tinha a incumbência, não tinha a rica experiência, não tinha o zelo ardente? Certamente que sim. Tampouco está sozinho, pois tinha junto de si colaboradores, com certeza Timóteo, como mostra no pedido o “nós”. No entanto, o que lhe cabe anunciar é “o mistério do Cristo”. Precisamente na presente carta ele apresentou esse mistério aos colossenses de forma poderosa. Agora sabem com clareza que na verdade o evangelho é a única resposta verdadeira às perguntas existenciais do ser humano, que a filosofia formula mas não responde, e que este evangelho também representa a única solução real para as aflições mais profundas do ser humano. Justamente por isso, porém, ele não é uma mensagem que qualquer pessoa possa compreender com facilidade ou que, como outras filosofias, possa ser apresentada de forma convincente com a necessária “oratória”. Jesus, o “primogênito de toda criação”, por meio do qual e em direção do qual tudo foi criado, Jesus, que “estabeleceu a paz por meio do sangue de sua cruz”, Jesus, com o qual nós podemos ser “co-mortos” e “co-ressuscitados” – que mistérios essenciais são esses que (como diríamos hoje) somente podem ser captados “existencialmente”! Por isso é preciso que, como outrora no caso de Lídia, Deus abra o coração para o evangelho. Paulo formula aqui: **“abrir uma porta da palavra”**. Esse genitivo não significa apenas “abrir uma porta para a palavra”. A palavra não é imaginada apenas como um dado objetivo que agora pode entrar no íntimo do ser humano pela porta aberta. Ao mesmo tempo a própria palavra é uma porta, ela própria possui uma força ativa que produz abertura, uma força que lhe precisa ser conferida por Deus. Isso se evidencia pelo fato de que as formulações seguintes se referem justamente à maneira correta da proclamação: **“a fim de dizer o mistério do Cristo, para que eu o torne manifesto, assim como tenho de dizê-lo.”** Sem dúvida “o mistério do Cristo” constitui determinado elemento objetivo, concedido de uma vez por todas em tudo que Deus realizou ou ainda realizará em Cristo, da criação até a consumação. Mas Paulo não pensa simplesmente de forma “ortodoxa”. Assim como “crer” não é simplesmente concordar com uma doutrina correta e reconhecida como tal, mas “ressuscitar junto com Cristo”, assim também a proclamação, o “dizer” do mistério de Cristo, é um “testemunhar” (1Co 4.15) e “dar à luz” (Gl 4.19). Importa “tornar manifesto” este mistério. Para isso existe uma “obrigação” divina. Mais uma vez cabe entender esse “tem de” de forma muito profunda e séria do que nosso uso desgastado da palavra inicialmente deixa transparecer. Essa “obrigatoriedade” divina não se cumpre simplesmente por si, mas precisa ser constantemente cumprida por Paulo e seus colaboradores. O ensino objetivamente correto (a doutrina “condizente com a Escritura”) poderia ser feito por uma bem-elaborada teologia pessoal, como no fundo sempre foi intenção de toda ortodoxia. Mas “dizer o mistério de Cristo assim como ele tem de dizê-lo” é algo que não pode ser alcançado nem mesmo pela melhor e mais correta teologia, por mais importante que de fato seja a clareza teológica. A força “de abertura” da palavra não é assegurada por nenhum tipo de zelo, por mais ardente que seja. Nenhuma “experiência” de longos anos de serviço abençoado garante alguma coisa neste caso. Sim, até mesmo a eleição e autorização fundamentais apenas apresentam a tarefa, sem lhe dar uma solução automática. Aqui há necessidade de que Deus “abra” e conceda, algo de que nenhum ser humano, nem mesmo um mensageiro autorizado e experiente dispõe. Unicamente Deus abre a porta da palavra. A cada hora Deus concede novamente o “como tenho de dizê-lo”. Por isso é preciso suplicá-lo sem cessar.

Não é por acaso que Paulo acrescenta: **“pelo qual também estou algemado.”** Isso não é apenas constatação de um fato. Por meio desse fato Paulo mostra aos colossenses como é estranho o “mistério do Cristo”. Não é uma “doutrina” que se pode considerar correta ou também rejeitar como incorreta. Ele acomete de tal forma o ser humano e possui relações tão profundas com sua natureza mais íntima que, ao ser rejeitado, suscita o ódio e a inimizade. Esse ódio é tão visceral que não se satisfaz com escárnio e palavras violentas. Pelo contrário, não sossega até ver o mensageiro dessa mensagem acorrentado. Precisamente nisso se apresenta mais uma vez aos colossenses o “mistério” do Cristo: assim como ele mesmo, o crucificado e assassinado, é o Redentor de todos e o vitorioso para Deus, assim ele, o Senhor do universo, conduz sua causa na terra por intermédio de um – homem algemado! Como é de veras maravilhoso não apenas o conteúdo do evangelho, mas

igualmente sua trajetória através do mundo! Será que os colossenses compreendem agora quanta oração perseverante, alerta e engajada precisa estar por trás de toda missão? Será que nós também compreendemos isso com eles?

O serviço da oração é decisivo. Mas ele se tornaria insincero se a pessoa que ora não se dispusesse pessoalmente também para o serviço de testemunhar. Oro por você, e em troca você fala, se empenha, luta e sofre por corações humanos – Este tipo de “divisão de trabalho” não existe na igreja. Os colossenses também participam do “falar”, do serviço missionário direto. Obviamente não como um “apóstolo”, que tem uma incumbência de amplitude mundial, ou como Timóteo, no serviço itinerante em determinados locais distantes. Contudo também eles têm um “lá fora”, para onde são enviados: as muitas pessoas em sua cidade que ainda estão “lá fora”. O NT ainda não tem conhecimento de todas aquelas estranhas constelações mescladas com que nos atormentamos hoje em dia. Em sua perspectiva a igreja de Jesus está claramente delimitada em relação aos “lá fora”. Ninguém podia ter dúvida sobre se fazia parte da igreja de Jesus ou ainda estava “lá fora”. A “hipocrisia”, o caso dos “falsos irmãos que penetraram na igreja”, é um caso à parte. Mas Paulo não esperava que os colossenses respondessem à sua instrução com a sofisticada objeção: afinal, não sabemos quem está realmente “dentro” e quem está de fato “fora”, pois é impossível enxergar dentro do coração de alguém. Os colossenses sabiam muito bem quem, em seu círculo de conhecidos e familiares, era “incrédulo” (ou seja, alguém que ouviu o evangelho, mas o rejeitou) e quem era “leigo” (ou seja, alguém que ainda era ignorante em relação ao evangelho).

É, pois, ali que reside a tarefa missionária dos colossenses. Agora, porém, Paulo não incentiva a igreja a maiores promoções evangelísticas. Na situação daquele tempo, a “evangelização pessoa-a-pessoa” era considerada decisiva. A grande oportunidade de evangelizar o povo é o constante encontro com pessoas “lá fora”, nas oportunidades proporcionadas pela profissão, pelo comércio, pela vizinhança e pelo trânsito. Inicialmente isso ainda não se refere à palavra dirigida ao outro. Disso Paulo falará depois. No começo trata-se de “**andar contra os de fora**”. Evidentemente preferiríamos traduzir o termo, muito utilizado, com “comportar-se diante”. Afinal, a presente passagem não quer dizer que nossa vida como cristãos, nossa conduta em si deve ter força de atração ou de convencimento. Pelo contrário, visa-se nosso contato direto com os outros, aparentemente já no sentido da conversa com eles. Porque no trato com os demais não se demanda coisas como “amor”, mas “sabedoria”. É óbvio que Paulo não precisa afirmar que a igreja não deve se isolar. Os cristãos relacionam-se de múltiplas formas com não-cristãos de todos os tipos. Paulo igualmente pressupõe que visam conquistar o outro nesse relacionamento, que esse assunto é o tema essencial nos diálogos. Mas importa-lhe que tudo isso aconteça “com sabedoria”. Na difícil tarefa do convívio correto com pessoas “lá fora” não basta apenas a boa vontade. A melhor das vontades e o mais ardente zelo estragam muita coisa quando as coisas são feitas de forma desajeitada e errada! Mas Paulo não considera a sabedoria inatingível para a igreja. Sabedoria é gerada pelo Espírito Santo, e o Espírito Santo habita nos crentes.

O adendo “**remir o tempo oportuno**” mostra que essa sabedoria específica não refere à aptidão no falar, mas a compreender a situação e reconhecer a hora certa para o testemunho eficaz. A linguagem daquela época tinha dois termos diferentes para nossa palavra “tempo”. *Chronos* (que conhecemos a partir das palavras “crônica” e “cronologia”) significa o curso do tempo de forma neutra, o tempo que vemos passando incessantemente no relógio. Em contraposição, *kairós* é o tempo qualificado, o “tempo certo”, a “hora certa”, o “momento favorável”. Como é tola a idéia de que pudéssemos dizer tudo a todos a qualquer hora! Uma mesma frase, em ocasião inoportuna, pode amargar e endurecer um coração e, na oportunidade certa, abrir e atingir salutarmente o mesmo coração. Por isso a sabedoria presenteada pelo Espírito precisa mostrar quando nos cabe falar e quando calar, quando interpelar a outra pessoa com firmeza e quando esperar com afetuosa paciência. A sabedoria espiritual nos ensina a reconhecer e aproveitar “a hora”, que talvez jamais retorne dessa forma no encontro com outra pessoa.

- 6 É evidente que na hora apropriada também é preciso falar a palavra correta. É disso que Paulo passa a falar. A frase começa literalmente: “**Vossa palavra sempre em *charis*, temperada com sal**” Falta um verbo, que precisamos acrescentar segundo nosso linguajar. A locução “em *charis*” aqui é muito difícil de traduzir. A palavra *charis* traz em si um grande número de conotações. Significa “graciosidade”, “amabilidade”, “encanto”, mas igualmente “graça”. Não temos expressão equivalente em nosso idioma. Se destacarmos a “amabilidade” da fala, faltará com certeza a referência também

intencional a seu “encanto”, e vice-versa. E em ambos os casos faltaria a conotação, tão clara ao ouvido grego, do conhecido termo cristão “graça”. Teríamos de parafrasear de uma maneira pouco fluente: “Sua palavra demonstre o jeito amável e encantador que é concedido pela graça”, ou “Sua palavra corresponda em seu jeito encantador e amável à graça que ela testemunha ao semelhante”. O adendo “temperado com sal” não é uma correção, a fim de excluir da uma falsa “debilidade” do aspecto “amável”. Afinal, não vem precedido de “mas igualmente”. Ou seja, Paulo descreve o aspecto cativante da palavra a partir de outro ângulo. Comida insossa, sem sal, não apetece a ninguém, e ninguém gosta de se servir dela em quantidade. Por isso a palavra de vocês deve ser “interessante” no bom sentido, deve despertar a vontade de ouvir mais, deve chamar a atenção e impressionar bem o outro. Deve realmente “ter algo a dizer”.

Porque na realidade nosso serviço não acontece em forma de “palestra”, mesmo que diante de um grupo pequeno. Realiza-se no diálogo. Quantas vezes o próprio Paulo deve ter exercido seu ministério desse modo, e com certeza não apenas em Atenas, onde é mencionado expressamente! Paulo não parte do pressuposto de que nosso testemunho sobre Jesus conquista o outro de imediato, e de forma alguma considera que nosso empenho fracassou se inicialmente resultar apenas perguntas e objeções. Porque essas perguntas e objeções na verdade dão prosseguimento ao diálogo e mostram que o outro foi atingido por nossa mensagem e se ocupa com ela. É evidentemente necessário, porém, que o cristão saiba responder! De nada adianta, nesse caso, a mera repetição de fórmulas conhecidas. Toda pergunta, toda objeção, tem uma coloração específica por causa da pessoa e da situação do parceiro de diálogo. Por isso é necessário **“que saibais como deveis responder a cada um”**. Não somente no grande serviço missionário de Paulo, mas também no diálogo tranqüilo na rua ou na casa em Colossos importa o “como” da proclamação e existe um “tem de” que requer concretização (cf. v. 4). Afinal, justamente como cristãos não podemos responder com hábil dialética nem fundamentar nossa mensagem de maneira tão plausível para o outro que ele entenda tudo e concorde com tudo. Pelo contrário, nossa resposta precisa ter o peso da premência divina, ela precisa vir de Deus para o coração e a situação do outro. A condução do diálogo evangelístico não é questão de “inteligência”, da arte de esgrima intelectual, de erudição científica. Muitas vezes uma pessoa simples, que ora e se serve da sabedoria do Espírito Santo, acerta com maior segurança esse “tem de” no diálogo. A palavra surpreendente, afetuosa e temperada com sal expressará exatamente aquilo que “tinha de” ser dito a essa pessoa naquele instante e que por isso também atinge o coração e a consciência como um golpe de espada.

COMUNICAÇÕES PESSOAIS – CL 4.7-9

- 7 – Quanto à minha situação, Tíquico, irmão amado, e fiel ministro, e conservo no Senhor, de tudo vos informará.**
- 8 – Eu vo-lo envio com o expresso propósito de vos dar conhecimento da nossa situação e de alentar o vosso coração.**
- 9 – Em sua companhia, vos envio Onésimo, o fiel e amado irmão, que é do vosso meio. Eles vos farão saber tudo o que por aqui ocorre.**

- 7 Aquilo que geralmente ocupa o centro de nossas cartas aparece aqui somente no final: a situação pessoal do autor da carta. No entanto, não se trata de uma questão meramente pessoal. Paulo, o procurador do Cristo, está detido e envolvido em um processo de vida ou morte. O desfecho desse processo tinha a maior relevância para a história subsequente da missão mundial e para a vida da igreja de Jesus. Por isso muitas igrejas, entre elas evidentemente também a de Colossos, aguardavam ansiosamente por notícias. Tampouco o próprio Paulo considerou seu destino algo secundário, mas como parte necessária de sua vocação e como inevitável participação nos “sofrimentos de Cristo”. Ele já assinalara isso nesta carta, em Cl 1.24 e 4.3. O anseio da igreja por maiores detalhes sobre o estágio do processo e a continuação do trabalho de Paulo era considerado justo por Paulo, de modo que envia especialmente um de seus colaboradores para levar a carta a Colossos, para informar pessoalmente acerca de tudo. Hoje compreendemos isso novamente muito bem, depois que a resistência da igreja Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial mostrou como é difícil dar uma noção real da “situação” por escrito, e como é necessária a viva informação oral. Afinal, reveste-se de extrema importância que as igrejas encontrem desde já também a correta sintonia interior com

aquilo que ouvem. Também nisso Tíquico deve ajudar os colossenses. Por isso também aqui o *parakalein* (cf. o acima exposto sobre Cl 2.2) não significará simplesmente “consolar”, mas abrangerá todo o “encorajamento” que é necessário em vista da “situação”.

O próprio **Tíquico** vem da província da “Ásia”, da qual faz parte Colossos. Ele era o representante das igrejas da Ásia Menor na comissão que acompanhou Paulo na entrega do grande donativo das igrejas gentias cristãs à primeira igreja em Jerusalém (At 20.4; 1Co 16.3s). Por isso não deve ser desconhecido dos colossenses. Paulo, porém, volta a salientar o quanto ele ama e valoriza esse homem como irmão, como servo e colaborador. Não é possível chegar à conclusão se aqui a palavra “servo” (*diákonos*) deve ser entendida apenas como referência geral para o trabalho de colaboração de Tíquico ou já, em certa medida, como “título”. De qualquer maneira temos de nos distanciar completamente da concepção corrente que corresponde à nossa habitual visão da história, de que Paulo tenha realizado seu enorme trabalho de forma extremamente solitária. Pelo contrário, precisamos vê-lo em estreita comunhão de trabalho com muitas pessoas, que são seus “**conservos no Senhor**” e que ele classifica como tais até mesmo quando se submetem à liderança dele. Tíquico possui a mesma incumbência para Éfeso (Ef 6.21). Seu envio a essa comunidade, aparentemente com o intuito de uma permanência naquela cidade durante mais tempo, é mencionado também em 2Tm 4.12. Depois talvez venha a substituir Tito em Creta, para que este possa reunir-se rapidamente com Paulo em Nicópolis (Tt 3.12).

No caso de Éfeso somente Tíquico foi mencionado como portador das notícias. Na viagem a Colossos ele é acompanhado por Onésimo. Pela carta a Filemom conhecemos melhor esse escravo fugido, que veio de Colossos para Roma, onde aceitou a fé por meio de Paulo (Fm 10). De que maneira delicada, com a sabedoria do amor, Paulo presta um serviço a ambos, aos colossenses e a Onésimo! Para o escravo fugido não era fácil retornar para Colossos. Agora tem o privilégio de ir como mensageiro de Paulo, e aos colossenses foi mostrado o modo como devem se portar diante desse fugitivo: agora ele é para eles o “**fiel e amado irmão**”, da mesma forma e pelo fato de que é “irmão” para Paulo. Alguém que saiu da própria Colossos lhes trará, portanto, informações detalhadas sobre Paulo.

- 8s** Como é precária e distorcida nossa concepção daquela época quando lemos as cartas que nos foram transmitidas somente como escritos teológicos doutrinários de um pensador solitário! Apesar da distância histórica, aquele tempo está muito mais próximo de nós em sua vitalidade humana natural do que em geral presumimos. Por essa razão essas frases pessoais são tão importantes para comunicar essa “proximidade”! Como leitores da Bíblia faremos muito bem se pararmos um instante e imaginarmos a cena da chegada de Tíquico e Onésimo em Colossos, portando essa carta. Vinham da parte de Paulo; não de um santo sobrenatural que passava a vida escrevendo a “Bíblia”, mas de uma pessoa genuinamente humana, cuja mão eles tinham apertado, cujo som de voz, com seu timbre especial, eles haviam ouvido, com o qual dialogaram e cujas emoções sinceras eles experimentaram por um período. Da mesma forma estavam também em Colossos em meio a um outro grupo de autênticas pessoas, cuja fé não era um esquema abstrato, mas uma trajetória de vida cheia de lutas e perguntas, como acontece também conosco. Essas pessoas, pois, ouviam a carta assim como também nós a podemos sorver viva e pessoalmente na leitura.

As saudações finais também nos ajudam a obter um quadro apropriado da situação.

SAUDAÇÕES FINAIS – CL 4.10-18

- 10 – Saúda-vos Aristarco, prisioneiro comigo, e Marcos, primo de Barnabé (sobre quem recebestes instruções; se ele for ter convosco, acolhei-o),**
- 11 – e Jesus, conhecido por Justo, os quais são os únicos da circuncisão que cooperam pessoalmente comigo pelo reino de Deus. Eles têm sido o meu lenitivo.**
- 12 – Saúda-vos Epafras, que é dentre vós, servo de Cristo Jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus.**
- 13 – E dele dou testemunho de que muito se preocupa por vós, pelos de Laodicéia e pelos de Hierápolis.**
- 14 – Saúda-vos Lucas, o médico amado, e também Demas.**
- 15 – Saudai os irmãos de Laodicéia, e Ninfa, e à igreja que ela hospeda em sua casa.**

16 – E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai por que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodicéia, lede-a igualmente perante vós.

17 – Também dizei a Arquipo: atenta para o ministério que recebeste no Senhor, para o cumprires.

18 – A saudação é de próprio punho: Paulo. Lembrai-vos das minhas algemas. A graça seja convosco!

10 Ao ler a Bíblia, talvez tenhamos, por longo tempo, passado por cima dessas linhas finais de saudações, considerando-as pouco importantes e monótonas. Nomes, saudações – que valor teria isso! Não tratam de “problemas”, não trazem explicações “edificantes”. Mas aqui a vida concreta da igreja realmente ativa está particularmente próxima de nós! E quantas coisas nos comunicam até mesmo as breves observações amorosas que Paulo acrescenta aos nomes.

Há apenas três homens judeus colaborando com Paulo, um número dolorosamente pequeno para o apóstolo, que é pessoalmente judeu e ama profundamente seu povo com as enormes dádivas e promessas de Deus. Mas esses três estão definitivamente presentes, atestando que Deus não rejeitou seu povo (Rm 11.1). Por isso “**tornaram-se um consolo**” especial para Paulo. Não é fácil para nós ter uma idéia apropriada do peso que representou para Paulo presenciar repetidamente que multidões de “gentios” vinham a Jesus, o Cristo, e seu povo, o Israel eleito, se negava, de modo que apenas poucos da circuncisão se tornavam crentes em Jesus. Mas por isso Paulo se alegrava de forma bem especial com esses poucos, e certamente era uma grande satisfação para ele que o homem que compartilhava de sua prisão era um israelita. O fato de que neste caso Paulo utiliza a tão rara expressão colaborador “**para o reino de Deus**” certamente tem a ver também com o fato de que ele aqui fala de homens judeus. A “*basileia tou theou*” ou “*malkut Jahve*”, a “soberania de Deus” é e não deixa de ser uma expressão israelita.

10 **Aristarco** vinha de Tessalônica (At 20.4; 27.2) e como Tíquico fez parte da delegação que levou as ofertas das igrejas fundadas por Paulo a Jersusalém. Ele havia participado da obra de Paulo em Éfeso (At 19.29) e por isso certamente era conhecido de diversas pessoas também em Colossos. Na viagem do apóstolo detido para Roma ele é mencionado de forma muito especial (At 27.2), ou seja, partilhava já naquele tempo o cativo de Paulo. Na carta a Filemom não é ele, mas Epafras quem aparece como “co-detento” na lista de saudações, sem que possamos descobrir a razão disso.

Marcos é oriundo de Jerusalém e na realidade se chama João. Sua mãe Maria tinha uma casa em Jerusalém, que ela disponibilizava para reuniões da igreja (At 12.12). Presumivelmente foi apresentado a Paulo por meio de seu primo Barnabé e foi levado como ajudante na primeira viagem missionária (At 13.5). Provavelmente ainda era jovem. Nessa viagem, porém, fracassou e retornou por conta própria a Jerusalém (At 13.13), de modo que Paulo não quis mais levá-lo na segunda viagem (At 15.37). A seriedade da rejeição de Paulo contra um sujeito jovem que fugira diante das penúrias e dos perigos da missão pode ser depreendida do fato de que Paulo permitiu que essa questão se tornasse causa da ruptura com Barnabé (At 15.39). Tanto mais prazer temos em saber, por meio da saudação na presente carta, que aconteceu uma reconciliação e de que Marcos novamente é alvo de consideração no serviço de Paulo (Cf. também 2Tm 4.11). Parece que a vida de fé de João Marcos remonta a Pedro, com o qual mantém estreitas relações (1Pe 5.13), uma circunstância que confirma para nós que a ligação entre Paulo e Pedro também era sincera.

11 **Jesus Justo** é mencionado unicamente na presente passagem; não temos nenhuma outra indicação a respeito de sua trajetória pessoal. Seja como for: um israelita que ousava reconhecer em Jesus o Messias de Israel e em seguida até mesmo formava uma sólida comunhão de trabalho com alguém como Paulo tinha de ser uma pessoa íntegra, na qual Deus havia realizado algo grandioso.

12s Na seqüência saúdam três cristãos que saíram das nações. Já conhecemos **Epafras** de Cl 1.7s como fundador da igreja em Colossos. Aqui ele recebe a mesma designação “escravo de Cristo Jesus” (cf. nota 78) com que Paulo eventualmente denomina também a si mesmo no serviço para o Senhor (Fp 1.1; Tt 1.1). Mas aqui temos mais uma visão da natureza desse homem! Não se contenta em que a igreja em Colossos agora esteja fundada, em que ele teve a oportunidade de conduzir pessoas à maravilhosa conversão. Em seu coração vibra o mesmo “Adiante! Avante!” que constatamos em Paulo (cf. o comentário a Cl 1.9-14). Os colossenses devem tornar-se “**pessoas totais**”. Talvez seja essa a melhor tradução de *teleioi*, a fim de evitar qualquer falso “perfeccionismo”. Em Fp 3.12 e 15 Paulo diferenciou entre *teleleiomai* e *teleioi*. “Não estou perfeito,

pronto, no alvo”, mas na igreja devem existir *teleioi* = “pessoas totais”, em contraposição com toda a personalidade dividida, oscilante, insegura. Como o próprio Paulo em Cl 2.2, também Epafras está preocupado com que a certeza dos colossenses, justamente diante de todas as influências que tentam penetrar nela, seja firme e concisa. Devem ter essa certeza “**em toda a vontade de Deus**”. Afinal, a igreja de Jesus não possui o “deus dos filósofos”, o deus “em repouso”, sobre o qual se reflete e se reúne informações de forma racional, mas o “Deus vivo”, que é “vontade” e que por isso age conosco e também deseja ter nossa vontade viva engajada na ação em prol de sua grande causa. Aqui no final da carta mais uma vez se torna explícito todo o contraste com nosso cristianismo “acadêmico”. Por isso também toda a carta tratou unicamente da pergunta: o que Deus deseja da igreja? Será que ele requer o cumprimento de feriados, a abstinência de determinadas coisas, será que ele visa nosso relacionamento com poderes angelicais? Ou será que ele deseja única e integralmente nossa vida em e com Cristo mediante a fé? Também as frases aparentemente especulativas de Cl 1.15-20 serviram exclusivamente para responder a essa questão. Epafras está totalmente unido com Paulo nessa atitude básica. Por isso tem muito claro diante de si o alvo da igreja fundada por ele. Mas como ele tenta, agora, alcançar esse alvo? Ele “luta” pelos colossenses. Mas não recorrendo a exortações, apelos e medidas disciplinares eclesiais, mas com – orações. Quanta confiança essas pessoas devem ter depositado na oração! Que grandes oradores devem ter sido! Para Epafras e para Paulo, a preservação de uma igreja de Jesus não é brincadeira, nem apazível atividade secundária, mas uma questão de muita labuta. Mas essa labuta é, em primeiro lugar, “oração”. Como Paulo teria gostado de emitir o bom atestado em vista dessa concordância na concepção da obra! Nesse empenho Epafras não se restringe apenas a Colossos, mas também se considera responsável pelas igrejas vizinhas em Laodiceia e Hierápolis.

- 14 Todos nós conhecemos **Lucas**, autor do terceiro evangelho e de Atos dos Apóstolos, cujos trechos escritos na primeira pessoa do plural já evidenciam sua estreita ligação com Paulo. Isso é confirmado nesta missiva. Lucas é mencionado em 2Tm 4.11 como alguém que restou sozinho ao lado de Paulo, e brevemente em Fm 24 como “colaborador”. O presente versículo nos diz que ele era médico. Isso não deixa de ser importante. Paulo, portanto, tinha um médico em seu grupo mais próximo e entre seus colaboradores, e obviamente não defendia que Lucas tivesse de abandonar a profissão como pessoa realmente crente. Isso se reveste de relevância para a questão da atitude do cristão frente ao médico. Paulo acrescenta à designação “**Lucas, o médico**” ainda um cordial “o amado”.

“**E Demas.**” Paulo não diz nenhuma palavra adicional sobre ele, o que é digno de nota neste contexto em que todos os nomes recebem, de certa forma, alguma especificação. Será que naquela ocasião Paulo já estava um pouco insatisfeito com Demas? Será por isso que não podia, a bem da verdade, acrescentar algo mais amistoso? Em 2Tm 4.10 nos é dito que Demas não suportou ficar junto de Paulo. De forma alguma poderemos falar de “apostasia”. Afinal, Paulo sabe para onde Demas viajou: para Tessalônica, i. é, certamente foi para a igreja de lá. No entanto, ficar ao lado de Paulo parece perigoso demais para ele, está apegado à existência terrena. É precisamente esse o sentido da expressão: “passou a amar a era presente”.

- 15 [15] Na seqüência Paulo ainda encomenda saudações pessoais. Os laodicenses na verdade receberiam uma carta própria, mas as duas cidades ficavam tão próximas que deve ter ocorrido um intenso intercâmbio também entre as igrejas. É esse intercâmbio que Paulo visa fomentar, incumbindo-os de saudações uns aos outros. Essas saudações são endereçadas de maneira mais específica a uma pessoa, que reuniu sua família e sua igreja em uma comunidade caseira, de maneira análoga ao que fez Filemom em Colossos.

Paulo entregou várias cartas a Tíquico, que na verdade deveria visitar diversas igrejas na Ásia Menor. As cidades vizinhas Colossos e Laodiceia deverão trocar suas cartas entre si. Observamos aqui um pouco da forma como surgiu o “Novo Testamento”. Desde o começo as “Sagradas Escrituras”, isto é, o “AT”, haviam sido lidas na reunião da igreja para o culto, segundo o costume da sinagoga. Agora também um escrito apostólico que chega é lido oficialmente perante a igreja, e com certeza não apenas uma vez. Contudo, havia um interesse em ouvir também epístolas de Paulo que haviam sido dirigidas a igrejas vizinhas, e a carta dirigida à própria igreja era passada adiante de bom grado. As cartas emprestadas eram copiadas, de modo que estivessem sempre à mão. Aos poucos a leitura pública de trechos das cartas tornou-se costume nos cultos da igreja. Para isso as cartas eram colecionadas, e dentre elas escolhia-se determinado número que era usado concordemente por todas as igrejas. Assim o “Novo Testamento” tornou-se “Escritura” normativa para as igrejas ao lado do

“Antigo Testamento”. O próprio Paulo tinha interesse em que inicialmente pelo menos igrejas próximas também fizessem uso da oportunidade de participar daquilo que ele havia apresentado a toda a comunidade cristã em uma missiva. Na realidade não havia uma “igreja” abrangente organizada. Apesar disso Paulo reconhecia em cada congregação local a igreja de Jesus, razão pela qual considerava as igrejas locais obviamente como uma unidade, como o “corpo do Cristo”. Expressou isso claramente sempre que endereçava uma carta. Por isso, em uma época que ainda não conhecia a imprensa, ele tenta fomentar a unidade e comunhão das igrejas por meio do intercâmbio das epístolas dirigidas às igrejas.

17 “E dizei a Arquipo...” Parece que a igreja em Colossos é numericamente tão pequena que ela pode dizer algo a Arquipo como um todo. Não sabemos mais nada sobre Arquipo. Ele também é mencionado em Fm 2. A partir da forma como ele é mencionado naquele texto, vários intérpretes tentaram concluir que ele era um filho de Filemom. Assumiu um “serviço” na igreja. Embora fosse tarefa de todos os membros da igreja “ensinar” e “exortar” (Cf. o comentário a Cl 3.16), toda a comunhão precisa, em longo prazo, de determinadas funções que precisam ser firmemente assumidas por algumas pessoas. Não é dito que incumbência Arquipo tinha. Mas deve ter sido uma função importante, talvez a de liderar no lugar de Epafras, que estava junto de Paulo (e conforme Fm 23 até mesmo estava preso com ele). Recebera essa função “**no Senhor**”. Já constatamos que a igreja é uma “equipe com um cabeça”. É o próprio cabeça que distribui os “serviços” em seu corpo, que são assumidos nele. Isso, porém, não exclui o engajamento de toda a vontade, a entrega pessoal e a responsabilidade própria, muito pelo contrário. O serviço deve e pode ser realizado plena e integralmente. É essa a exortação. Uma exortação assim não precisa nos levar a imaginar que Paulo tivesse recebido notícias negativas a respeito do trabalho de Arquipo. Quando um serviço demandava o constante empenho de toda a atenção e energia, ele não se realizava com facilidade e por si só. Não é vergonha nem sinal de insatisfação que a irmandade exorta o detentor do serviço de forma repetida, assim como Paulo também considerava necessária a constante admoestação em uma igreja desperta e viva, não tendo cessado, em Éfeso, “de exortar cada um sob lágrimas” (At 20.31). Neste momento Paulo não exerce a exortação pessoal e diretamente, mas remete-a com delicado tato à irmandade.

Até aqui Paulo ditou a carta. Agora ele assina de próprio punho com uma saudação (cf. 1Co 16.21; Gl 6.11; 2Ts 3.17; Fm 19). É a saudação do mártir, que, por causa de sua situação, ordenada pelo Senhor, sim, mas mesmo assim difícil, está muito preocupado em permanecer na comunhão e na intercessão da igreja: “**Lembrai-vos das minhas algemas.**” – Trata-se do breve desejo que engloba tudo, porque a graça do grande Jesus abarca tudo de que a igreja precisa: sabedoria, redenção, santificação, consumação. Foi exatamente isso que a carta evidenciou. Por isso: “*A graça convosco!*”

¹Boor, W. d. (2006; 2008). *Comentário Esperança, Carta aos Colossenses; Comentário Esperança, Colossenses* (4). Editora Evangélica Esperança; Curitiba.